

TICUNA

CIBEC/INEP



B0029981



O LIVRO DAS ÁRVORES

MEC/SEF/OGPTB

(=081)
881

Presidente da República:

Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação e do Desporto:

Paulo Renato Souza

Secretário Executivo:

Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Fundamental:

Iara Glória Areias Prado

Diretora do Departamento de Política da Educação Fundamental:

Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Farha

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas:

Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Equipe Técnica:

Deuscreide Gonçalves Pereira, Deusalina Gomes Eirão, Célia Honório Pereira, Andréa Patrícia Barbosa de Carvalho, Cristiane de Souza Geraldo.

Comitê de Educação Escolar Indígena:

Iara Glória Areias Prado-Presidente, Susana Martelleti Grillo Guimarães, Meiriel de Abreu Sousa, Luís Donisete Benzi Grupioni, Sílvio Coelho dos Santos, Aldir Santos de Paula, Rosely Maria de Souza Lacerda, Jadir Neves da Silva, Darlene Yaminalo Taukane, Alice Oliveira Machado, Valmir Jesi Cipriano, Algemiro da Silva, Nietta Lindemberg Monte, Bruna Franchetto, Terezinha de Jesus Machado Maher, Nilmar Gavino Ruiz, Marivânia Leonor Furtado Ferreira, Júlio Wiggers, Álvaro Barros da Silveira, Gersen José dos Santos Luciano e Walderclace Batista dos Santos.

O LIVRO DAS ARVORES

2ª EDIÇÃO

PRÊMIO FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL - 1997
MELHOR LIVRO INFORMATIVO
MELHOR PROJETO EDITORIAL

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILINGUES
BENJAMIN CONSTANT AMAZONAS BRASIL

1998

PROJETO EDUCAÇÃO TICUNA

COORDENAÇÃO GERAL:

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGÜES

PUBLICAÇÃO:

ORGANIZAÇÃO, PROJETO GRÁFICO E ARTE-FINAL:
JUSSARA GOMES GRUBER

REVISÃO:

FRANCISCO JULIÃO FERREIRA
BERNARDO DE SOUZA AGOSTINHO

DESENHOS DA CAPA:

MANUEL ALFREDO ROSINDO e DUQUITO EMÍLIO MARQUES

APOIO FINANCEIRO:

PROGRAMA REGIONAL DE APOIO AOS POVOS INDÍGENAS DA BACIA DO AMAZONAS
FUNDO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA (FIDA)
CORPORAÇÃO ANDINA DE FOMENTO (CAF)



DIREITOS AUTORAIS:

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES
TICUNA BILÍNGÜES (OGPTB), 1997.

ISBN 85-86992-01-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

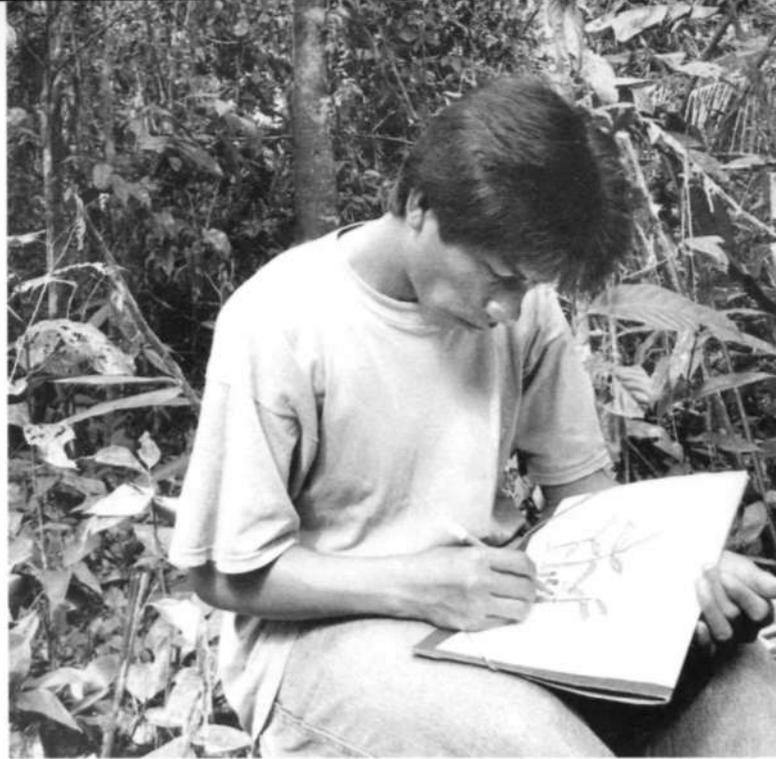
O livro das árvores / Jussara Gomes Gruber (organizadora).
Benjamim Constant : Organização Geral dos Professores
Ticuna Bilíngües, 1997.
96 p. : il.

1. Índios Ticuna. 2. Educação Indígena. 3. Flora Amazônica.
I. Gruber, Jussara Gomes.

Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües
Caixa Postal 0023 - Benjamin Constant - AM - Brasil
CEP 69630-000

Fotolitos: EPS • EXPRESS PRINT SERVICE

Impressão: Gráfica e Editora Brasil Ltda

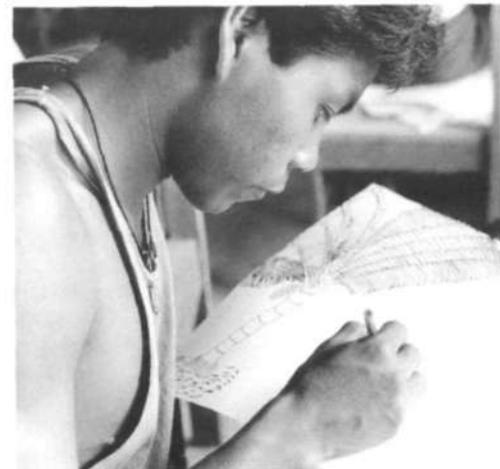


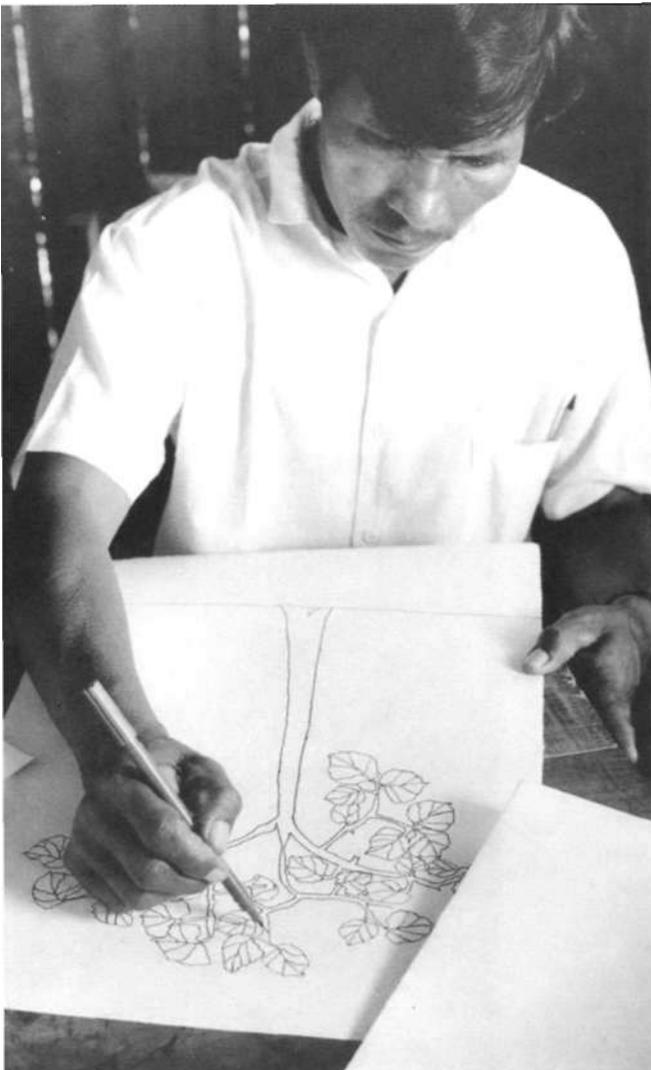
AUTORES



ABEL JULIÃO FERREIRA ADÉLIA LUIS BITENCOURT ADELMO FERNANDES
ADELSON JUMBATA AFONSO B. AMÉRICO ALBERTINO DO CARMO FARIAS
ALBERTO BALBINO IZIDÓRIO ALBERTO B. UTO ALCIDES LUCIANO ARAÚJO
ALCIDES OLÍCIO IZAQUE ALEIXO RITA MIGUEL ALFREDO Q. GERALDO
ALÍDIO S. AUGUSTO ALTINO DA SILVA ALBINO ALÚRDIA A. AIAMBO
ANITA FERMIN VASQUES ANITA JULIÃO SANTIAGO ANÍZIO G. PEREIRA
ANÍZIO ROBERTO DA SILVA ANTELMO PEREIRA ÂNGELO ANTÔNIO J. RAMOS
ARINDAL CASTILHO INÁCIO ARLINDO T. ALBINO ARNALDO CORREIA
FIDÈLES ARSENIO FERNANDES TORRES ARTAETE P. BARBOSA ARTÊMIO
BIBIANO MURATÚ ARTEMISIA DA S. ROSINDO ARTUR CÂNDIDO ARAPASSO
AUGUSTO J. MARCOS BEATRIZ DA SILVA GOMES BERNABÉ BITENCOURT
SERRA BERNARDO DE SOUZA AGOSTINHO BERNARDO MARCULINO AIAMBO
BETO FERNANDES TORRES BETOVEM MANOEL MÁRIO BRINDOSO MARTINS
DICK CARLINDO MACÁRIO MANDUCA CARLINDO PEDRO FIRMINO CARLOS
ALBINO SANTANA CARMELITA PEDRO VEL CLDBERGHT C. FELIX CLÁUDIO
MARIANO FERNANDES CLAUDIONOR NICANOR AUGUSTO CLOVES MARIANO
FERNANDES CRISTÓVÃO ANTÔNIO VITOR CRISTÓVÃO FERNANDES ALMEIDA
CRISTÓVÃO GUIMARÃES CACIANO CRISTÓVÃO MAURÍCIO DAMIÃO ABÍLIO
JOSÉ DAMIÃO CARVALHO NETO DARCIANO MANDUCA BIBIANO DARCY
AUGUSTO FIDÉLIS DÁRIA G. QUIRINO DARITA J. RAMIRES DAVI FELIPE
DAVI F. CECÍLIO DAVI FIDÉLIS ROGÉRIO MACÁRIO DELMIRO JOÃO FÉLIX
DENÍSIO FIRMINO DEUMAR ANDRÉ PEREIRA DEUSDETE PARCIA FÉLIX
DINO GERALDO ALEXANDRE DIÓCINO SAMPAIO FÉLIX DIODATO OTAVIANO
AIAMBO DOMINGO PEREIRA DOS SANTOS DOROTÉIA F. FELIPE DUQUITO
EMÍLIO EDILSON ALMEIDA EDMUNDO VASQUES FERNANDES ELIANO GUEDES
DO CARMO ELIAS A. FERNANDES ELIAS AGOSTINHO ABELAEZ ELIAS
FIDÉLIS THOMÁS ELIUDE MANDUCA ATAÍDE ELSO FACHIA VENÂNCIO
EMERSON C. RODRIGUES ENÉZIO PARENTE GERALDO EPITÁCIO DA SILVA
ERMERINDO J. APRÍCIO ERUDES FELIPE CASTRO ETEVIR HORÁCIO
VASQUES EUCLIDES CUSTÓDIO RABELO EUCLIDES DOS SANTOS EVANDRO
B. JOÃO EVANDRO SENA MACÁRIO ÉZARO SATURNINO SANTANA FÁBIO
ANTÔNIO DEMÉTRIO FANITO MANDUCA ATAÍDE FAUSTINO MACÁRIO ÂNGELO
FAUSTO A. ROSINDO FÉLIX PINTO GOMES FLAMÍNIO JOAQUIM DA SILVA
FLORIANO MARCOS CUSTÓDIO FLORINDA COSTÓDIO MANOEL FRANCISCO
CARVALHO FRANCISCO DA SILVA FRANCISCO GONÇALVES ATAÍDE
FRANCISCO HONORATO MENDES FRANCISCO JULIÃO FERREIRA FRANCISCO
DO CARMO FRANCISCO S. LIBERATO FRANCISCO TENAZOR TANANTA GENO
MAXIMIANO BRUNO GENTIL ALEXANDRE REINO GENTIL DE SOUZA BRUNO
GERALDINO F. GUSTAVO GEREMIAS RAIMUNDO FERREIRA GIDEL MAURÍCIO
GILBERTO ALVES TERTULIANO GILBERTO ROMÃO SALVADOR GILDO
AUGUSTINHO SAMPAIO GILDO G. DO CARMO GILDO GUILHERME FIDELES
GILSON GERÓNIMO MANOEL GUILHERME SEVALHO PERES HENRIQUE
SALVADOR HERMELINDA AHUÊ COELHO HERMÍNIA MARTINS GUEDES HILDA
PEDRO TOMÁS HORACIO ATAYDE IRACY FERNANDES ARAÚJO ISAQUE
GASPAR TOMÁS ISMAEL ADÉRCIO CUSTÓDIO ISMAEL CÂNDIDO DA SILVA
IZABEL A. BASTOS JANICE PEDRO TOMÁS JAZÃO PEREIRA DOROTÉIO

JESUS CAETANO FANÁRIO JOÃO ALMEIDA VASQUES JOÃO CLEMENTE
 GASPAR JOÃO LAURIANO JOÃO OTAVIANO AIAMBO MARTINS JOÃO
 OTAVIANO DO CARMO FILHO JONAS JORGE IRINO DA SILVA JOSÉ CARLOS
 BARBOSA JOSÉ COSTÓDIO MARQUES JOSÉ DA SILVA JOSÉ GABRIEL DE
 ARAÚJO JOSÉ GUEDES TENAZOR JÚLIO MARIANO LUIZ JÚLIO PEDRO
 IDELFONSO JUSCELINO TAVANA GUEDES JUSTINO MIGUEL ALEXANDRE
 LAUREANO M. BENEDITO LAURENTINO G. BEZERRA LAURO MENDES GABRIEL
 LIMBERDES DIONÍZIO FIDÉLIS LINO O. FERNANDES LIVERINO H. OTÁVIO
 Lívio MAURÍCIO LUCIMAR TERTULIANO LUCINDA MANOEL SANTIAGO
 LUZMARINA HONORATO MENDES MANOEL JERÔNIMO INÁCIO MANOEL
 PISSANGO TENAZOR MANOEL ROMUALDO FARIAS MANOEL TENAZOR
 MANUEL ABÍLIO OVÍDIO MANUEL A. ROSINDO MANUEL GUEDES RAMOS
 MANUEL NERY MANUEL P. MARCELINO MARCULINO RAMOS FERNANDES
 MARIA DO SOCORRO C. DE LIMA MARIA ELZA L. GERALDO MARIA FLAUZINA
 CEZÁRIO MARIA F. SALVADOR MARIA ISAULINA FÉLIX MARIA TEREZA
 RAMOS ALBERTO MARIA TEREZINHA FERNANDES ATAÍDE MARINA GUEDES
 FABÁ MELITO ATAÍDE GONÇALVES MELITO G. FIDÉLIS MIGUEL AVELINO
 FIRMINO MISSIONÁRIO MIGUEL MOISÉS MACÁRIO NAZARÉ ARCANJO
 ELEOTÉRIO NAZARÉ MACEDO TENAZOR NAZARENO BELÉM MARCOS
 NAZARENO PEREIRA CRUZ NAZARENO SAMPAIO FÉLIX NELI PEDRO INÁCIO
 NESTOR VALDECI DOS SANTOS NIBISON MARCELINO SALVADOR NICODEMO
 JUMBATO DOS SANTOS NÍDIA ARCANJO ELEUTÉRIO NILDA ANDRÉ ALONSO
 NILORDEN CUSTÓDIO FÉLIX NILSON ADELINO JOÃO NINO FERNANDES
 NOGENEI LIMA INÁCIO OFIR MARCOLINO AIAMBO OLÓVIO A. SAMPAIO
 ONDINO CASEMIRO ORLANDA SALVADOR SANDOVAL OSÉIAS PAULO
 FERNANDES OSMAN ALFREDO FÉLIX BASTOS OSVALDO ALFREDO AVELINO
 OZINO BENEDITO PEDRO PAULINO FIRMINO PITE PAULINO M. SANTIAGO
 PAULO FELIPE OLÍMPIO PAULO GUEDES FARIAS PAULO PLÁCIDO PAULO
 RAMOS LOPES PEDRO DOS SANTOS GASPAR PEDRO ROMÃO DOS SANTOS
 PEPI BATALHA HAYDENS PLÍNIO C. BARROS RAFAEL O. AIAMBO RAIMUNDO
 CARNEIRO AIAMBO RAIMUNDO FIDÉLIS MANUEL RAIMUNDO LEOPARDO
 FERREIRA RAIMUNDO M. FRANCISCO RAIMUNDO P. BITENCOURT RAINHA
 COSTÓDIO FIRMINO RAUL MARCOS CUSTÓDIO RAULINO JUVELINO RABELO
 REINALDO OTAVIANO DO CARMO RICARDO FANÁRIO RITA BONIFÁCIO NAVAS
 ROBERTINHO DA SILVA RONALDO MARIANO TENAZOR ROSALVE FLORES
 FELIPE RUFINO OVÍDIO SAMUEL GONZAGA SAMUEL RAMOS SANSÃO
 RICARDO FLORES SANTO CRUZ M. CLEMENTE SATURNINO JESUÍNO JUMBATO
 SEBASTIÃO AUGUSTO TORRES SEBASTIÃO G. LUCIANO SEBASTIÃO J.
 RODRIGUES SEBASTIÃO RAMOS NOGUEIRA SILDOMAR ESTOLANDO SÍLVIO
 A. BASTOS SÍLVIO S. CARVALHO SIXTO SAMPAIO FARIAS TADEU JORGE
 SÉRGIO TARCÍLIO TAUANA BATALHA TELES PEDROSA MARIANO TERÊNCIO
 TAVANO TERTULINO IRINEU VALDEMIR H. JONAS VALDINO MOÇAMBITE
 MARTINS VALDIR ALEXANDRE VALDOMIRO DA SILVA VALGNÉIA TENAZOR
 WALDIR ALEXANDRE WALDIR CARVALHO WILMAR AUGUSTO DE SOUZA
 WILSON DÁRIO DA COSTA WILSON DOS SANTOS MANOEL XISTO BATISTA
 MURATÚ ZEQUINHO FIRMINO LAURENTINO ZEZINA RABELO LUCIANO.





PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

DALVINA MARIQUINHA EDUARDO
MANOEL RITA
HENRIQUE ANACLETO
GETÚLIO NINO ATAYDE
MANOEL THOMÁS
JAIME CUSTÓDIO MANUEL
CONSTANTINO RAMOS LOPES

AGRADECIMENTOS:

A JUAN CARLOS SCHULZE,
PELA COMPREENSÃO E APOIO.
A MARIA DA GLÓRIA BORDINI,
PELA REVISÃO DO PORTUGUÊS.

APRESENTAÇÃO

Este livro faz parte do projeto "A natureza segundo os Ticuna", iniciado em 1987.

As primeiras atividades desse projeto constaram do levantamento de dados e da elaboração de desenhos sobre a flora e a fauna regionais. Essas informações, pesquisadas e registradas pelos professores ticuna, deveriam compor materiais didático-pedagógicos para apoiar as aulas de ciências nas escolas das aldeias. Com o passar do tempo, as idéias foram se aperfeiçoando. Hoje em dia, o projeto desenvolve uma série de outras atividades, voltadas especialmente para a educação ambiental, passando a integrar o programa do Curso de Formação de Professores Ticuna — Habilitação para o Magistério, promovido e administrado pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües. Dessa forma, os conhecimentos trabalhados durante os cursos se multiplicam através dos 210 professores e chegam aos 7 mil alunos das 90 escolas ticuna situadas nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá e Santo Antônio do Içá, no estado do Amazonas.

Conscientes da necessidade de trabalhar, a partir da escola, uma proposta mais específica de conservação dos recursos naturais existentes nas áreas já demarcadas, os professores ticuna decidiram dividir por temas o material levantado e publicar o primeiro livro de uma série: o livro das árvores.

Este livro, portanto, apresenta a intensa e rica relação dos Ticuna com as árvores que formam a floresta, focalizando o valor e o significado de várias espécies, preferencialmente nativas, para a sua sobrevivência física e cultural.

Não se trata de um livro de botânica, mas de uma memória das árvores, que permite aos Ticuna recordar a importância de cada uma delas na sua vida. Folheando página por página, compreende-se as razões que os levam à defesa e preservação de suas florestas, um patrimônio que deverá ser eterno, passando de pai para filho, como uma herança das mais belas e mais ricas.

O livro acolhe o olhar dos Ticuna sobre a natureza que os cerca e lhes serve de morada, trazendo textos e imagens que fixam suas concepções do real e do imaginário, numa linguagem onde se entremeiam conhecimentos práticos, valores simbólicos e inspiração poética.

Cabe destacar que os desenhos aqui apresentados, com exceção de dois, foram elaborados individualmente, ao passo que os textos são resultado de uma produção coletiva, baseados em um saber de domínio também coletivo.

Este livro é dedicado principalmente às crianças e adolescentes, alunos das escolas Ticuna. Mas seria importante que também fosse lido pelas crianças não-índias das tantas escolas do país. Elas poderiam conhecer os Ticuna, contemplar seus desenhos e aprender sobre a floresta amazônica através da palavra de seus habitantes mais antigos.

Jussara Gomes Gruber

A floresta é a coberta da terra.



Aqui nós nascemos. Aqui viveremos para sempre.

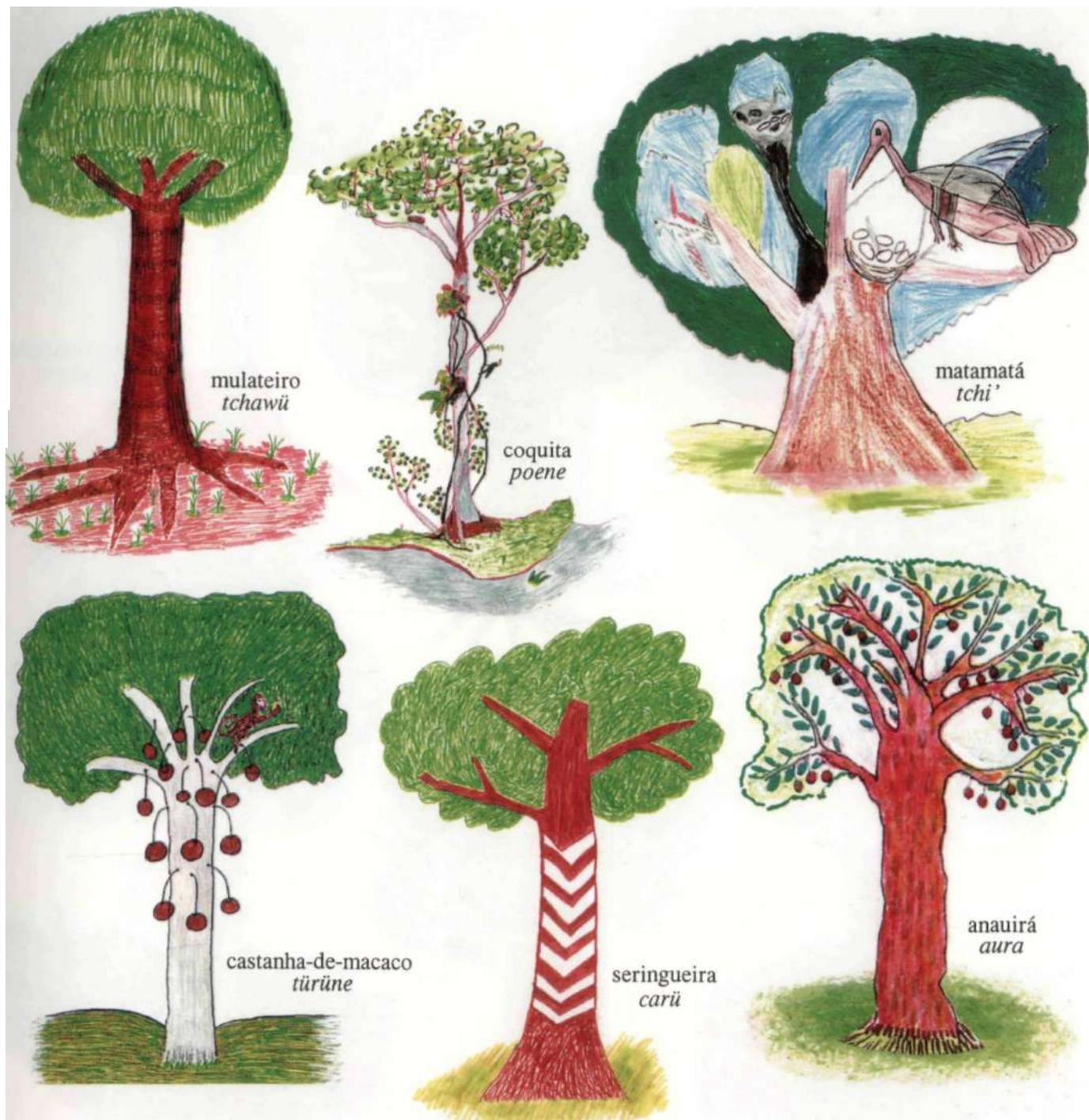


Na terra do povo Ticuna tem lagos, igarapés, rios, igapós, paranás.
Tem árvores altas e baixas. Grossas e finas. Com âmago e sem âmago.
Tem árvores verde-escuro e verde-claro.



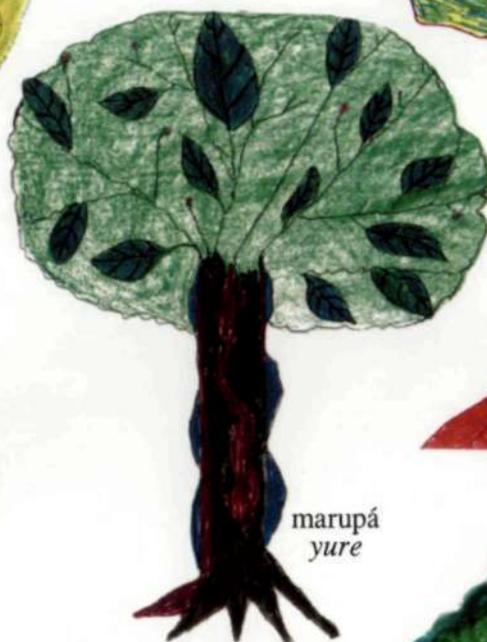
Tem árvores amarelas, vermelhas e brancas, quando dão flor.
A floresta parece um mapa com muitas linhas e cores.
Mas não é para ser recortado.

Uma árvore é diferente da outra.
E cada árvore tem sua importância, seu valor.
Essa variedade é que faz a floresta tão rica.





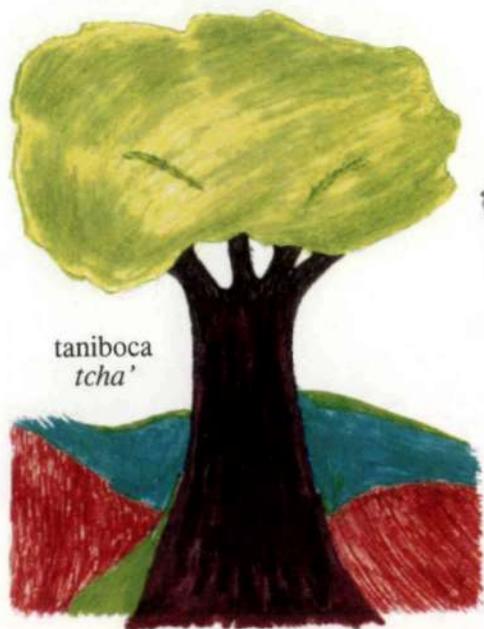
envireira
ivira



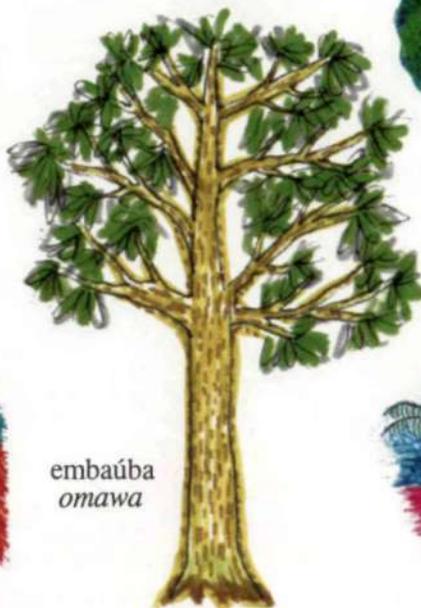
marupá
yure



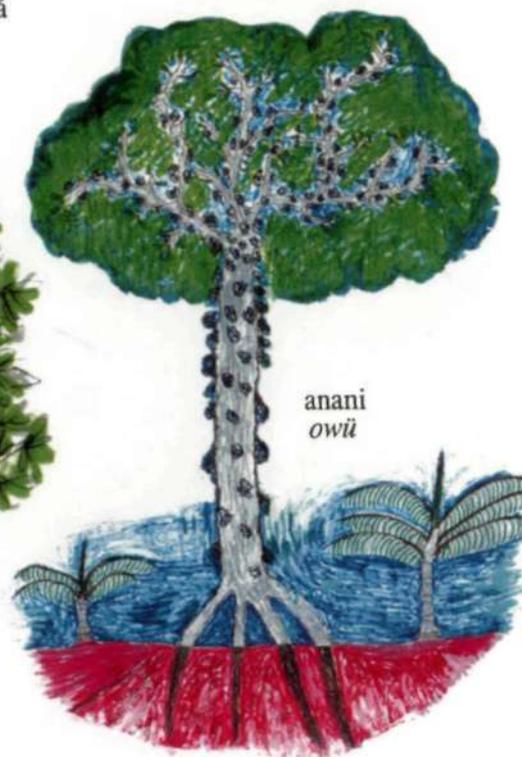
maçaranduba
bübüri



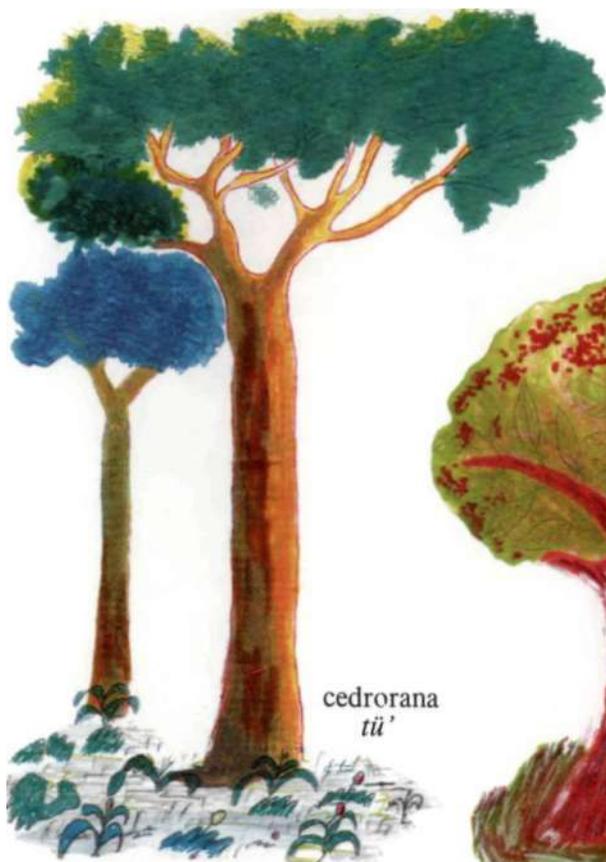
taniboca
tcha'



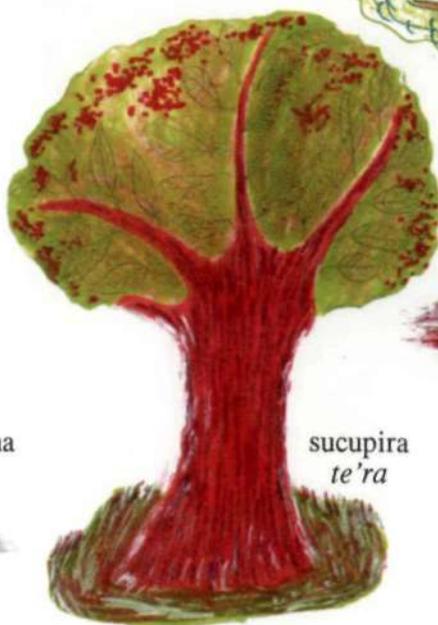
embaúba
omawa



anani
owü



cedrorana
tü'



sucupira
te'ra



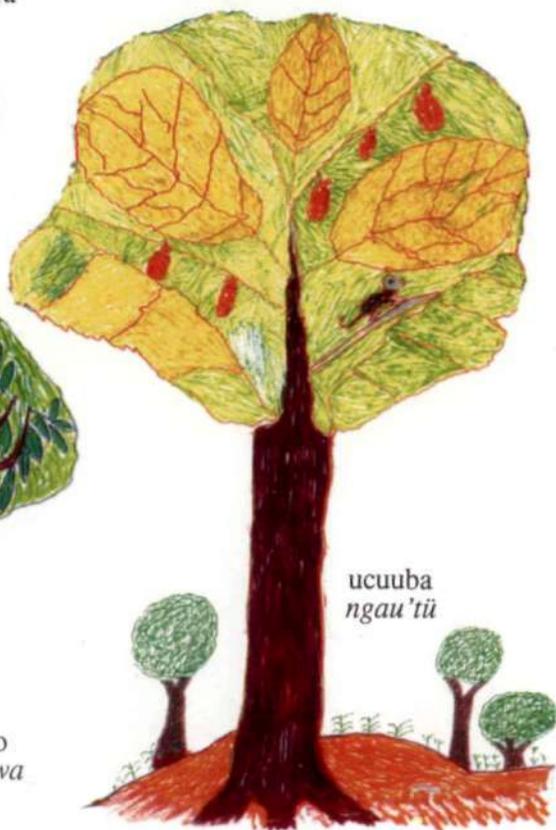
acapu
tche'e



louro
arupane



cedro
ocayiwa



ucuuba
ngau'tü

As árvores existem há muitos anos no mundo. Muito antes do início da existência do povo Ticuna.



A SAMAUMEIRA QUE ESCURECIA O MUNDO

No princípio, estava tudo escuro, sempre frio e sempre noite.

Uma enorme samaumeira, *wotchine*, fechava o mundo, e por isso não entrava claridade na terra.

Yo'i e *Ipi* ficaram preocupados. Tinham que fazer alguma coisa. Pegaram um caroço de araratumcupi, *tcha*, e atiraram na árvore para ver se existia luz do outro lado. Através de um buraquinho, os irmãos enxergaram uma preguiça-real que prendia lá no céu os galhos da samaumeira.

Jogaram muitos e muitos caroços e assim criaram as estrelas.

Mas ainda não havia claridade.

Yo'i e *Ipi* ficaram pensando e decidiram convidar todos os animais da mata para ajudarem a derrubar a árvore. Mas nenhum deles conseguiu, nem o pica-pau. Resolveram, então, oferecer a irmã *Aiciüna* em casamento para quem jogasse formigas-de-fogo nos olhos da preguiça-real.

O quatipuru tentou, mas voltou no meio do caminho. Finalmente aquele quatipuruzinho bem pequeno, *taine*, conseguiu subir. Jogou as formigas e a preguiça soltou o céu. A árvore caiu e a luz apareceu.

Taine casou-se com *Aiciüna*.



Do tronco da samaumeira caída formou-se o rio Solimões.
De seus galhos surgiram outros rios e os igarapés.

A MOÇA DO UMARI

Quando a samaumeira caiu, ficou ainda o toco, que na língua Ticuna se chama *napüne*. É a parte que fica na terra quando alguma árvore é derrubada.

No toco da samaumeira as folhas continuavam brotando. Isso preocupou *Yo'i* e *ipi*, pois a árvore poderia crescer de novo.

Colocaram sobre o toco um jabuti enorme para que ele comesse as folhas. Mas o jabuti não dava conta, porque as folhas cresciam sem parar. Então, os irmãos chegaram bem perto e puderam escutar o coração da samaumeira: tou, tou, tou! Ele ainda estava vivo. *Ipi* tentou tirá-lo com o machado, mas o coração pulou bem longe. Uma borboleta pegou o coração, depois o calango e por fim ele foi parar com a cutia. A cutia saiu correndo e plantou o caroço do coração.

Yo'i foi atrás, procurou, procurou e acabou encontrando o caroço. Levou, então, para plantá-lo no seu terreno.

Depois de um tempo, nasceu uma árvore de umari, *tetchi*. Assim surgiu o umari: do coração da samaumeira.

A árvore botou folhas, flores e frutos.

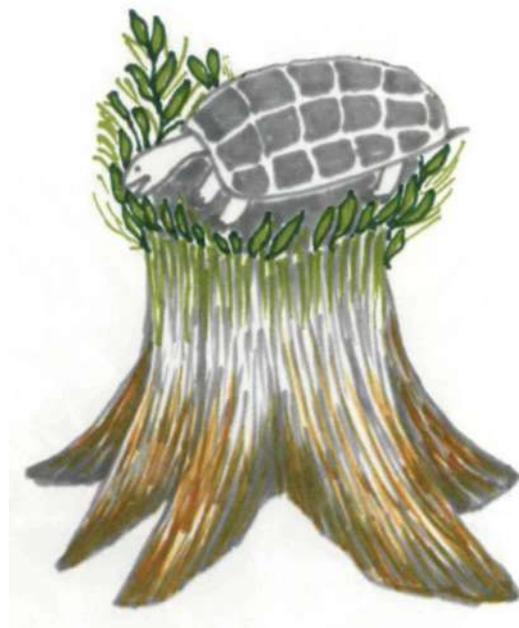
As folhas pequenas, quando caíam no chão, viravam sapos pequenos.

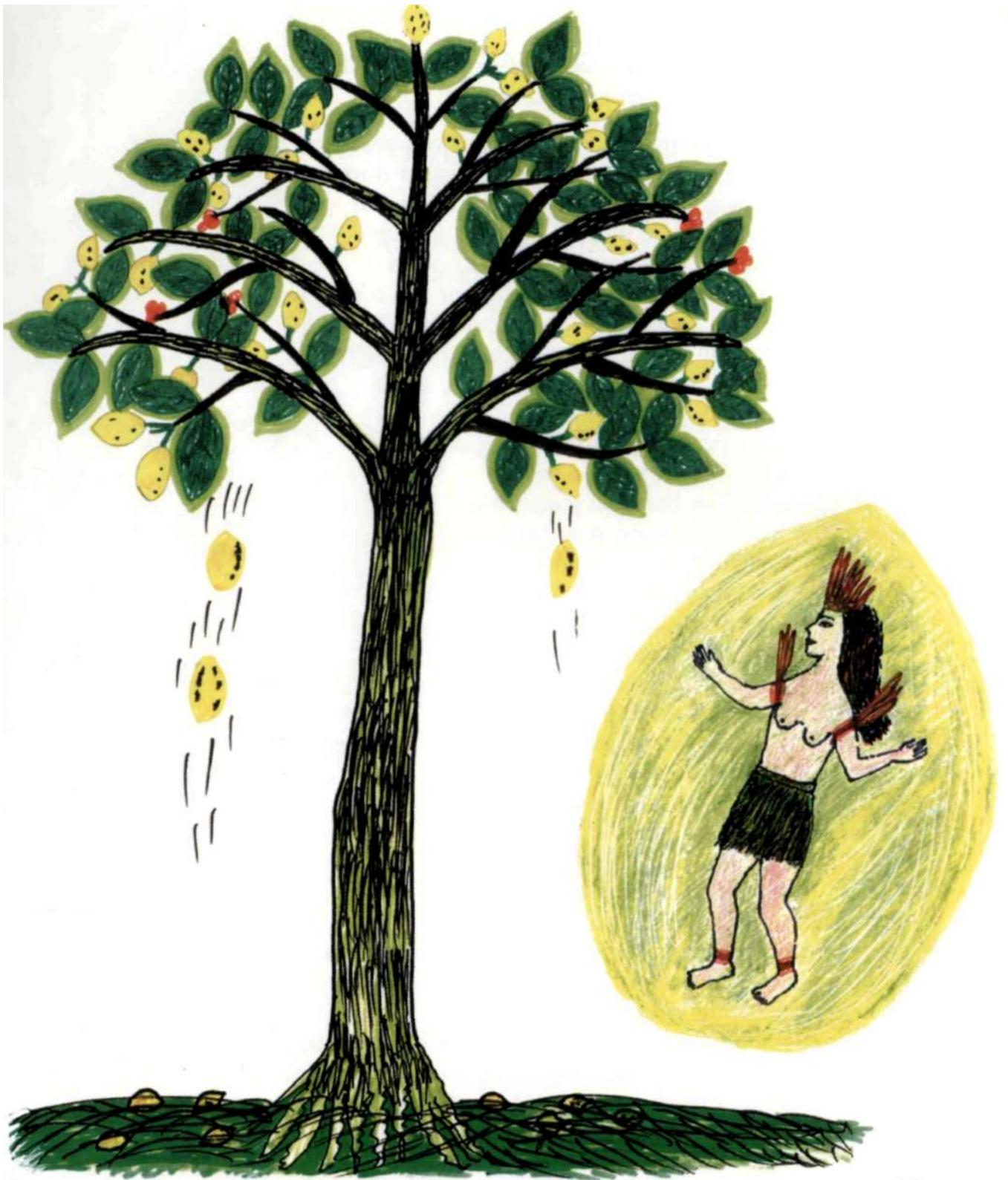
As folhas grandes viravam sapos grandes.

As frutas também começaram a cair.

A última delas se transformou numa moça muito bonita, que se chamou *Tetchi arü Ngu'i*. "a última fruta do umari".

Yo'i levou a moça para ser sua mulher.





O JENIPAPO E A ORIGEM DAS PESSOAS

Tetchi arü Ngu'i era mulher de *Yo'i*, mas ficou gestante de *Ipi*. *Yo'i* não gostou disso e resolveu castigar o irmão. Assim que a criança nasceu, *Yo'i* mandou *Ipi* buscar jenipapo, e, para pintar o menino. Quando *Ipi* subiu na árvore, ela começou a crescer, crescer, quase alcançando o céu. *Ipi* sofreu muito, mas por fim conseguiu apanhar uma fruta. Desceu da árvore transformado em tucandeira, trazendo o jenipapo na boca. *Yo'i* mandou *Ipi* ralar a fruta sem parar. Ele ralou, ralou, ralou, até que ralou seu próprio corpo.

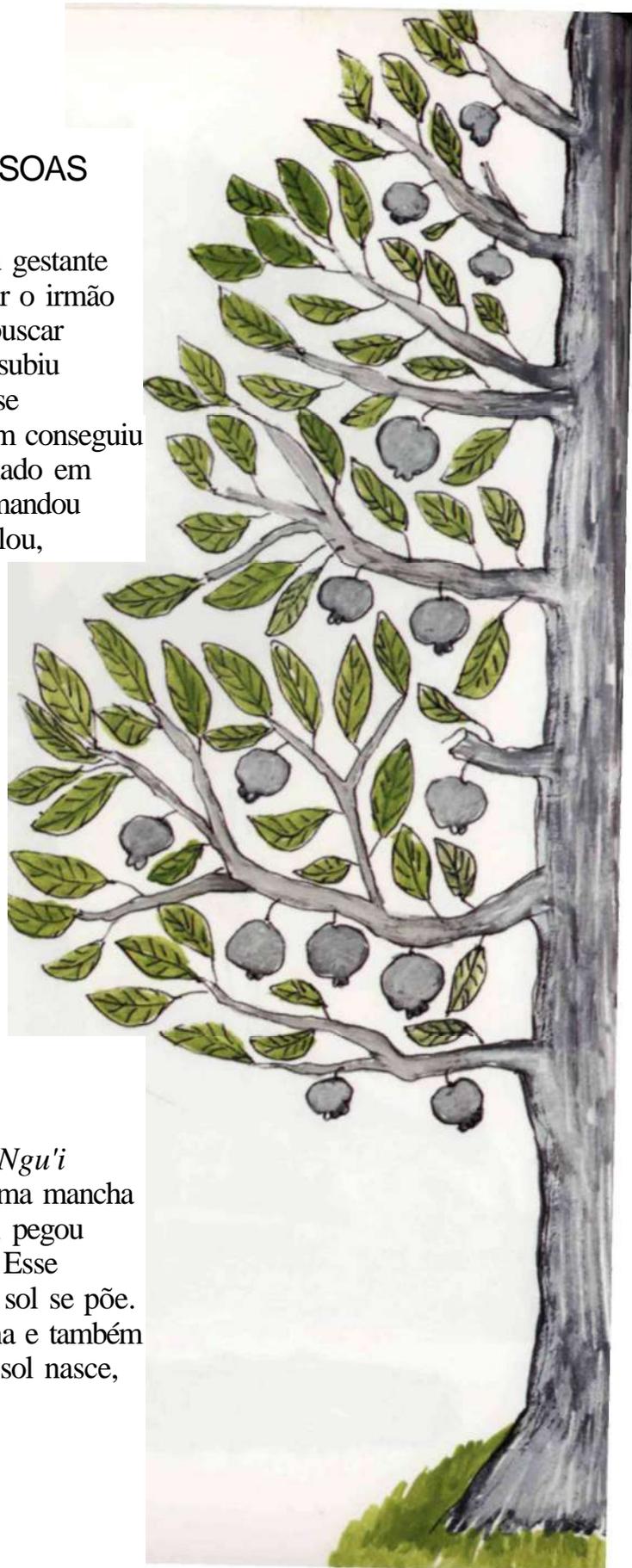
Tetchi arü Ngu'i pegou o sumo do jenipapo e pintou o filho. Depois jogou a borra no igarapé *Eware*. A borra do jenipapo desceu pela água e foi parar num lugar com muito ouro. Depois tornou a subir, já transformada em peixinhos, numa grande piracema. Quando a piracema passou, *Yo'i* fez um caniço e foi pescar, usando caroço de tucumã maduro.

Mas os peixes, quando caíam na terra, viravam animais: queixada, anta, veado, caititu e muitos outros. Aí *Yo'i* usou isca de macaxeira, e com essa isca os peixinhos se transformavam em gente.

Yo'i aproveitou e pescou muita gente.

Mas seu irmão não estava entre essas pessoas.

Yo'i, então, entregou o caniço para *Tetchi arü Ngu'i* e ela conseguiu fisgar um peixinho que tinha uma mancha de ouro na testa. Era o *Ipi*. *Ipi* saltou em terra, pegou o caniço e pescou os peruanos e outros povos. Esse pessoal foi embora com *Ipi* para o lado onde o sol se põe. Da gente pescada por *Yo'i* descendem os Ticuna e também outros povos que rumaram para o lado onde o sol nasce, inclusive os brancos e os negros.





O jenipapo é muito importante na nossa cultura.

A pintura com jenipapo protege a vida das pessoas contra doenças e outros males.

Quando uma criança nasce, seu corpo é pintado.

Quando ela fica um pouco maior, seu corpo é novamente pintado durante a festa.

A menina, quando fica moça, também recebe uma pintura com jenipapo na sua festa de iniciação.

Nessa mesma festa, todos os participantes pintam o rosto com jenipapo: crianças, jovens, adultos e velhos.

Essa pintura do rosto serve para mostrar a nação de cada pessoa.



O jenipapo também dá nome a uma nação. Estes desenhos mostram maneiras diferentes de representar a pintura da nação de jenipapo.

AS ÁRVORES E AS NAÇÕES

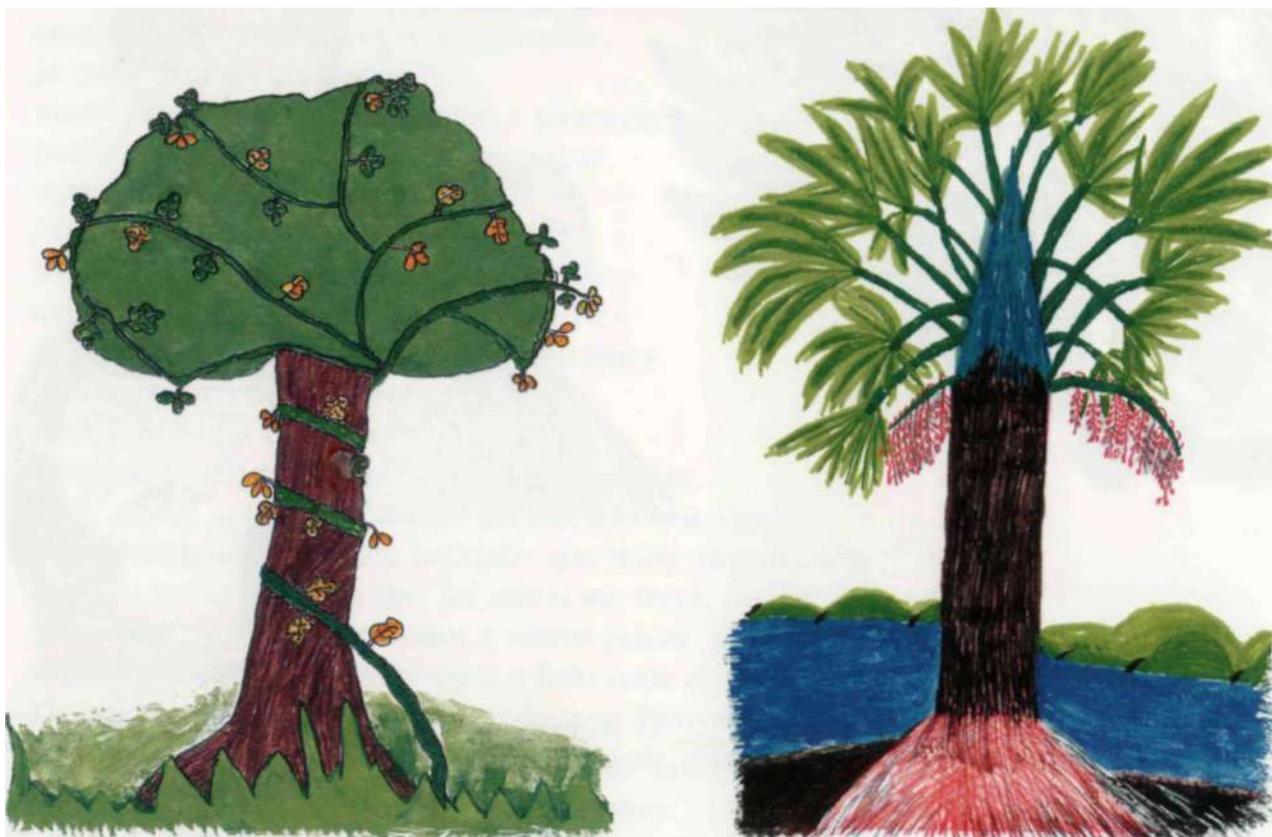
Cada um de nós Ticuna pertence a uma nação, *naciüã*, que em português também pode se chamar clã.

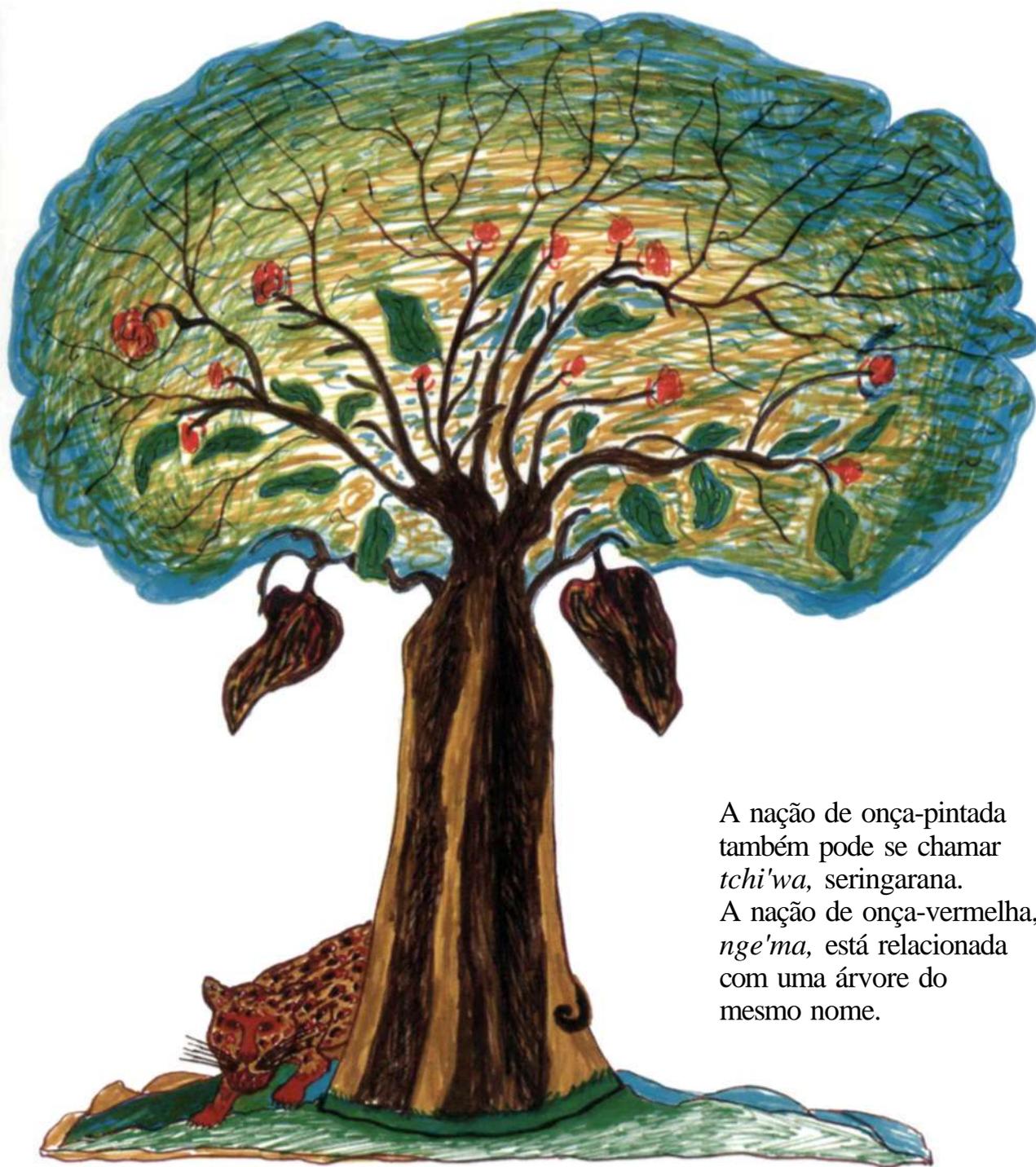
Alguns animais e algumas árvores dão nome a essas nações. Assim as pessoas sabem com quem devem e com quem não devem se casar.

As pessoas que pertencem às nações de avai, jenipapo, saúva, buriti ou onça só podem se casar com pessoas que tenham nação "de penas", *ãtchiü*, como maguari, mutum, arara, japó ou galinha. Os filhos herdam a nação do pai. Desde o princípio foi assim.

A história conta que antigamente o povo de *Yo'i* estava todo misturado.

Ninguém tinha nome e ninguém podia se casar. Então *Yo'i* preparou um caldo de jacarerana e deu um pouco para cada pessoa. Provando do caldo, a pessoa descobria a sua nação. Depois disso, as pessoas começaram a se casar.





A nação de onça-pintada também pode se chamar *tchi'wa*, seringarana. A nação de onça-vermelha, *nge'ma*, está relacionada com uma árvore do mesmo nome.

AS ÁRVORES DO EWARE

Eware é a nossa terra sagrada.

É o começo do mundo,
onde foi criado o povo Ticuna.

Nesse lugar corre o igarapé que também se chama *Eware*.

Das águas do *Eware* nosso deus *Yo'i* nos pescou.

Eware, tuas árvores e tuas águas
são nossa herança.

Os velhos contam que as árvores do *Eware* são diferentes.

A mata é baixa, nunca cresce e nunca morre.

Tem muita sorva, buriti, açaí, ingá, cupuí, araçá,
bacaba, bacuri, mapati, sapota, pamá.

Também tem muitas flores.

Essa vegetação do *Eware* se chama *bunecü*,
porque é sempre pequena e nova como uma criança, *bue*.



O *Ewara* é protegido por animais e gente encantada. De cada lado do igarapé ainda estão a casa de *Yo'i* e a de *Ipi*, assim como amigamente. Também está o caniço que os irmãos usaram para pescar os animais e as pessoas.

NAINECÜ

Nainecü é o conjunto de árvores de várias espécies. É a floresta toda.

Olhando de cima, parece tudo igual. Mas quem vive dentro da floresta sabe que cada árvore tem seu lugar para nascer, dar flores e frutos.

Algumas árvores são próprias da terra firme, como a abiurana, cedrorana, jatobá, patauí, matamatá, sorva, tento, anauirá, pamá, muirapiranga, araratucupi, taniboca, castanheira, coquita, louro, acapu, cumaru, Jutaí, tucumã, copaiba, aguano, andiroba, guariúba, castanha-de-paca.

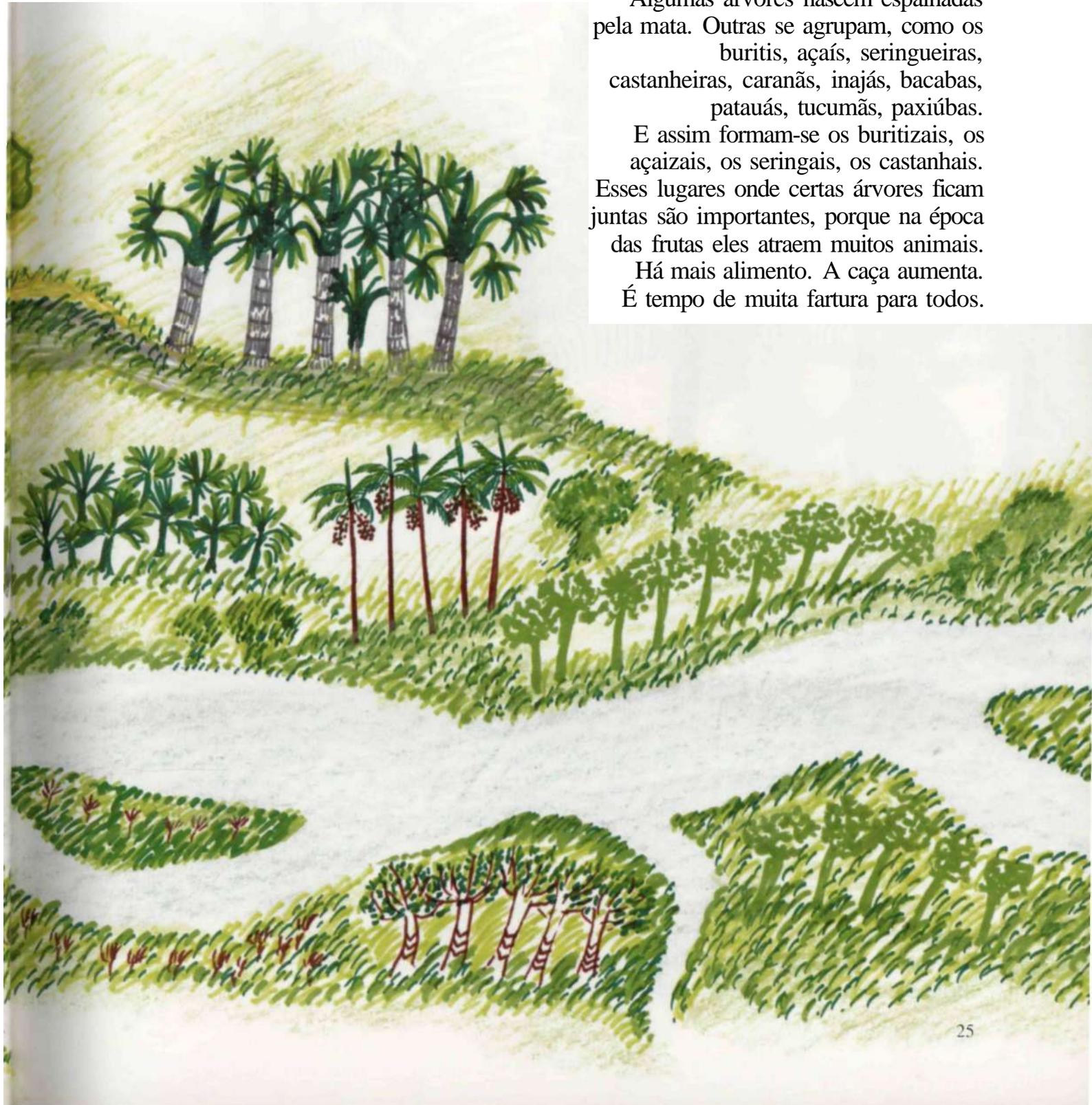
Outras nascem na várzea, como a castanha-de-macaco, apuí, mulateiro, pau-brasil, samaumeira, seringueira, taxi, ucuuba, arapari, urucurana, jenipapo, louro-cheiroso, taperebá, taniboca-da-várzea, jacareúba, paracuuba, açacu, envireira, cacau, embaúba, bacuri, maubarana, capinuri, pau-de-colher, caxinguba.



Algumas árvores nascem espalhadas pela mata. Outras se agrupam, como os buritis, açais, seringueiras, castanheiras, caranãs, inajás, bacabas, patauás, tucumãs, paxiúbas.

E assim formam-se os buritizais, os açazais, os seringais, os castanhais. Esses lugares onde certas árvores ficam juntas são importantes, porque na época das frutas eles atraem muitos animais.

Há mais alimento. A caça aumenta. É tempo de muita fartura para todos.





O açazal, *wairanecü*, atrai principalmente as aves, como jacamim, jacu, maracanã, papagaio, mutum, periquito, arara-azul, arara-vermelha, curica, bem-te-vi, japó, marianita, tucano, inambu. E também alguns animais, como cutia, cutiara, anta, caititu e macacos.



O buritizal, *temaneci*, atrai animais como anta, caititu, veado, jabuti, cutia, cutiara, queixada, quatipuru, paca, tatu, cuatá, macaco-barrigudo, macaco-guariba, macaco-da-noite. E certas aves, como inambu, tucano, papagaio, mutum, arara. As araras gostam de fazer seus ninhos nos troncos secos dos buritis.

AS ÁRVORES E SEUS DONOS

A floresta é a coberta da terra.

É a casa dos animais.

É onde nós vivemos.

É onde também vivem outros seres.

Alguns desses outros seres nós chamamos de *nanatü*, que significa "dono", "pai" ou "mãe" das árvores, dos animais, dos peixes, das águas.

São seres que cuidam há milhares de anos de tudo que existe na natureza, assim como nós cuidamos de nossos filhos e de nossas roças.

O buritizal tem dono,

o açaizal tem dono,

o seringal tem dono,

o caranazal tem dono,

a samaumeira tem dono,

a sorveira tem dono.



WUWURU é um bicho que vive no meio do buntizal. Ele é o dono do buriti, *tema*. Os velhos contam que o *Wüwürii* mata as pessoas fazendo cócegas e depois as devora. Todo tempo ele fica limpando o buritizal e juntando as frutas. Tem dentes fortes, cabeça meio pelada, unhas grandes e esporões nos pés.

HISTÓRIA DO WÜWÜRÜ E O CAÇADOR

Certo dia, um homem que era caçador quis conhecer o *Wüwürii*. Chegou bem debaixo de um pé de buriti e pensou "Vou trepar neste buritizeiro para conhecer o seu dono. Quero ver que jeito ele tem". Quando o homem estava lá no alto do buritizeiro, vinha chegando o *Wüwürii* cá embaixo. Aí ele pegou uma fruta de buriti e atirou o caroço na cabeça do bicho. Atirou duas vezes. O *Wüwürii* pensou que era uma marianita. Atirou de novo e o *Wüwürii* disse:

— Ai, marianita!

Aí o homem achou graça e o bicho pôde ver o caçador lá em cima. O *Wüwürii* fez o caçador descer e deu-lhe uma surra de cócegas. O caçador, com medo de morrer, falou:

— Solta-me, porque o meu irmão já vai chegar! Quando apareceu o irmão, que era bem valente, eles começaram a brigar com o *Wüwürii*. Depois que estavam muito cansados de lutar, o caçador falou:

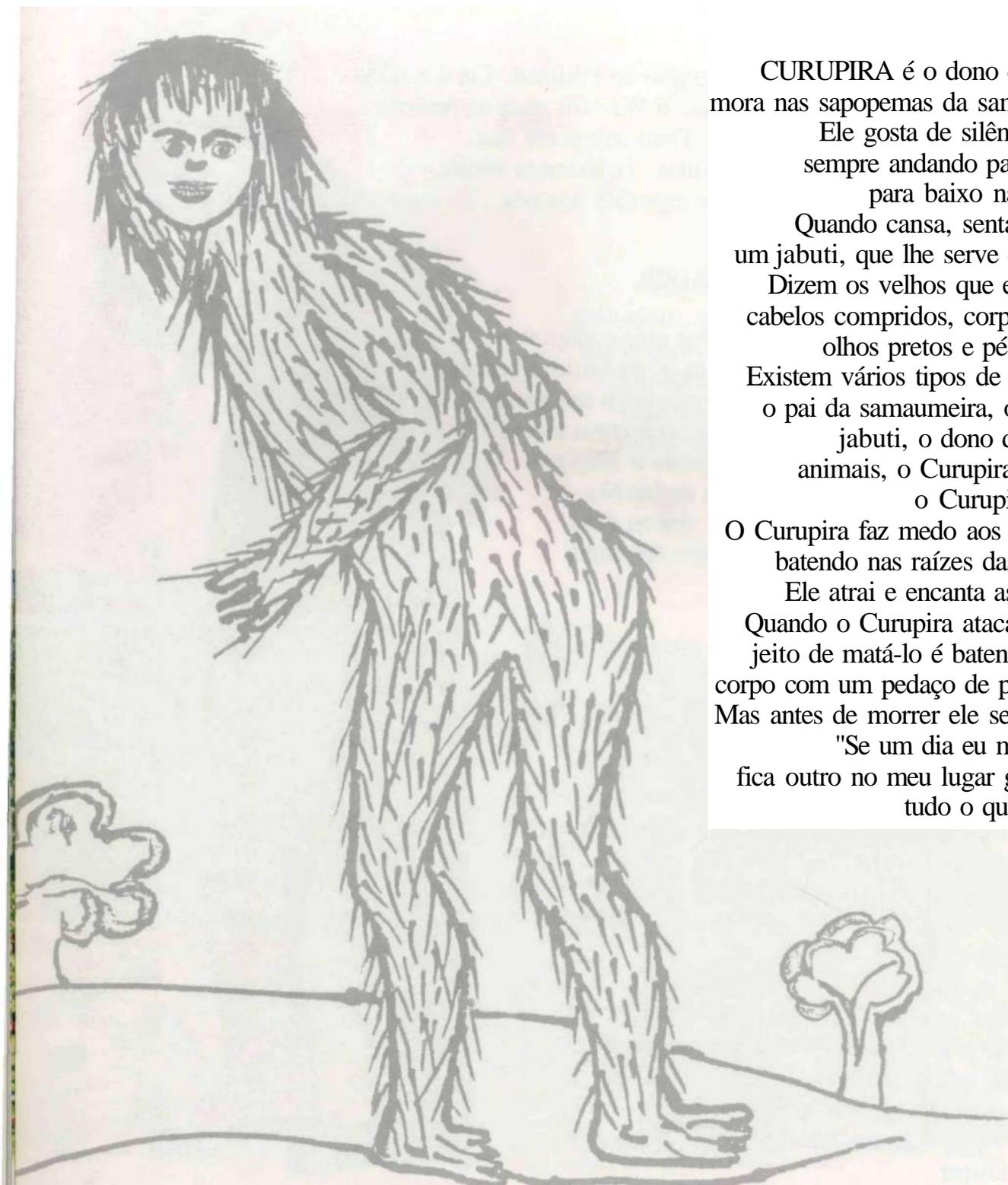
— Não nos mates, porque tu és nosso pai!

Quando o *Wüwürii* ouviu essas palavras, veio para perto deles e disse:

— Bem, agora vocês vão morar aqui. Eu sou o dono do buritizal, por isso ninguém pode comigo. Essa riqueza é muita. Quando eu estiver bem velho, vocês vão tomar conta dos buritis. Vocês vão pegar meu espírito e se transformar em mim.

Aí os homens ficaram morando com o *Wüwürii* até ele morrer.





CURUPIRA é o dono da mata e mora nas sapopemas da samaumeira.

Ele gosta de silêncio e está sempre andando para cima e para baixo na floresta.

Quando cansa, senta-se sobre um jabuti, que lhe serve de banco.

Dizem os velhos que ele tem os cabelos compridos, corpo peludo, olhos pretos e pés virados.

Existem vários tipos de Curupira: o pai da samaumeira, o dono do jabuti, o dono dos outros animais, o Curupira macho e o Curupira fêmea.

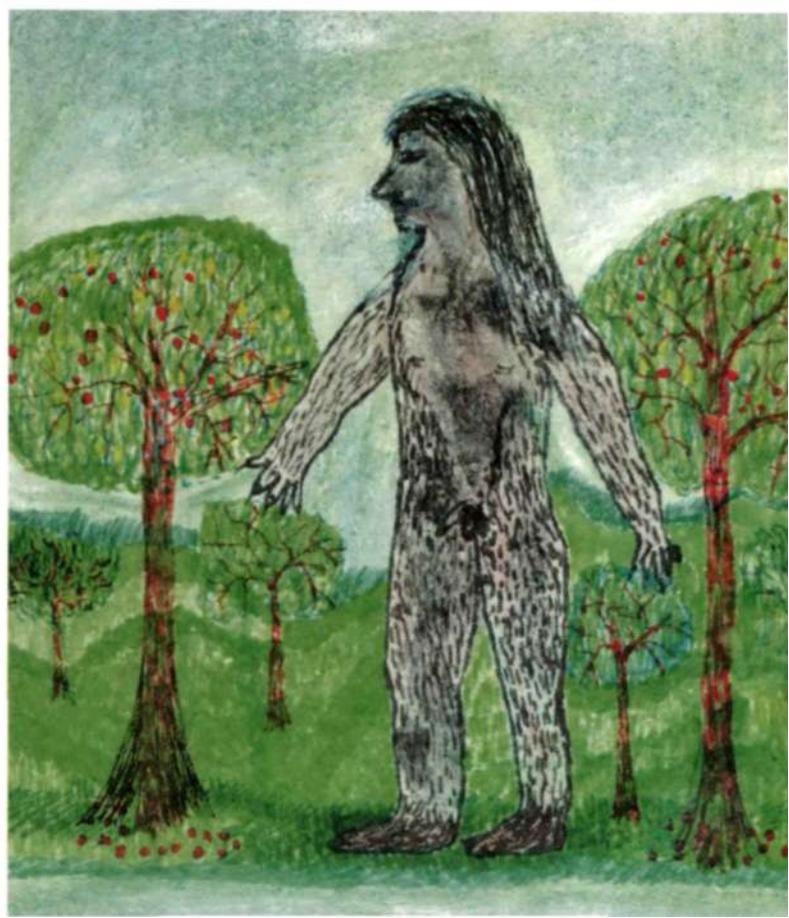
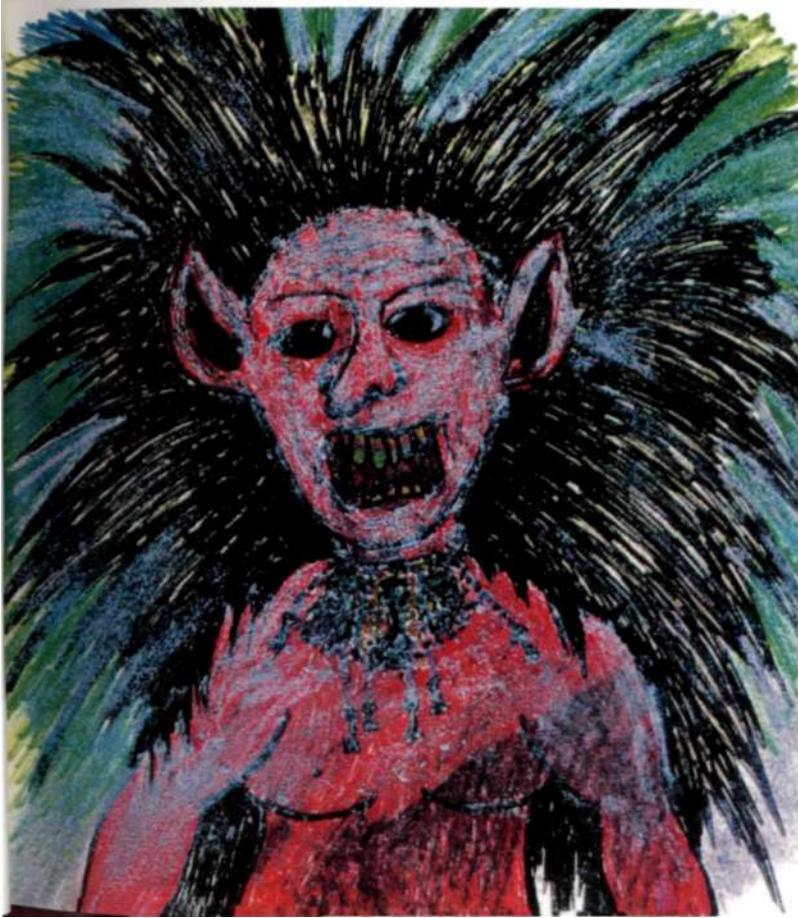
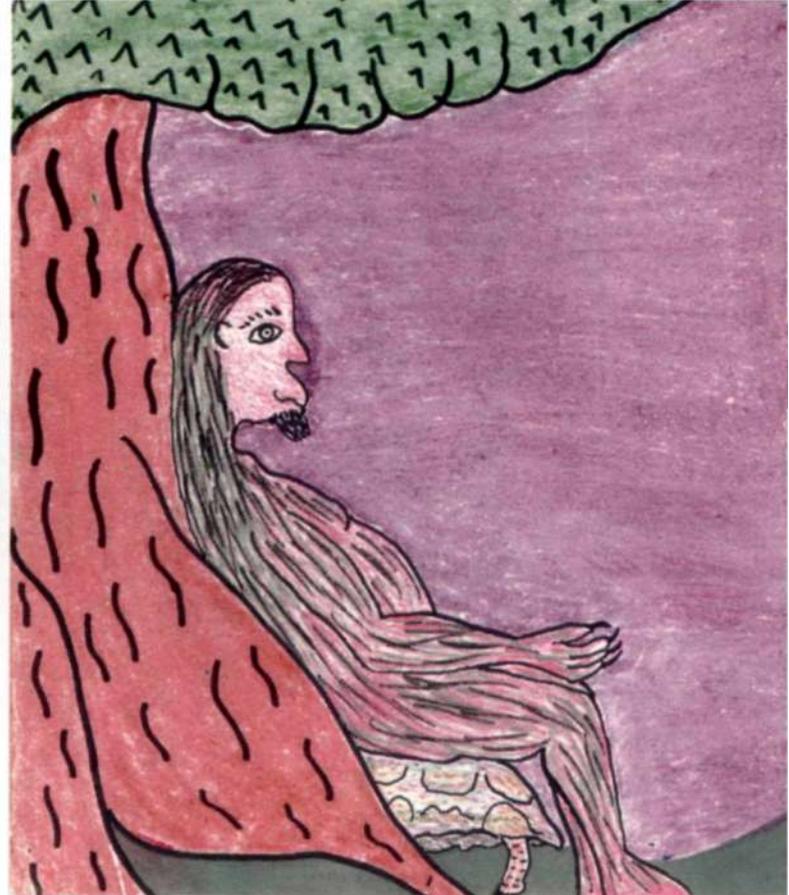
O Curupira faz medo aos caçadores batendo nas raízes das árvores.

Ele atrai e encanta as pessoas.

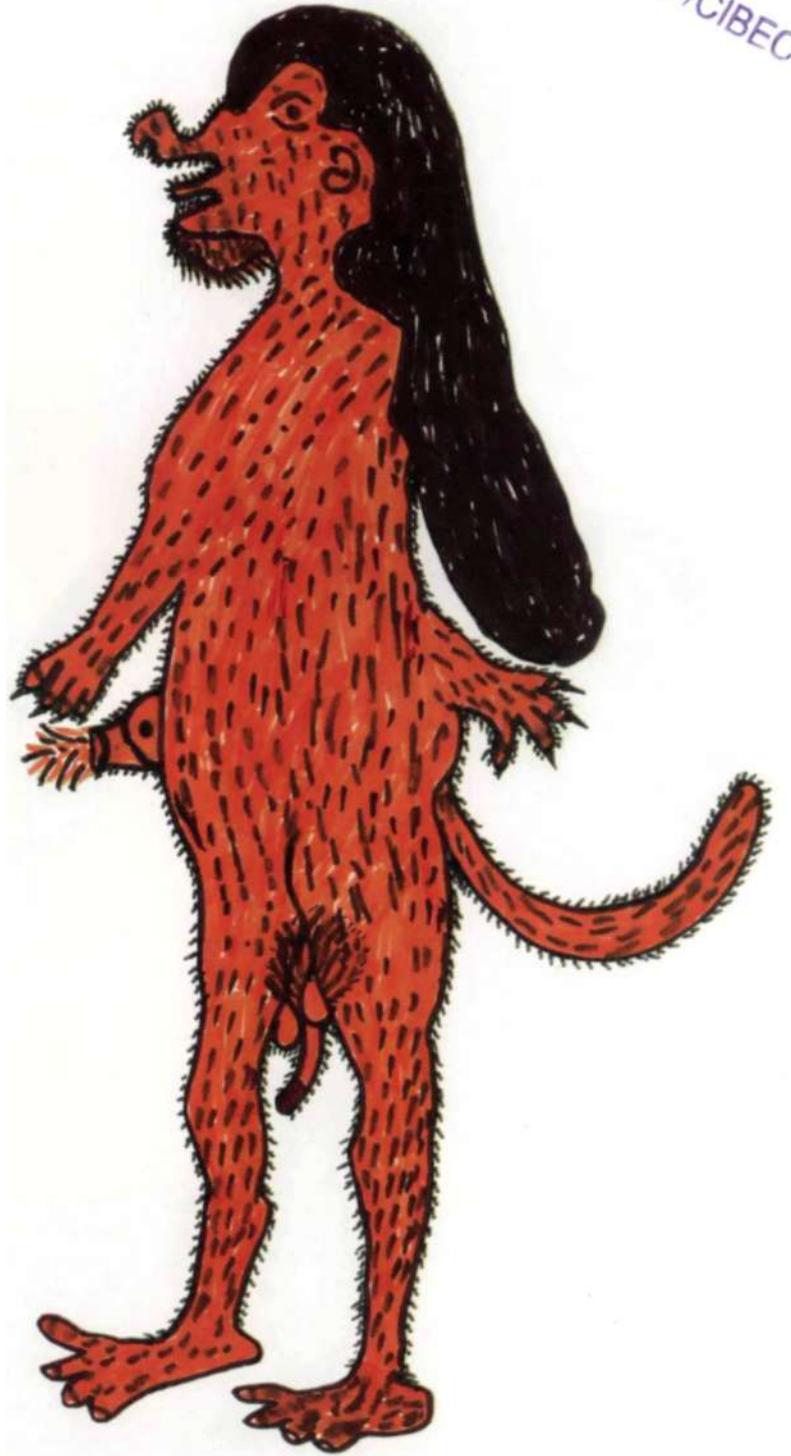
Quando o Curupira ataca, o único jeito de matá-lo é batendo no seu corpo com um pedaço de pau podre.

Mas antes de morrer ele sempre diz:

"Se um dia eu me acabar, fica outro no meu lugar guardando tudo o que é meu".









DAIYAE é um bicho da floresta, dono da fruta que se chama pé-de-jabuti, *tütchi*. O *Daiyae* tem forma de gente, é baixinho, com a cabeça quase pelada. Seus poucos fios de cabelos são muito procurados para dar sorte. No tempo da fruta pé-de-jabuti, o *Daiyae* recolhe todo dia as frutas maduras que caem no chão. Se alguém pega essas frutas, ele se zanga e faz cócegas na pessoa até matá-la. Se a pessoa vence o *Daiyae*, leva alguns fios de seus cabelos para usar como defesa e ter muita sorte nas caçadas e pescarias.



BERU é a mãe do macambo, *ngu*. Limpa o terreno ao redor da árvore e não gosta que mexam nas suas frutas. *Beru* se alimenta de gente e ataca as pessoas jogando nelas seus peitos enormes ou atirando muitas frutas de macambo. Às vezes aparece como gente, às vezes se transforma em borboleta.



NGEWANE, A ARVORE DOS PEIXES

Ngewane é uma árvore encantada que existe desde o princípio do mundo. Ela é grande, assim como uma samaumeira, e tem leite, assim como o tururi e a sorva. Cresce em lugares distantes, difíceis de se encontrar: nas cabeceiras dos igarapés, nos igapós e na beira dos lagos.





Quando chega o tempo, depois das chuvas e ventos, as folhas desta árvore caem e no seu tronco começam a aparecer pequenos ovos, parecidos com ovas de rã. Os ovos se transformam em lagartas, muitas lagartas, que sobem pelo tronco e andam até os galhos para comer as folhas novas.

Aí elas vão crescendo, crescendo, durante uns dois ou três meses.

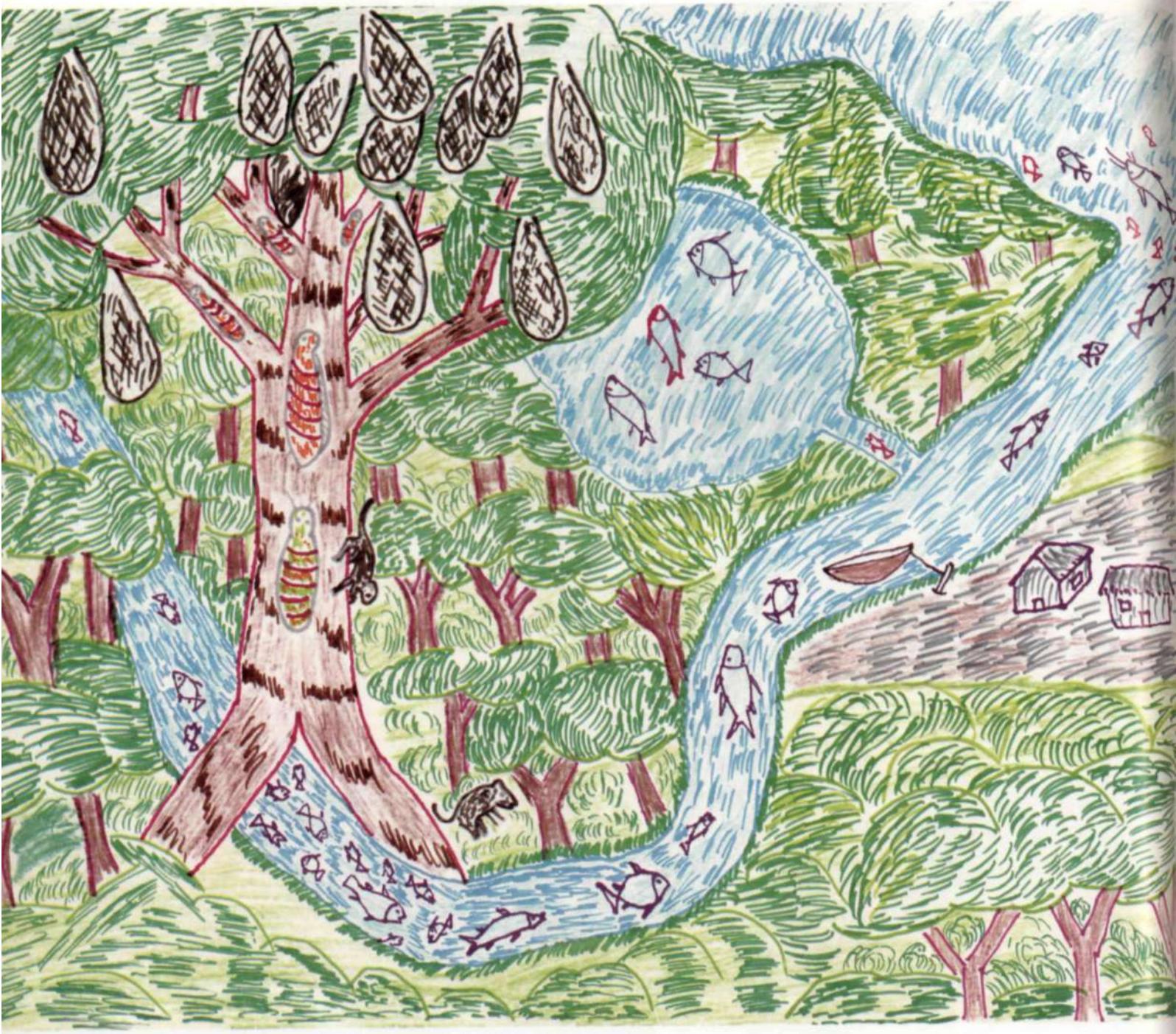
De repente, as nuvens se juntam para chover, e começa a tempestade.

Os raios e os trovões fazem as lagartas descerem e entrarem nas raízes da árvore. Suas cascas, como algodão, ficam soltas sobre as sapopemas.

A chuva vai aumentando. Quando a água sobe, as lagartas saem transformadas em peixes, em vários tipos de peixes, grandes e pequenos:

matrinxã, jaraqui, pacu, curimatã, jeju, pirapitinga, bacu, piabinha, piranha, aracu, tambaqui, samoatã, piau, jundiá, traíra, carauaçu, acari, pirarucu, sardinha, surubim, tucunaré, bodo, branquinha, pescada, poraquê, pirabutã, sarapó, jacundá, mandi, arenga, aruanã.

Os peixes, já ovados, se espalham pelas águas e ganham a caminhada para os igarapés, lagos e igapós. Depois, uma parte alcança o rio, subindo em piracema. Esses peixes servem para alimentar as pessoas.







Os velhos contam que o *ngewane* é o pai dos peixes,
e o dono desta árvore é a cobra-grande, o *Yewae*.

Além dos peixes, no *ngewane* se criam outros animais, como jabuti,
jacaré, tracajá, veado, queixada, macaco, tamanduá, tatu, anta, capivara,
cobra, calango, cutia e ainda todas as aves.

Outras árvores também podem ter o mesmo poder do *ngewane*, como o
tururi, mapatirana, samaumeira, louro, *tiiütü*. O *tiiütü* gera a queixada e o
macaco-barrigudo. A samaumeira gera o peixe-boi.

O *ngewane* existe para a natureza nunca se acabar, para nunca faltar alimento.
Para os peixes e outros animais se multiplicarem e povoarem a terra.

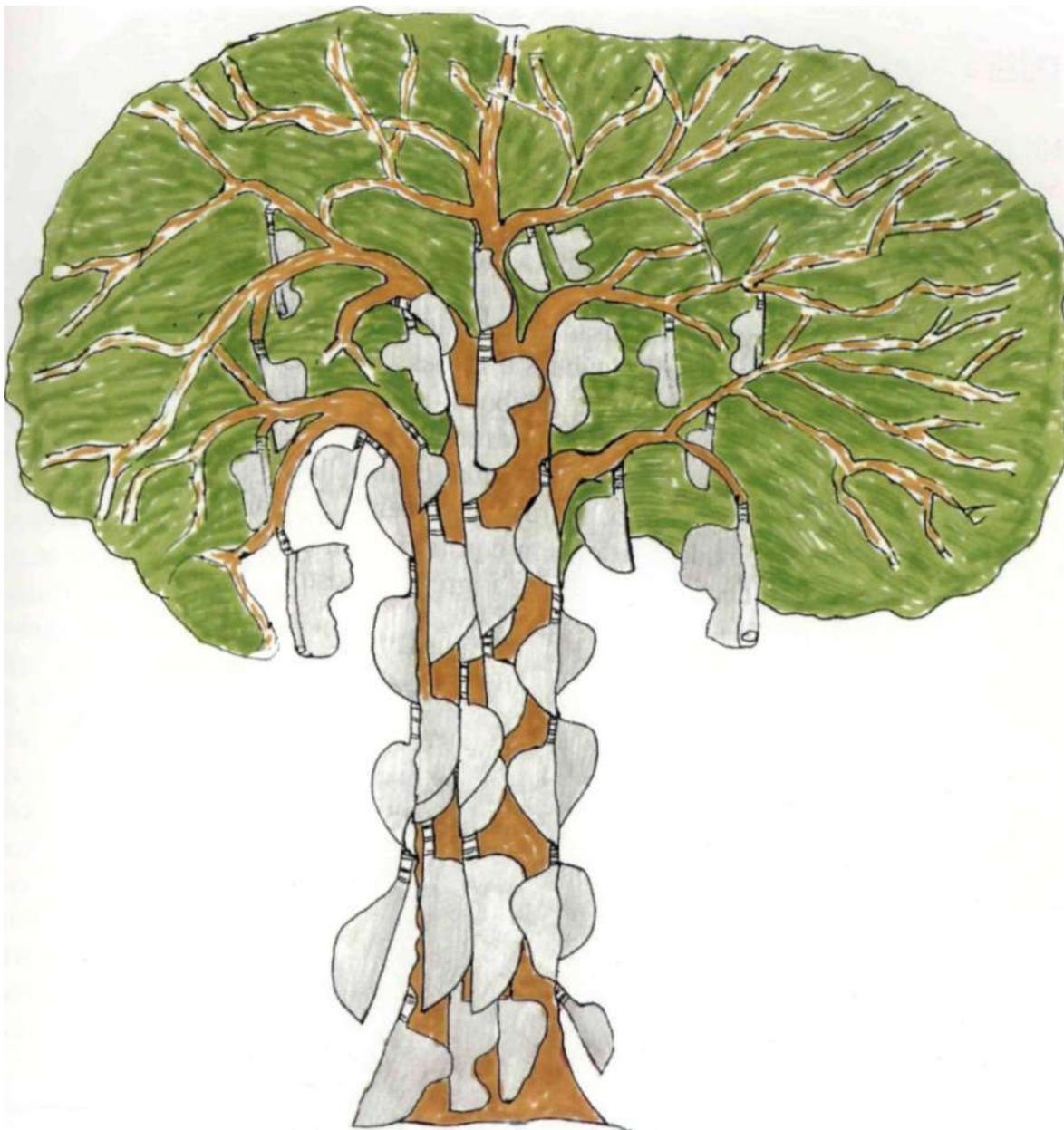


TÜERÜMA, A ÁRVORE DO TURURI

No *Eware* existe uma árvore encantada que se chama *tüeriüma*. Seus galhos crescem para a direita e para a esquerda. Quando as folhas da direita caem no chão, se transformam em onças. As folhas da esquerda se transformam em gaviões. O dono dessa árvore é a onça.

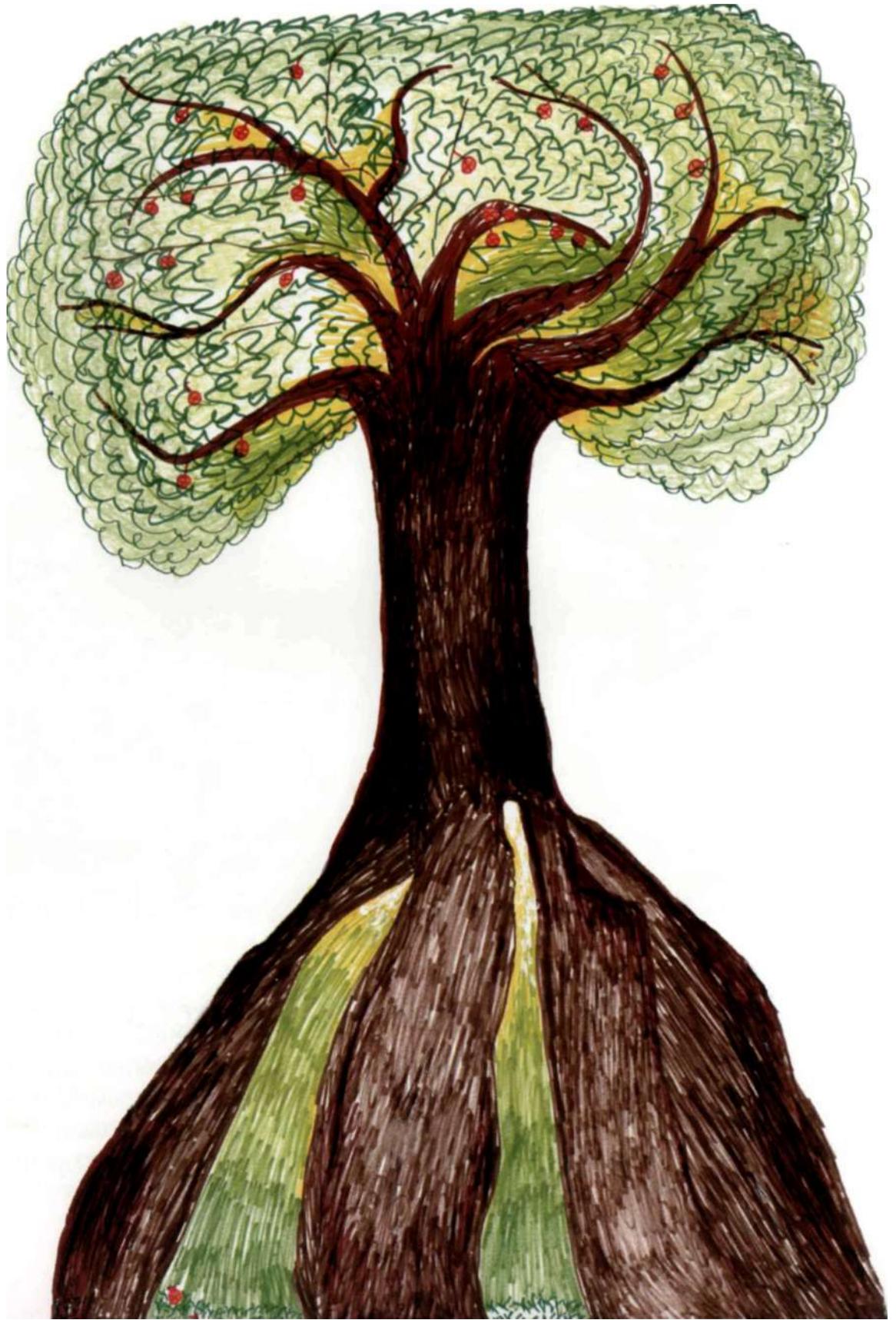


Os velhos contam que antigamente não era preciso tirar tururi para fabricar as máscaras. Elas já saíam prontas do *tüeriüma*. Qualquer tipo: *Yewae*, *O'ma*, *Mawii*, *To'üi* e todas as outras. Quando alguém queria uma máscara para usar na festa, atirava uma flechinha com a zarabatana bem no tronco da árvore. Depois fazia o seu pedido. Na mesma hora a máscara aparecia, já pintada por si mesma, com desenhos de todo tipo, bonitos e coloridos. O *tüeriüma* era uma árvore viva. Com ela os Ticuna aprenderam a fazer e a pintar as máscaras.



TCHAPARANE, A ÁRVORE DOS TERÇADOS

Nos tempos antigos, as pessoas se reuniam uma vez por ano e andavam até a árvore chamada *îchaparane*, a árvore dos terçados e dos facões. Aí ficavam esperando que caíssem no chão. Quando eles caíam, as pessoas ouviam: "*Terutchipetü cuyaru! Terutchipetü cuyaru!*" Assim surgiu o nome do Cujaru, um lugar perto no rio Jacurapá onde essa árvore existia.



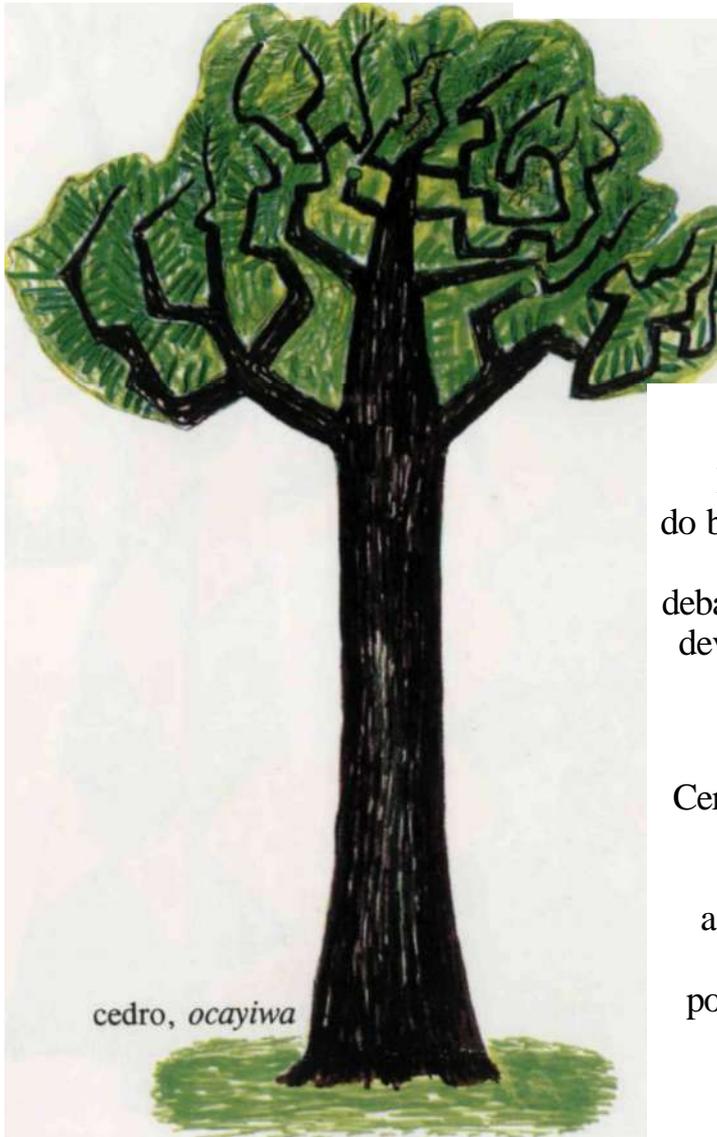
MAWÜ

A máscara *Mawü* representa o espírito de uma árvore frondosa e bonita que cresce na terra firme: o puxuri. Sua madeira é perfumada e suas frutas são doces. Na festa, o *Mawü* acompanha a máscara *O 'ma*, o "pai-do-vento". Às vezes, carrega um grande escudo de tururi, com pinturas coloridas, que gira para cá e para lá, imitando os ventos e as tempestades. Usa um longo apito de talo de mamão ou de cipó *yowaru*, que sopra assim: "Fiiiiiiiiiii! Eu sou a mãe das árvores da terra firme! Fiiiiiiiiiii! Lá vem a tempestade! Estou avisando! Lá vem tempo muito forte! Fiiiiiiiiiii!" Na outra mão, o *Mawü* traz um conjunto de varas bem finas tiradas do buriti. Quando se zanga, o *Mawü* joga as varinhas nas pessoas, no *turi* ou na palha da casa.



O ESPÍRITO DAS ÁRVORES E O TRABALHO DO PAJÉ

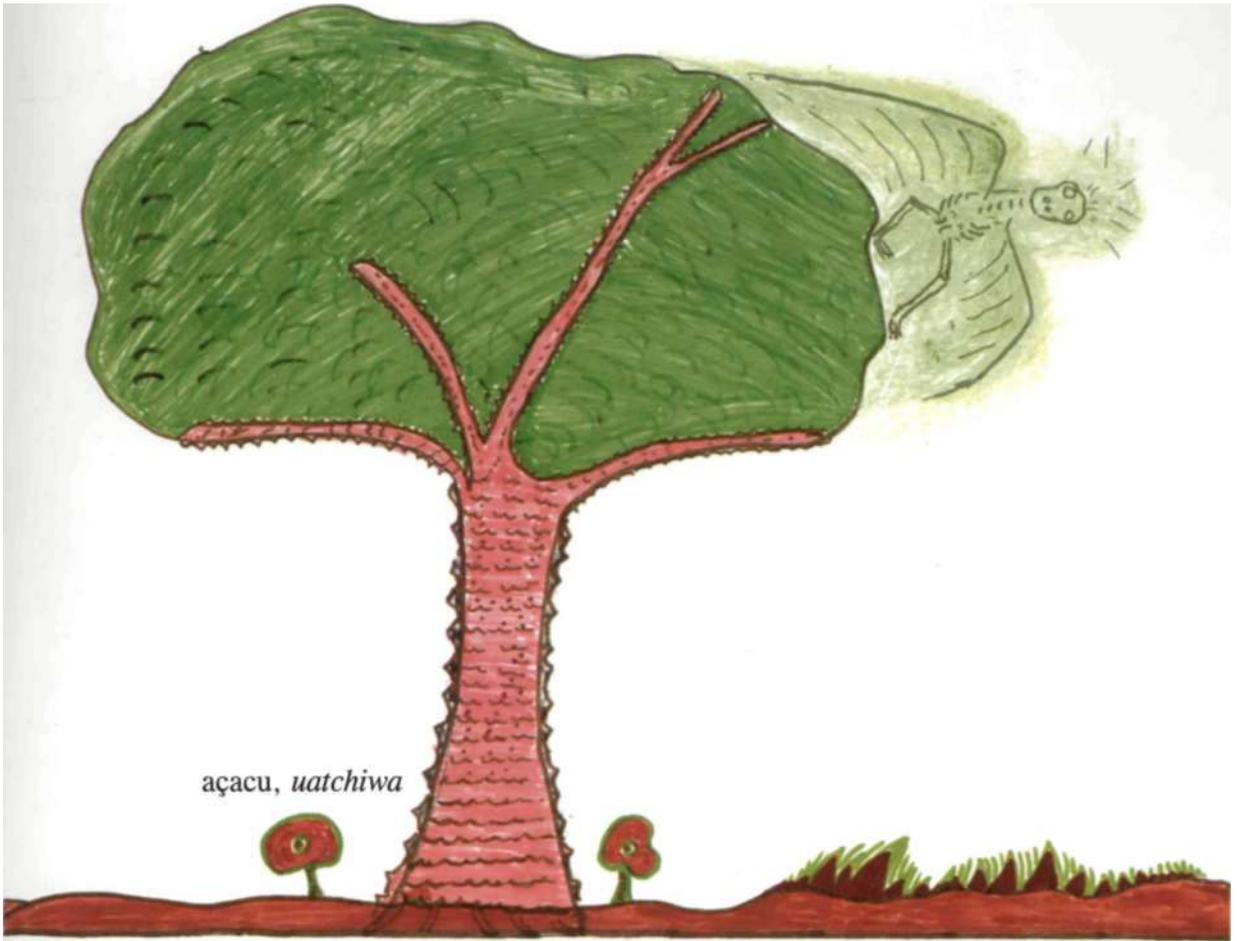
O espírito de certas árvores ajuda o trabalho do pajé.
Quando uma pessoa fica doente, chama o pajé.
E o pajé chama o espírito das árvores para curar. O espírito
chega e entra no corpo do pajé.
Aí ele canta. Depois vem outro e mais outro.
Se a pessoa está muito mal, é preciso
chamar vários espíritos.



A samaumeira tem espírito.
A chuchuacha tem espírito.
O cedro tem espírito.
O açacu tem espírito.
A ucuuba tem espírito.
A seringueira tem espírito.
A maçaranduba tem espírito.
A castanha-de-paca tem espírito.

Há também outros espíritos que o pajé chama:
do boto-tucuxi, do *Yewae*, da sereia, do Curupira.
Os velhos ensinam que ninguém deve passar
debaixo da maçaranduba. Se passar, deve ser bem
devagar, porque o espírito da árvore escuta, vem
atrás e faz adoecer o filho. Se alguém cortar
à toa essa árvore, seu espírito vai embora.

Certo dia, um homem andava pela mata e viu um
velho pajé olhando por muito tempo para uma
samaumeira. O pajé falava baixinho para
a árvore: "Samaúma, eu gosto de ti. Tu és uma
árvore grande, alta, bonita. Através de ti eu
posso curar as pessoas. Teu espírito é guerreiro.
Quando eu preciso de comando, eu chamo teu
espírito e ganho tua força. Samaúma, tu deves
ficar viva para sempre".



açacu, *uatchiwa*



QUALQUER VIDA E MUITA DENTRO DA FLORESTA

Se a gente olha de cima, parece tudo parado.
Mas por dentro é diferente.

A floresta está sempre em movimento.

Há uma vida dentro dela que se transforma
sem parar.

Vem o vento.

Vem a chuva.

Caem as folhas.

E nascem novas folhas.

Das flores saem os frutos.

E os frutos são alimento.

Os pássaros deixam cair as sementes.

Das sementes nascem novas árvores.

E vem a noite.

Vem a lua.

E vêm as sombras
que multiplicam as árvores.

As luzes dos vagalumes
são estrelas na terra.

E com o sol vem o dia.

Esquenta a mata.

Ilumina as folhas.

Tudo tem cor e movimento.





O VÔO DAS FOLHAS

Com o vento
as folhas se movimentam.
E quando caem no chão
ficam paradas
em silêncio.



As folhas caem, apodrecem e misturam-se com os galhos secos. Assim se forma o *ngaura*. O *ngaura* cobre o chão da floresta, enriquece a terra e alimenta as árvores.

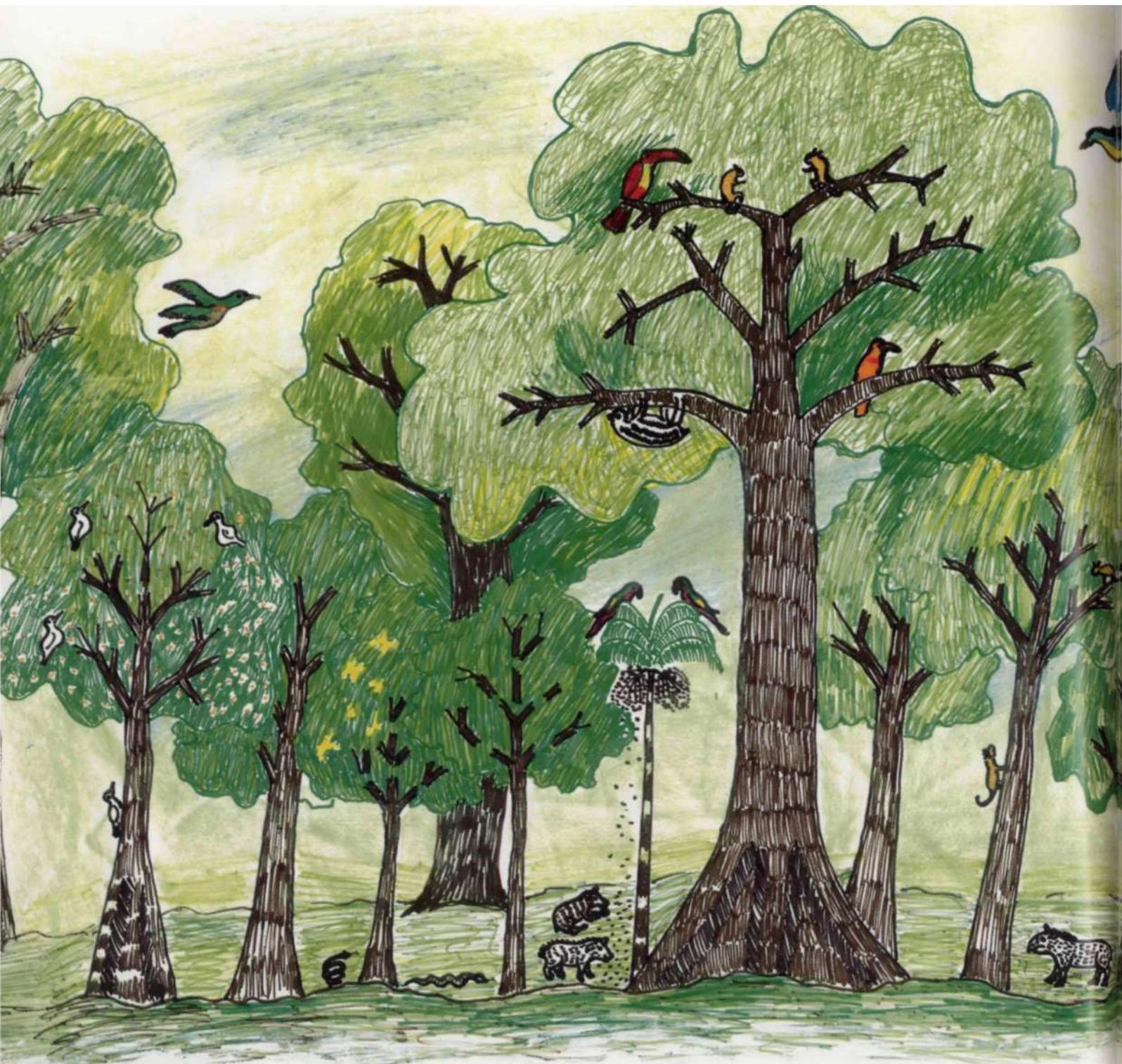
As folhas velhas morrem para ajudar o crescimento das folhas novas.

Dentro do *ngaura* vivem aranhas, formigas, escorpiões, centopéias, minhocas, cogumelos e vários tipos de outros seres muito pequenos.

As folhas também caem nos lagos, nos igarapés e igapós. No fundo das águas, elas hospedam o bodó, samoatá, acará, carauaçu e outros peixes.

Muitos peixes encontram aí seu alimento e usam as folhas para desovar.





AS ÁRVORES E OS ANIMAIS

Alguns animais fazem sua morada debaixo das árvores, como o veado, caititu, anta, queixada, cutiara, rato, jabuti, paca.

Eles procuram as sombras para se abrigar do sol, comem as frutas que caem no chão e deitam-se sobre as folhas secas.

As frutas do buriti alimentam as antas, veados e jabutis.

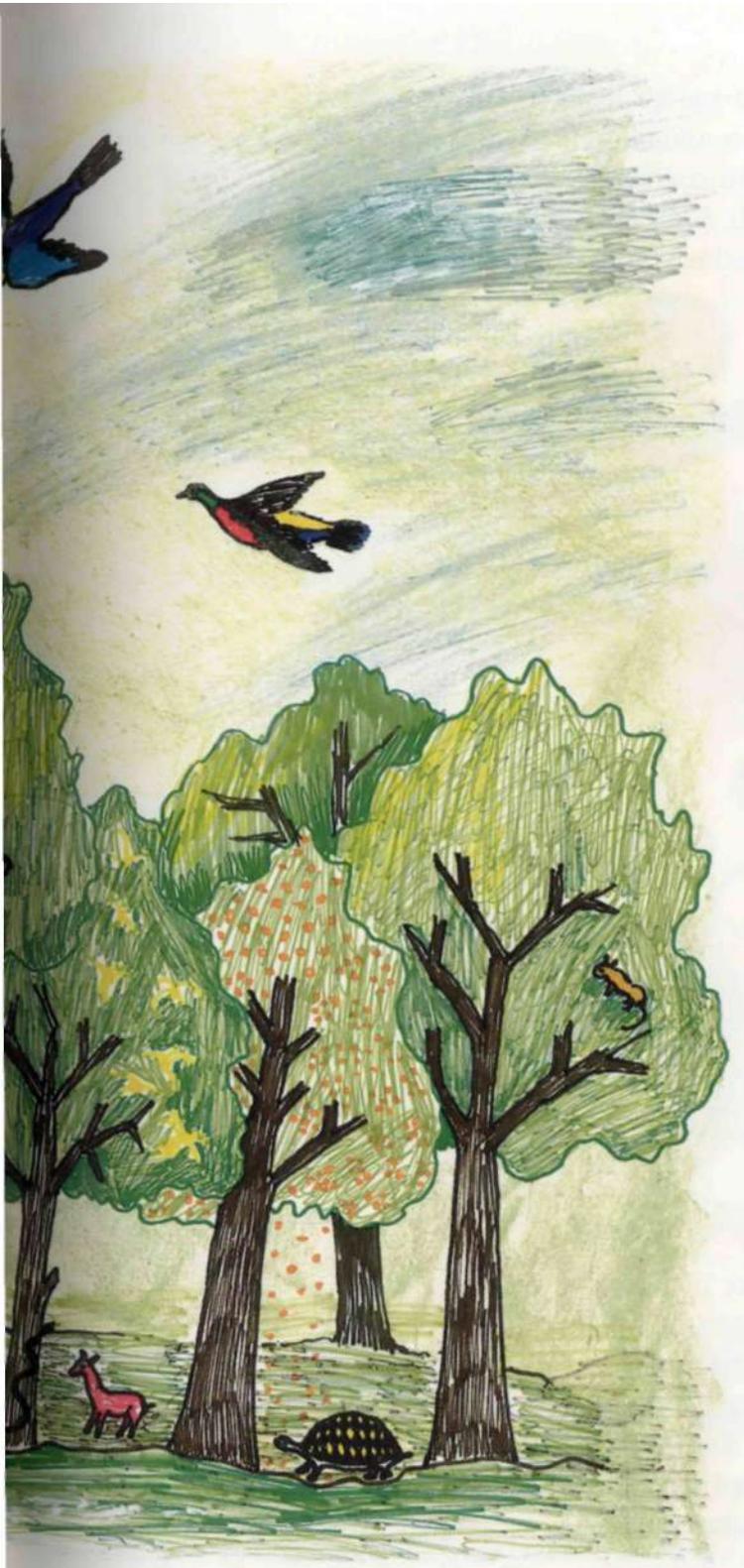
As frutas do tucumã alimentam as queixadas, caititus e cutias.

As frutas do umari alimentam as cutias, pacas e ratos.

As frutas do taperebá e do capinuri alimentam os jabutis.

A castanha-de-cutia alimenta as cutias, curiaras, veados, jabutis e pacas.

Certas aves, como mutum, jacamim, inambu e saracura, também vivem debaixo das árvores e usam as folhas secas para fazer seus ninhos.





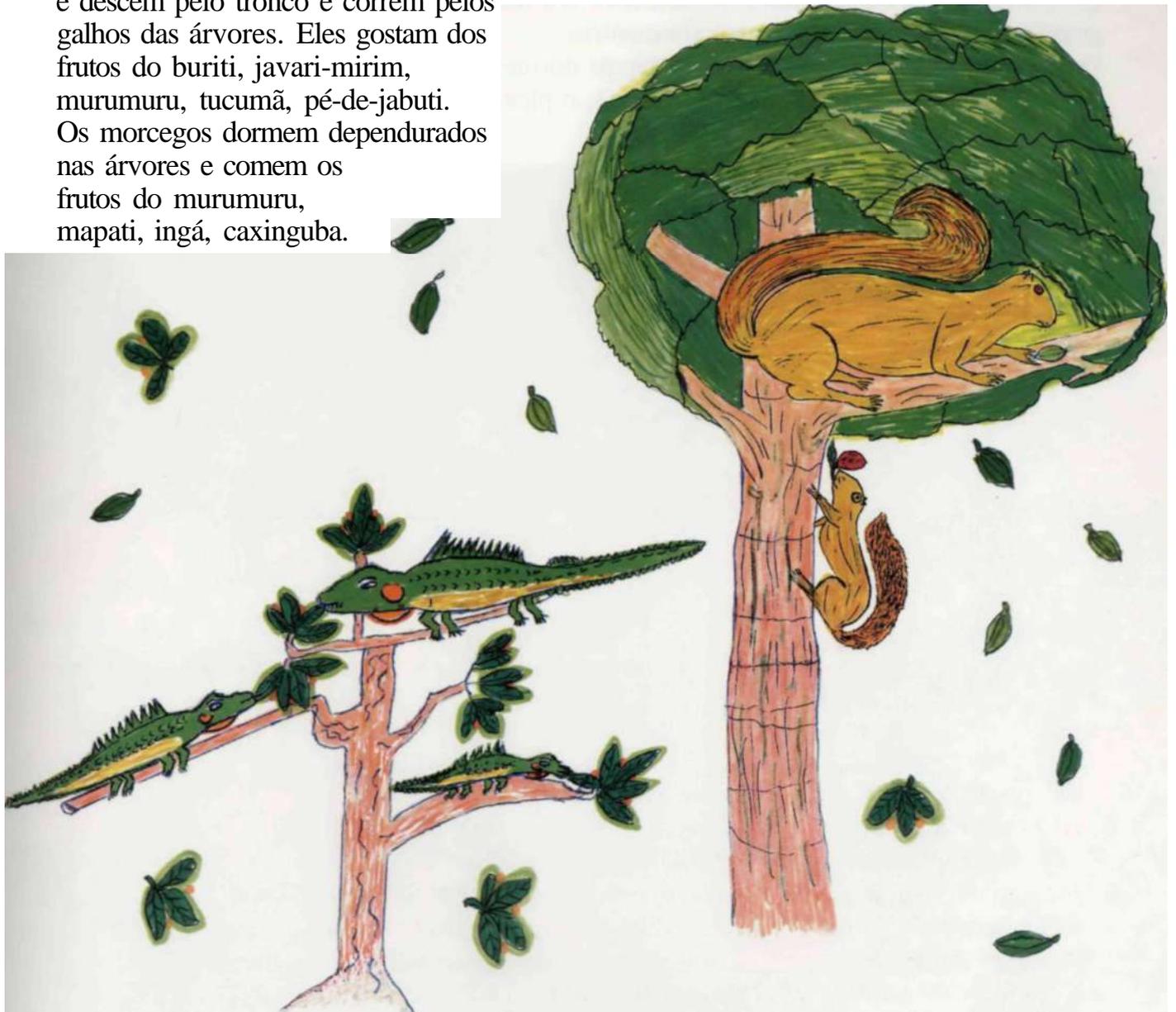
Os macacos vivem nos galhos das árvores.
Aí eles comem, brincam, dormem e criam seus filhotes.
Os macacos são muitos: macaco-guariba, macaco-de-cheiro,
macaco-boca-branca, macaco-barrigudo, macaco-caiarara, macaco-leão,
macaco-da-noite, macaco-cuatá, macaco-parauacu, macaco-prego.
Algumas frutas são próprias para os macacos, como o ingá-de-macaco e
a castanha-de-macaco. Mas eles também comem sorva, abiurana, buriti,
mapati, tacuari, bacuri, caxinguba, manixi, mutamba.

Nos galhos das árvores também vivem as preguiças. Elas se alimentam principalmente das folhas da embaúba e do matamatá. Mas também comem as frutas do Jutaí, abiurana, cupuí, maçaranduba, sorva e cacau-da-terra-firme.

Os camaleões preferem as folhas da embaúba.

Os quatipurus e os quatipuruzinhos sobem e descem pelo tronco e correm pelos galhos das árvores. Eles gostam dos frutos do buriti, javari-mirim, murumuru, tucumã, pé-de-jabuti.

Os morcegos dormem dependurados nas árvores e comem os frutos do murumuru, mapati, ingá, caxinguba.



As aves que voam alto vivem nos galhos mais altos das árvores
tucano, arara, maguari, gaivota, japó, urubu-rei, gavião.

O maguari prefere fazer seu ninho na samaumeira.

O jaburu prefere viver nos galhos do turimã.

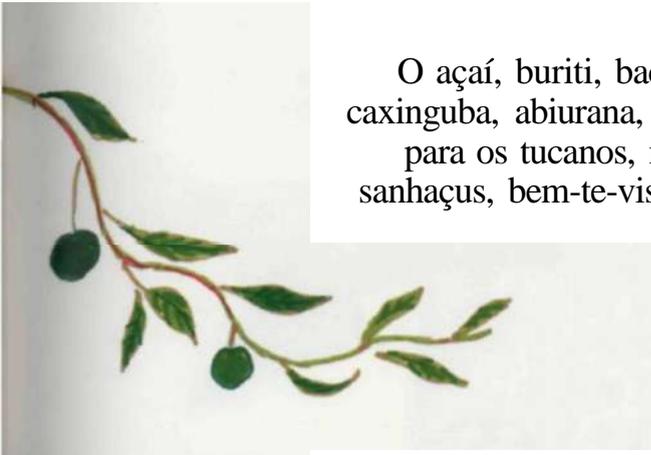
O tucano prefere viver nos galhos da mulaterana.

O japó procura árvores altas para construir seu ninho,
como mulateiro, capinuri, matamatá e outras.

O mergulhão busca o peixe no rio e depois dorme nas árvores.

A arara, o papagaio, a coruja, o maracanã, o pica-pau costumam
criar seus filhotes nos ocos das árvores.





O açaí, buriti, bacaba, pamá, paricá, pupunha, seringa, muruchi, inga, caxinguba, abiurana, araratucupi e várias outras frutas servem de alimento para os tucanos, marianitas, araras, pipiras, mutuns, japós, periquitos, sanhaços, bem-te-vis, azulões, sabiás, papagaios e vários outros pássaros.

Pamá é a comida especial dos pombos.

Seringa é a comida especial das araras.

Abiurana é a comida especial dos azulões.

Além das frutas, os pássaros encontram

nas árvores outros alimentos:

vários tipos de insetos e larvas.



Os animais comem as frutas e multiplicam as árvores.
As cutias e as cutiaras plantam umari, mapati, tucumã,
tucumã-piranga, anaurá, buriti, seringa, pupunha e ingá.
Os ratos plantam pupunha e abiu.
Os quatipurus plantam javari-mirim, murumuru,
urucuri e pé-de-jabuti.
Os morcegos plantam caxinguba, capinuri e paxiúba.
As araras, os tucanos, os japós, os bem-te-vis e outras
aves deixam cair as sementes ou os caroços das frutas que
os alimentam: buriti, açaí, seringa, sorva e muitas outras.





capinuri
copumuri

Quando chove, a água se deposita no buraco de certas árvores, como mulateiro, arapari, maçaranduba, capinuri, açacu. Muitas aves e outros animais pequenos procuram esse líquido para beber.

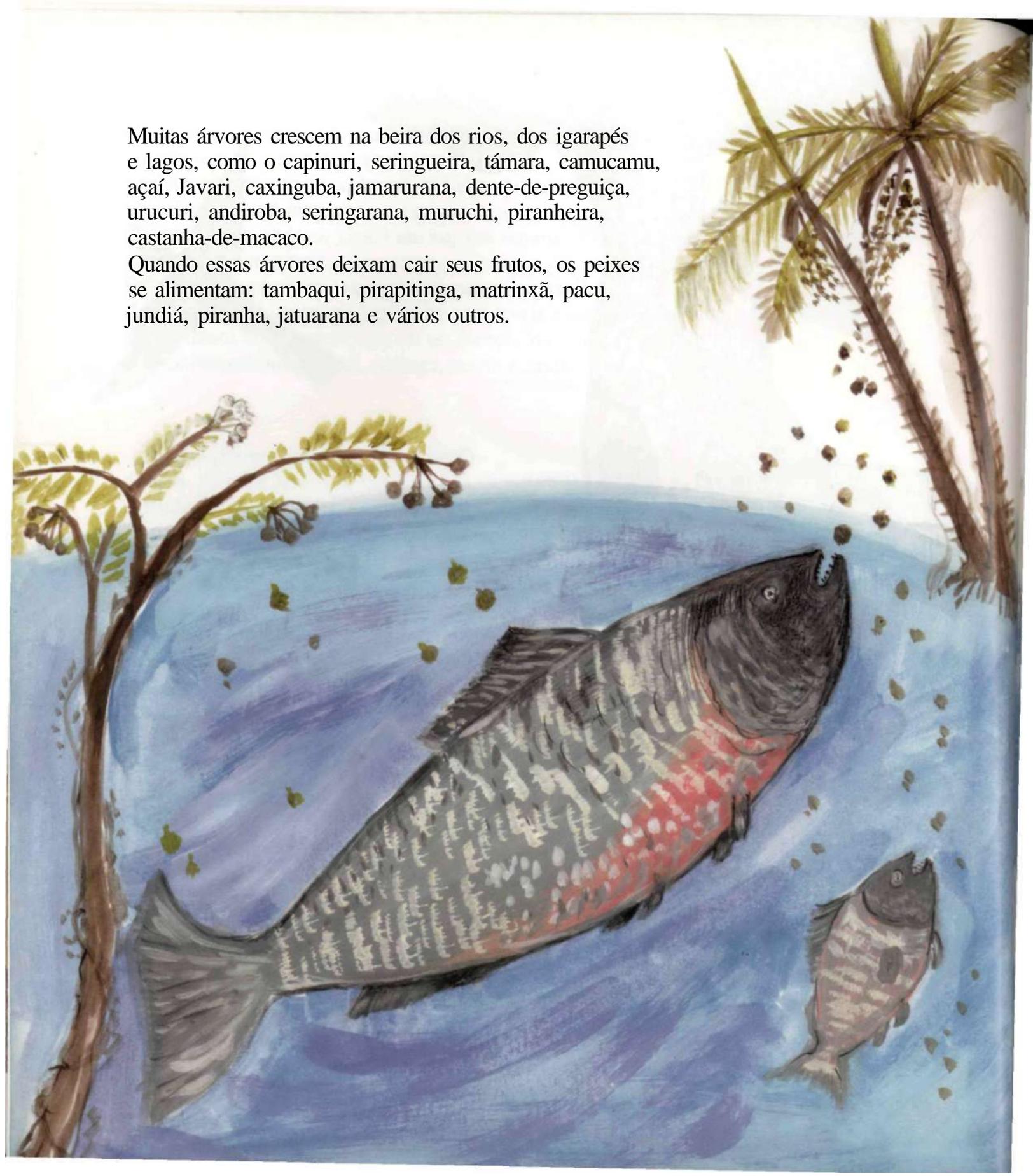
Algumas árvores, quando ficam velhas, transformam-se em "pau-podre", que na nossa língua chama-se *ngaucütane*.

Aí também a chuva faz juntar um líquido meio doce e com cheiro especial que atrai muitos animais. O próprio pau-podre serve de alimento para antas, macacos, cuandus, preguiças, tucanos, araras, maracanãs, pica-paus, papagaios e curicas.

No tronco das palmeiras caídas, como buriti, bacaba, patauá, murumuru, tucumã, marajá e pupunha, cria-se o muxiuá. Esta larva alimenta as pessoas e certos animais, como pica-pau, tatu e quati.

Muitas árvores crescem na beira dos rios, dos igarapés e lagos, como o capinuri, seringueira, tâmara, camucamu, açai, Javari, caxinguba, jamarurana, dente-de-preguiça, urucuri, andiroba, seringarana, muruchi, piranheira, castanha-de-macaco.

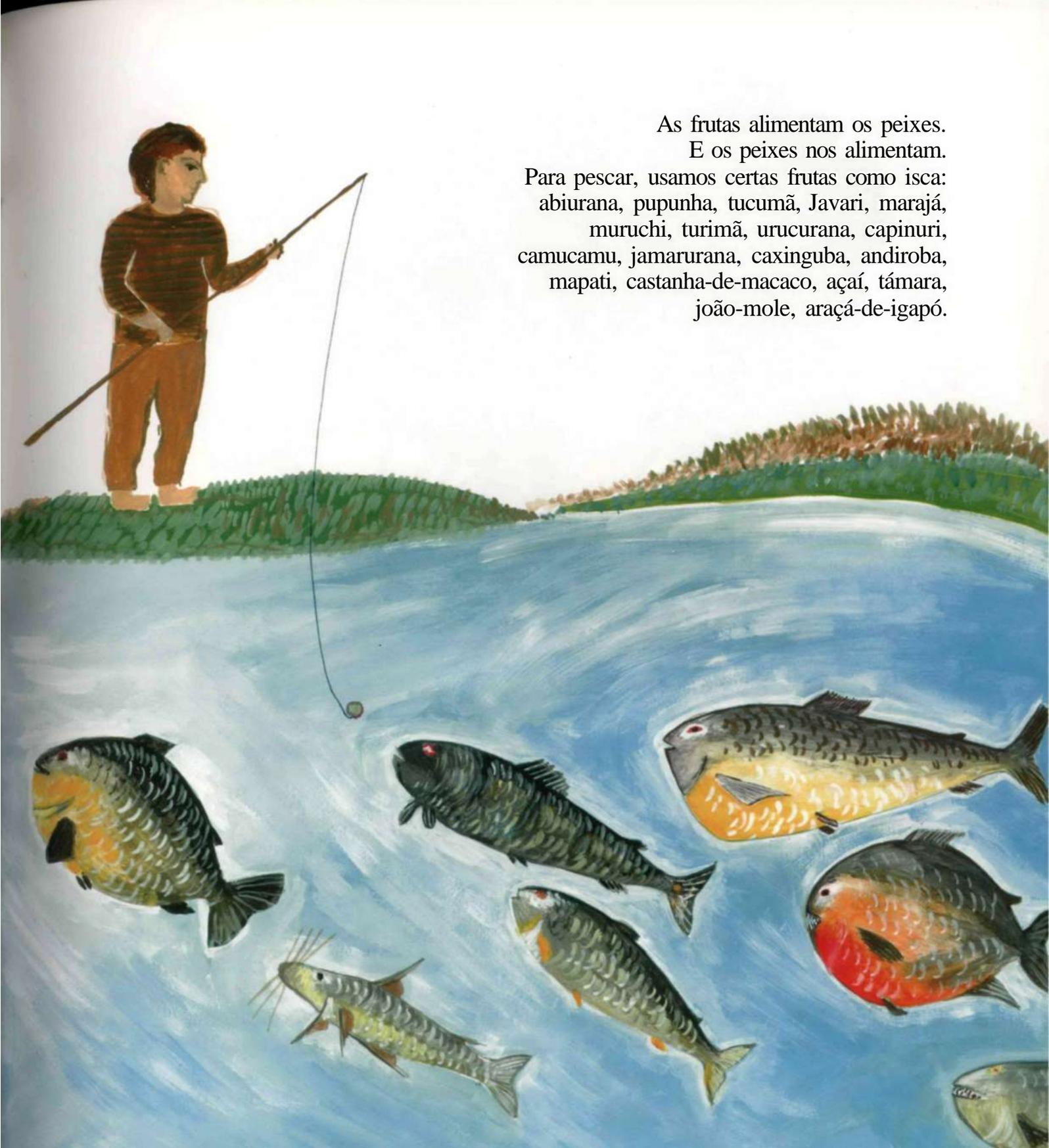
Quando essas árvores deixam cair seus frutos, os peixes se alimentam: tambaqui, pirapitinga, matrinxã, pacu, jundiá, piranha, jatuarana e vários outros.



As frutas alimentam os peixes.

E os peixes nos alimentam.

Para pescar, usamos certas frutas como isca:
abiurana, pupunha, tucumã, Javari, marajá,
muruchi, turimã, urucurana, capinuri,
camucamu, jamarurana, caxinguba, andiroba,
mapati, castanha-de-macaco, açai, tâmara,
joão-mole, araçá-de-igapó.





No tempo das flores, as árvores do mapati, ingá, taxi, sapota, abiu, capinuri, urucu, pupunha, castanha, açai, cacau, muruchi, açacu, buriti, matamatá, arapari e muitas outras atraem borboletas, abelhas, cabas e beija-flores.



Nesta piranheira que encontramos na mata havia muitos seres vivos, grandes e pequenos: ninho de caba, casa de formiga-tapiú, ninho de japó, borboletas e algumas plantas, como abacaxirana, cipó e um pé de apuí. Nas árvores ainda podem viver o cupim, a formiga-de-fogo, a formiga-taracuá, a barata-da-floresta, a jaquirana e vários outros insetos.



PLANTAS QUE CRESCEM NAS ÁRVORES

As árvores também dão abrigo a outras plantas: abacaxirana, apuí, maracujá, erva-de-passarinho, avai, cumatê, cipó-titica, cipó-de-taracuá, cipó-chato, cipó-vambé e outros cipós. O abacaxirana cresce nos galhos mais altos e se alimenta da seiva da própria árvore. Certas aves fazem seus ninhos nessa planta, como o sabiá-preto e o gavião-panema. Os macacos se alimentam de suas frutas e as flores atraem as borboletas e os beija-flores. Os cipós costumam nascer em árvores grandes, como anaurá, cedrorana, capinuri, mulateiro, matamatá e outras. A erva-de-passarinho nasce através dos pássaros que comem suas frutas e espalham as sementes.



abacaxirana ou nanarana
tchowaria

As árvores existem em torno de nós.

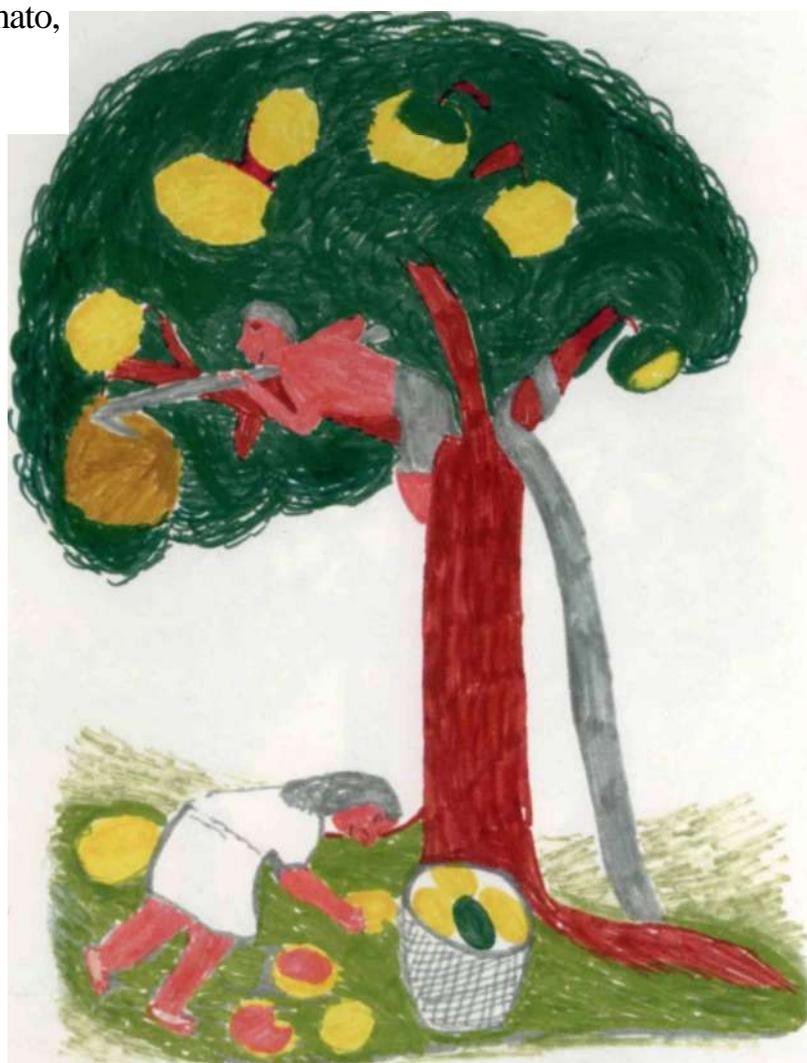


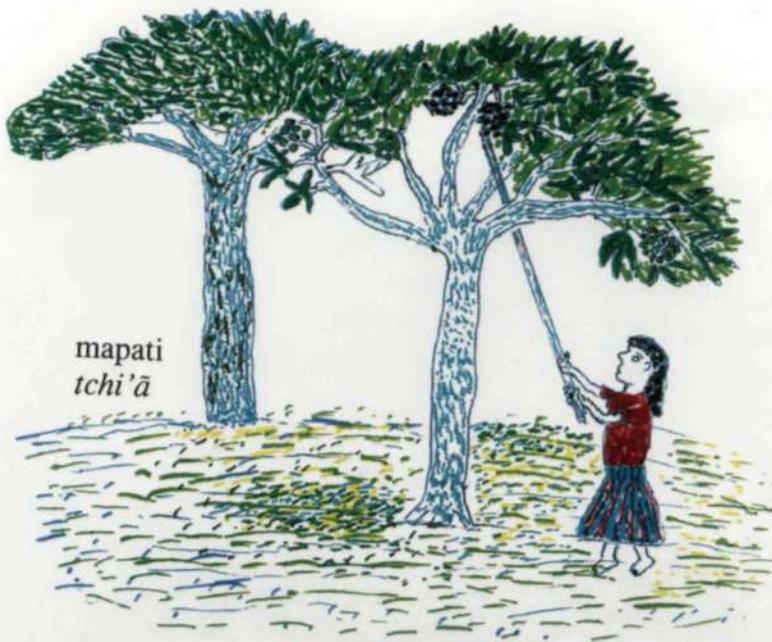
A floresta é nosso mundo.
Nossos avós nasceram e cresceram dentro da floresta.
Aqui eles nos deixaram.
Aqui também deixaremos nossos filhos e netos.

AS FRUTAS DA NATUREZA: NOSSO ALIMENTO

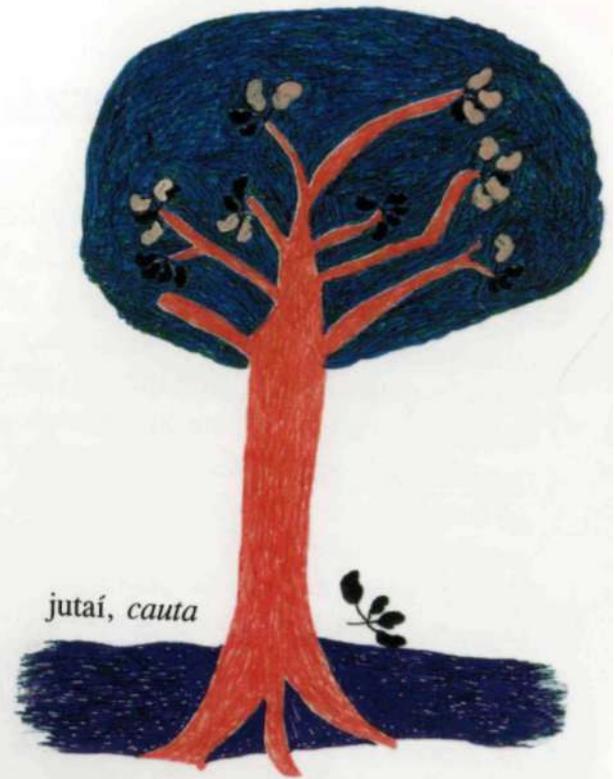
Nós cultivamos muitas árvores frutíferas nas roças e nos terreiros. Mas na mata há uma grande variedade de frutas e frutinhas que fazem parte da nossa alimentação: cupuí, sorva, abiurana, bacaba, jarina, Jutai, macambo, cajurana, castanha, pamá, pamá-graúdo, maçaranduba, ingá-do-mato, pitiá, jenipapo, manixi, bacuri, araçá, buriti, inajá, muruari, açai, marajá, tacuari, patauá, cacauzinho, cabeça-de-arara, camucamu, pé-de-jabuti, sapota-do-mato, umarirana, focinho-de-quati, uixi, mão-de-onça, mapati-do-mato, taperebá, tucumã-piranga, marajá, araratucupi.

Na época das frutas, reunimos a família e seguimos para a mata. Apanhamos muitas e muitas frutas. Uma parte comemos lá mesmo. A outra, trazemos para casa no atura. Algumas frutas só servem para comer. Outras servem também para fazer refresco, vinho ou caçuma.

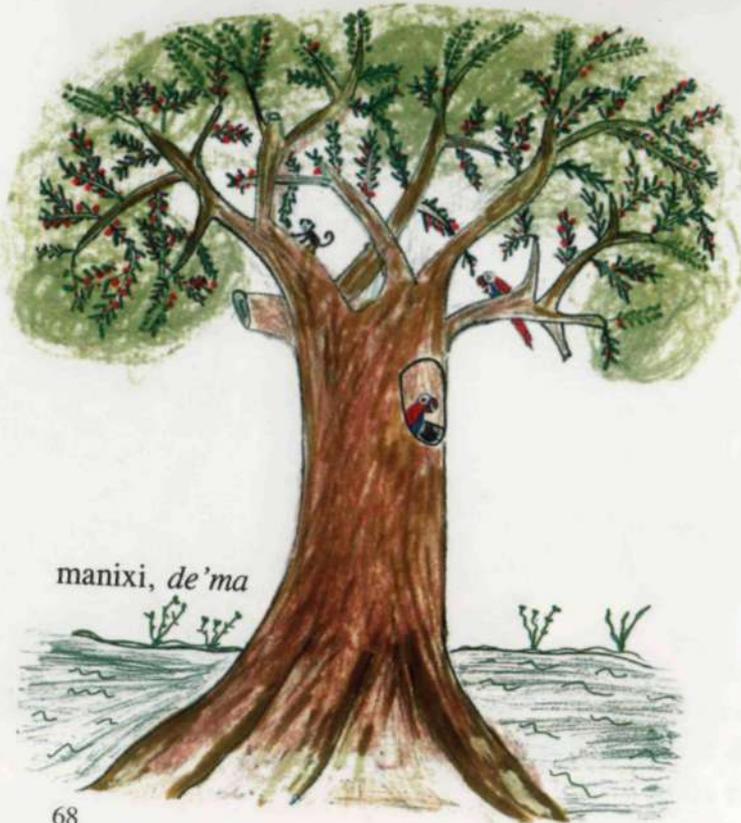




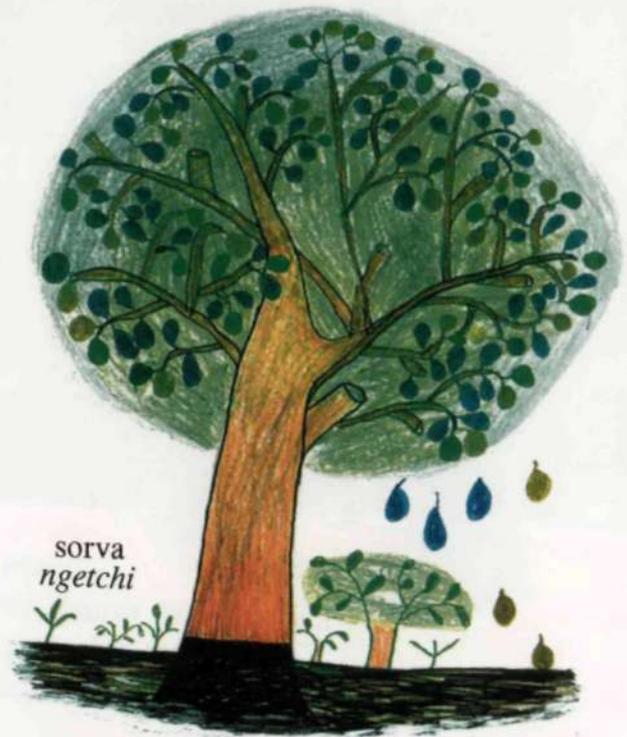
mapati
tchi'ã



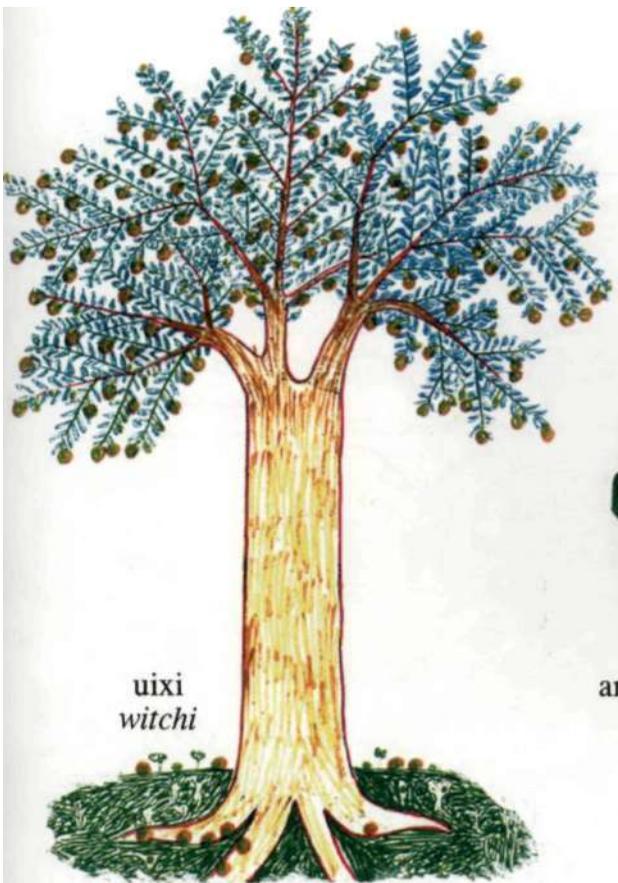
jutaí, cauta



manixi, de'ma



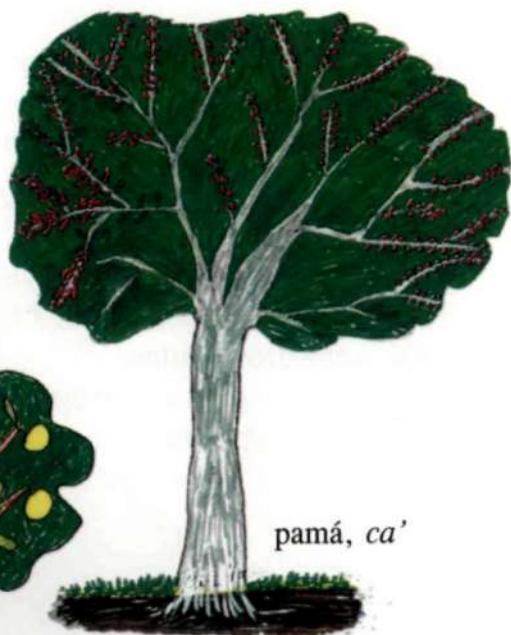
sorva
ngetchi



uixi
witchi



araçá, tauwe



pamá, ca'



araratucupi
tcha

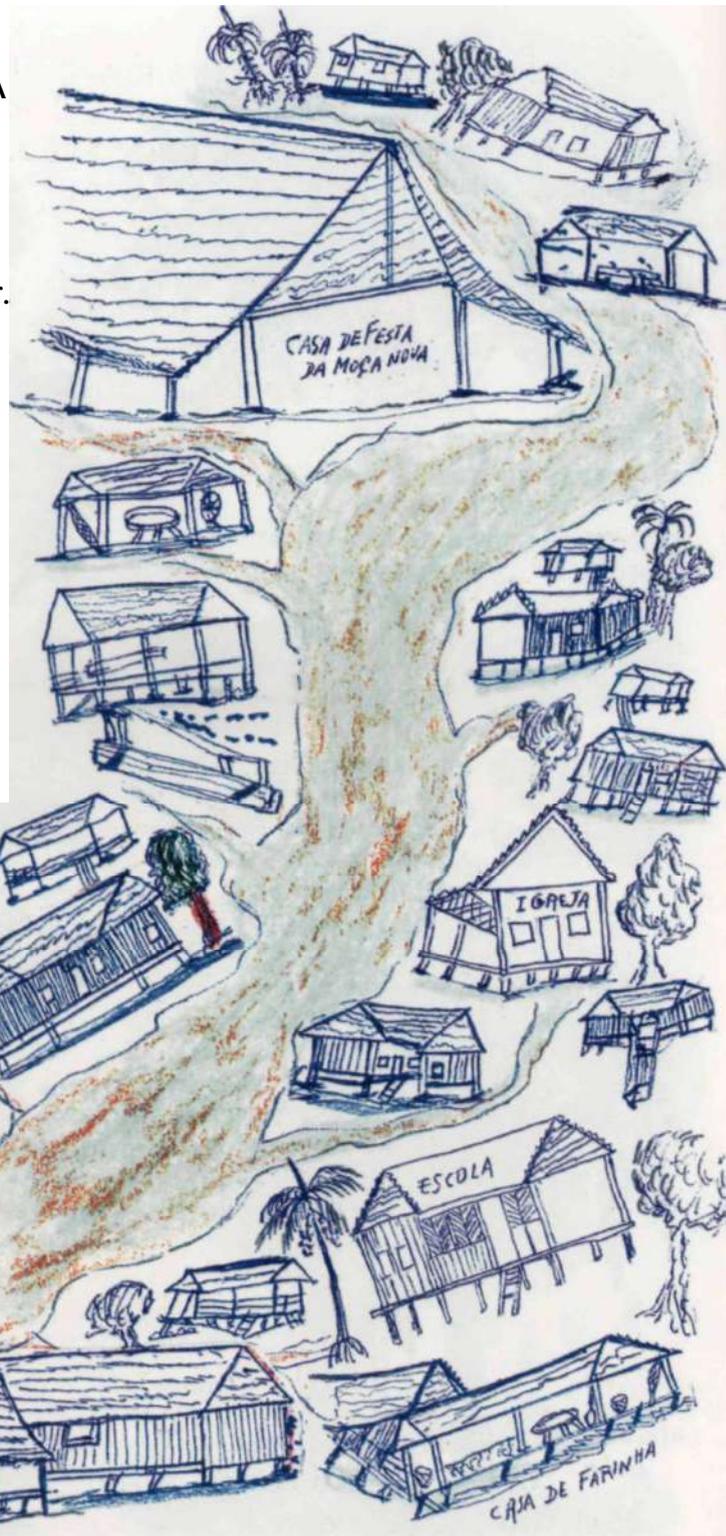


cupuí
barü

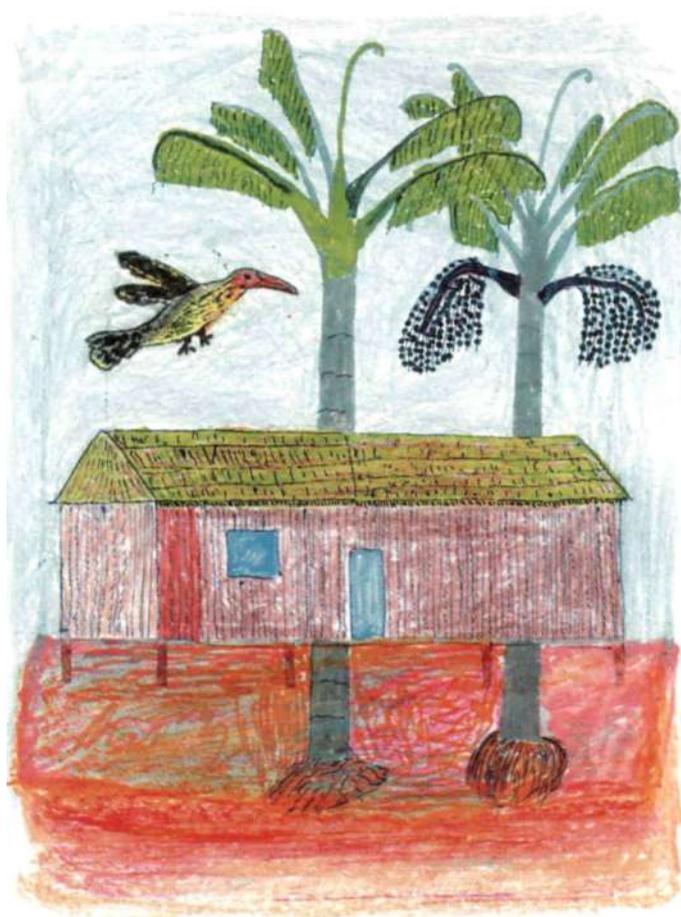


VIDA JUNTO COM A FLORESTA

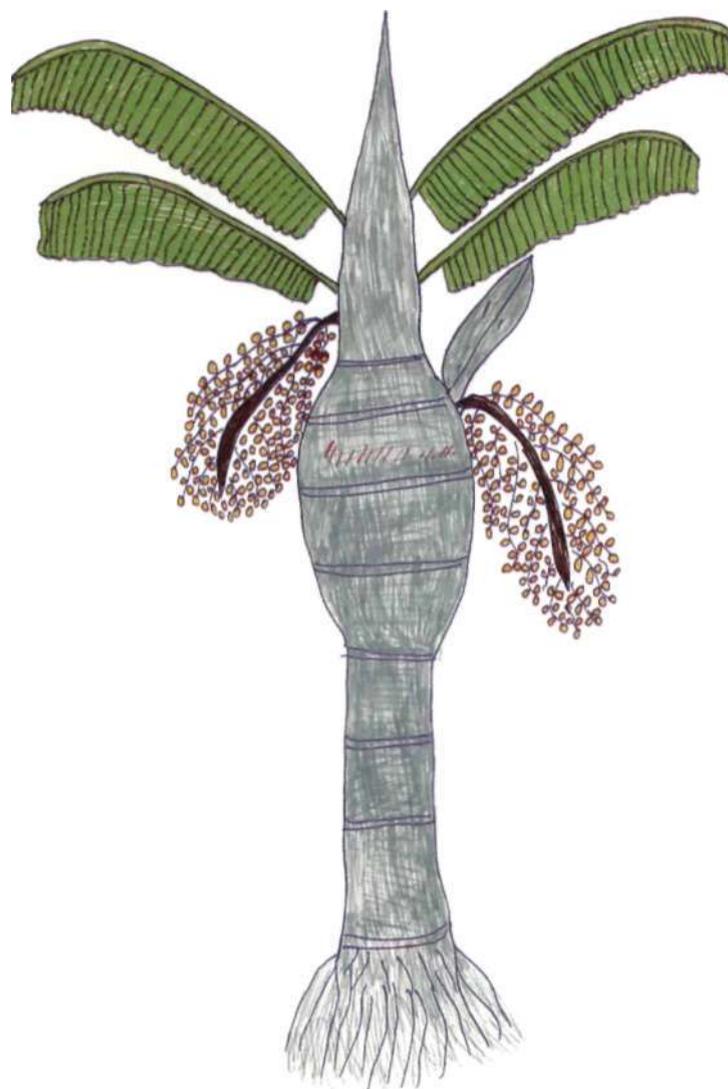
A nossa riqueza está na terra.
Na terra podemos formar nossas aldeias.
Podemos cultivar nossas roças.
Nos rios, igarapés e lagos podemos pescar.
Na floresta que cobre a terra tem
caça, remédios, frutas.
Tem madeira para construir a casa.
E madeira para construir a canoa.
Tem materiais para fabricar
os objetos da casa,
os brinquedos e os enfeites,
as tintas para pintar.
Tem materiais para fazer a festa,
as máscaras e os instrumentos musicais,
para fazer música.
Da floresta vêm as histórias para contar
e os espíritos que ajudam a curar.
Nossa vida anda junto com a floresta.



Na construção da casa usamos a madeira de várias árvores para fazer os barrotes, esteios, tábuas e listões. As mais importantes são: jacareúba, acapu, paracuuba, taniboca, maçaranduba, muirapiranga, matamata, pau-brasil, cedro, cedrorana, coquita, tento, louro-inamuí, capinuri, envireira, jacareúba, ucuuba, cauixe, andiroba, itaúba, louro-chumbo, marupá, mulateiro, sucupira. Com essas madeiras também construímos a casa de farinha, a casa de festa, a escola, a igreja e o posto de saúde.



Muitas casas têm as paredes e o assoalho feitos do tronco do açazeiro e da paxiúba-barriguda.



paxiúba-barriguda
ngape

As casas são cobertas principalmente com o caranã.
Mas também podem ser usadas as folhas de outras
palmeiras, como a jarina, patauá, urucuri, bacaba,
murumuru, ubim. Estas palhas servem ainda para cercar
a cozinha, cobrir a casa de farinha e o tapiri da roça.



caraná, tchuã



murumuru
murumuru



urucuri
morü



patauá
dü



bacaba
borua

Vários objetos que usamos na casa e no trabalho são fabricados com materiais que vêm da floresta.

Os aturas e outros cestos são feitos com os cipós que crescem nas árvores, como o cipó-titica, cipó-vambé e o cipó-chato.

Com o arumã fabricamos os pacarás, paneiros, tipitis e peneiras.

Com a palha do urucuri, da jarina e de outras palmeiras fazemos os cestos para transportar caça, frutos e produtos da roça.

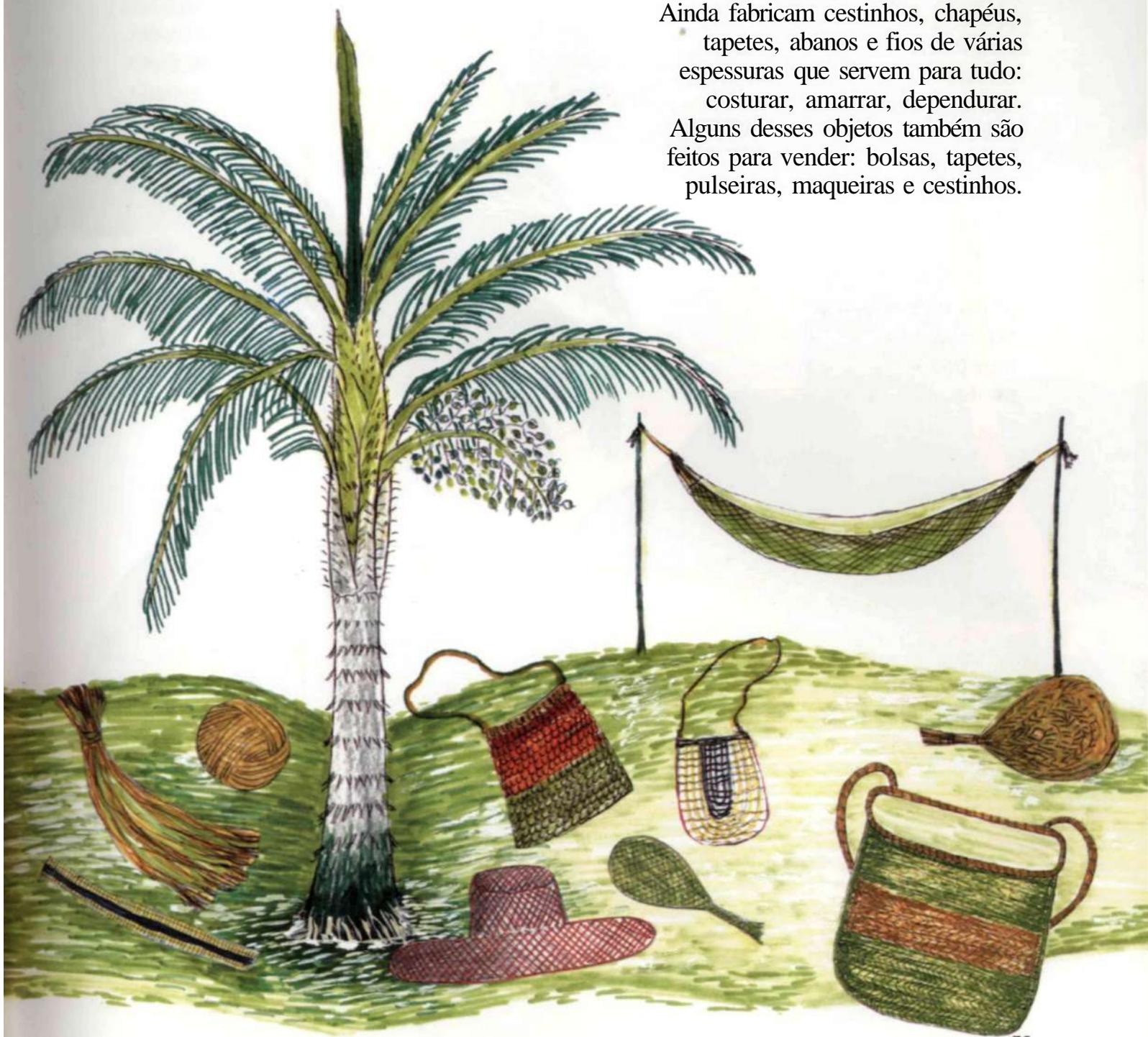


O quiricá é feito com madeiras pesadas, como a muirapiranga, a sapopema da taniboca, a sapopema da paracuuba e outras.

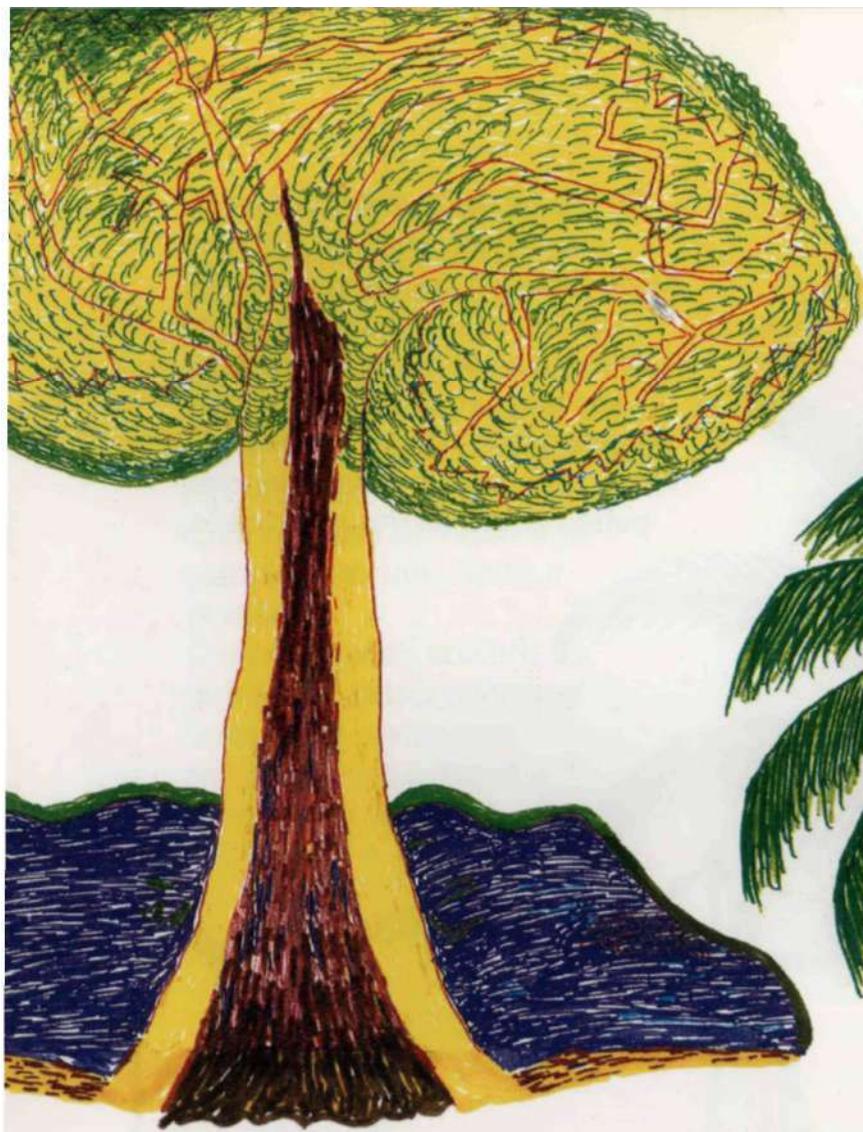
O cocho pode ser fabricado do tronco da limorana, da macacaúba, castanha-de-paca, cedro, taniboca ou tento.



Com o tucum as mulheres tecem maqueiras, pulseiras e bolsas. Ainda fabricam cestinhos, chapéus, tapetes, abanos e fios de várias espessuras que servem para tudo: costurar, amarrar, dependurar. Alguns desses objetos também são feitos para vender: bolsas, tapetes, pulseiras, maqueiras e cestinhos.

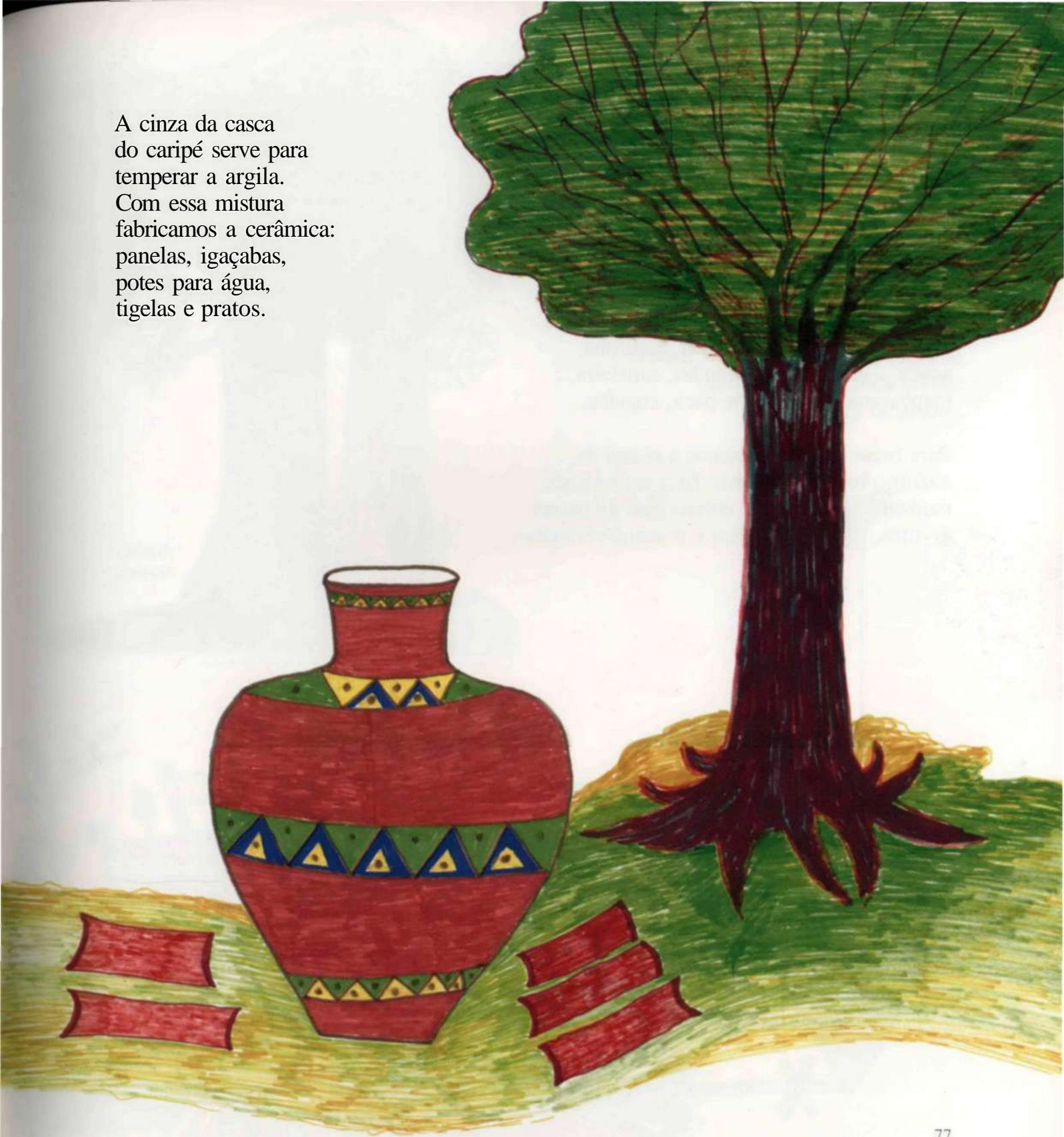


Para tingir o tucum usamos os frutos, as folhas ou a casca de diversas plantas. Algumas dessas plantas são cultivadas, outras buscamos na mata.



Da casca do pau-brasil tiramos o vermelho claro. Das folhas da pupunheira tiramos o verde.

A cinza da casca do caripé serve para temperar a argila. Com essa mistura fabricamos a cerâmica: panelas, igaçabas, potes para água, tigelas e pratos.

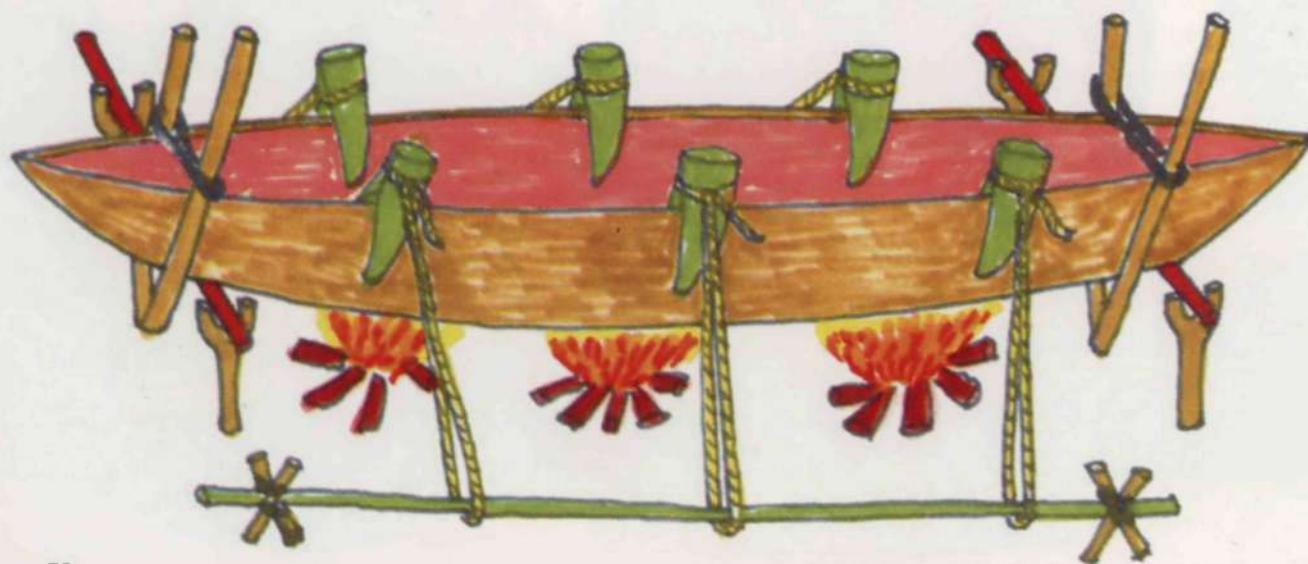


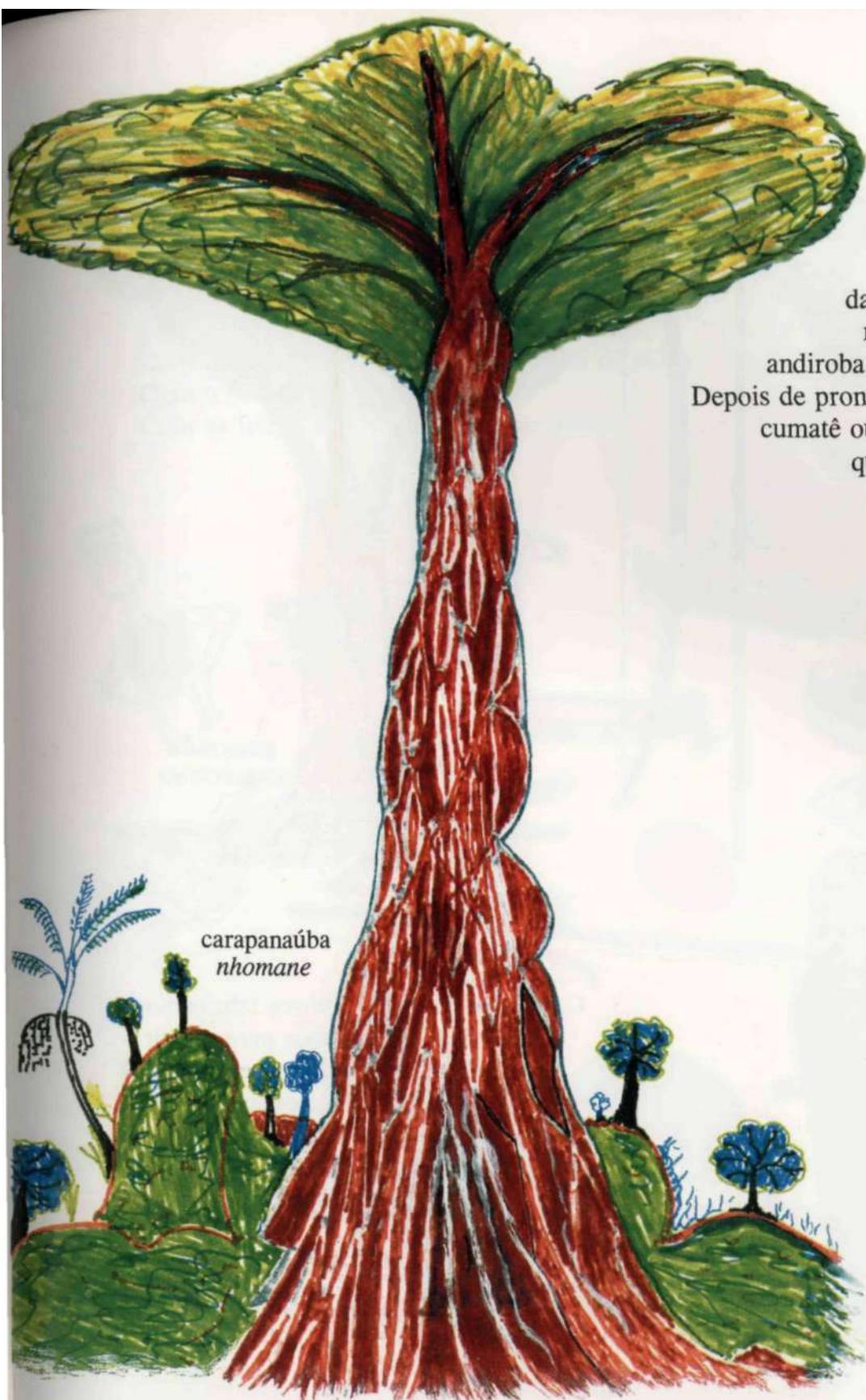
Para fabricar a canoa, primeiro é preciso cavar o tronco. Depois, com ajuda de tesouras e com o calor do fogo, a madeira vai se abrindo.

As melhores canoas são feitas do tronco da itaúba, taniboca, tento, louro-inamuí, cedro, guariúba, maúba e anaurá.

Mas também podem ser usados a limorana, andiroba, coquita, jacareúba, andiroba, açacu, cauixe, louro-chumbo, caneleira, maubarana, castanha-de-paca, copaiba.

Para brear a canoa, usamos a resina de anani, o breu verdadeiro. Esta resina pode também ser misturada com o leite de outras árvores, como a sorveira e o tururi-vermelho.

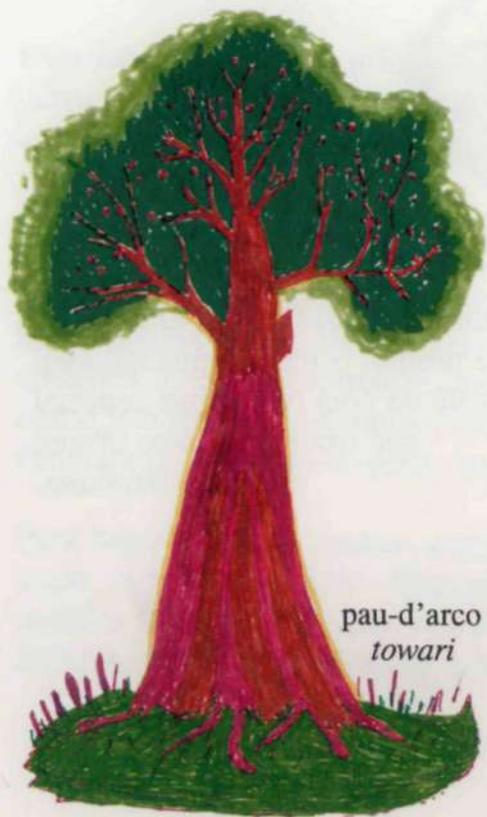




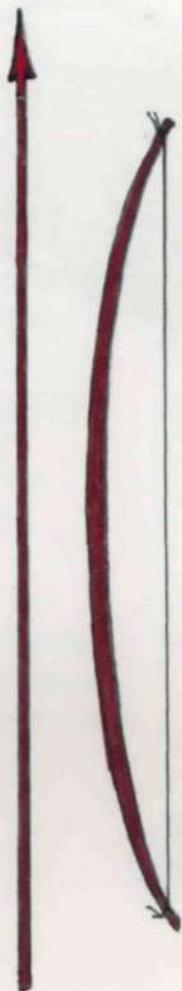
carapanaúba
nhomane

O remo pode ser feito da carapanaúba, pau-brasil, mulateiro, açacu, arapari, andiroba, jacareúba ou urucurana. Depois de pronto, o remo é pintado com cumatê ou com outra tinta especial que tiramos de uma árvore chamada *türabüne*.





pau-d'arco
towari



paracuuba
cumatchiwa



Com a madeira das árvores fabricamos as armas que usamos para pescar. A paracuuba, o pau-d'arco e o patauá servem para confeccionar os arcos. O arpão pode ser feito de paracuuba, paxiúba-barriguda ou patauá. As cordas são de tucum.

Os brinquedos são feitos pelas
crianças ou pelos pais das crianças.
Com a balseira e o buriti fabricam canoas,
barcos e remos de tamanho pequeno.
Com a muirapiranga confeccionam bonecos,
pássaros, jabutis, macacos e outros animais.
Com o coco de tucumã-piranga, fazem os piões.
Com o caroço de umari, os apitos.
Com as folhas das árvores, os cataventos.



AS ÁRVORES DOS REMÉDIOS

Certo dia, um homem foi para a terra firme atrás de chuchuacha. Seu pai estava doente, muito fraco. Procurou, procurou até que encontrou a árvore. Tirou um pouco da casca e levou para casa. Aí preparou o remédio.

A **chuchuacha** serve para curar várias doenças: fraqueza, palidez e reumatismo. A casca da **carapanaúba** é boa para quem sofre dos rins, fígado, anemia e dor no estômago.

A casca do **cedro**, bem cozida, serve para dar banho nas pessoas que sentem dores no corpo, para curar amebas e palidez.

A casca do **taperebá**, fervida, serve para lavar feridas e curar diarréias.

A casca queimada e transformada num pó bem fino serve para colocar no umbigo das crianças recém-nascidas.

A casca da **acapurana** cura diarréia, feridas e amebas. Também é usada pelas mulheres depois do parto e durante a menstruação.

A casca do **matamatá** é boa para cólicas, diarréia e amebas.

A casca do **muruchi** também serve para diarréia.

Outra árvore importante é a **andiroba**. De suas frutas retiramos um óleo que serve para tratar diarréia, tosse, dores musculares, coceiras e feridas.

O óleo da **copaíba** também cura vários tipos de doenças: asma, gripe, coqueluche, febre e dor de cabeça. Serve ainda para passar no corpo e tratar a coceira.

O leite da **sucuuba** serve para curar "peito aberto".

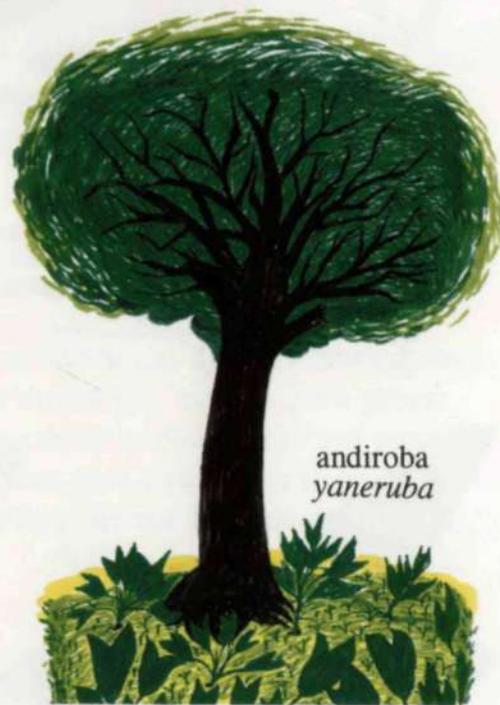
O leite deve ser tirado do tronco, do lado onde o sol se põe. Depois passa-se no local da dor ou faz-se um emplastro, usando um pano bem limpo.

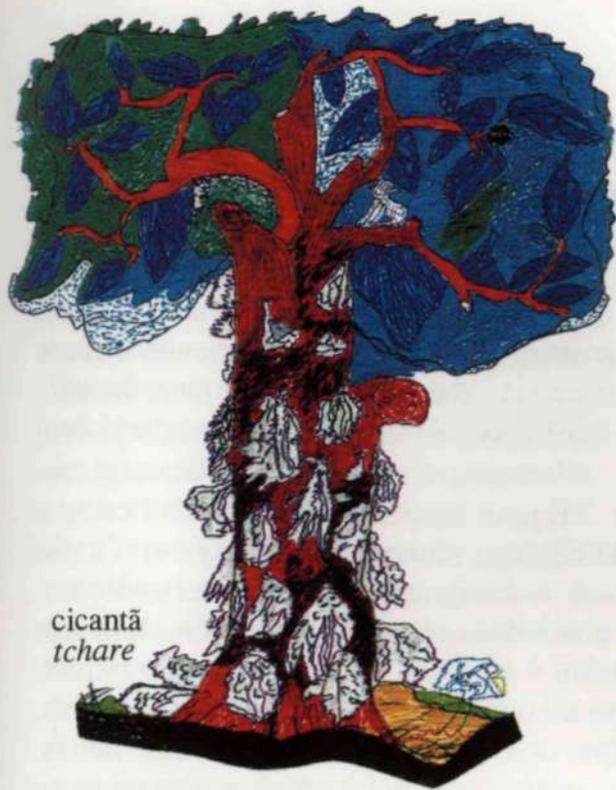
O tratamento deve ser na lua nova.

A resina do **cicantã** é boa para cheirar e assim alivia a dor de cabeça. Serve também para espantar a cobra-grande, *Yewae*.

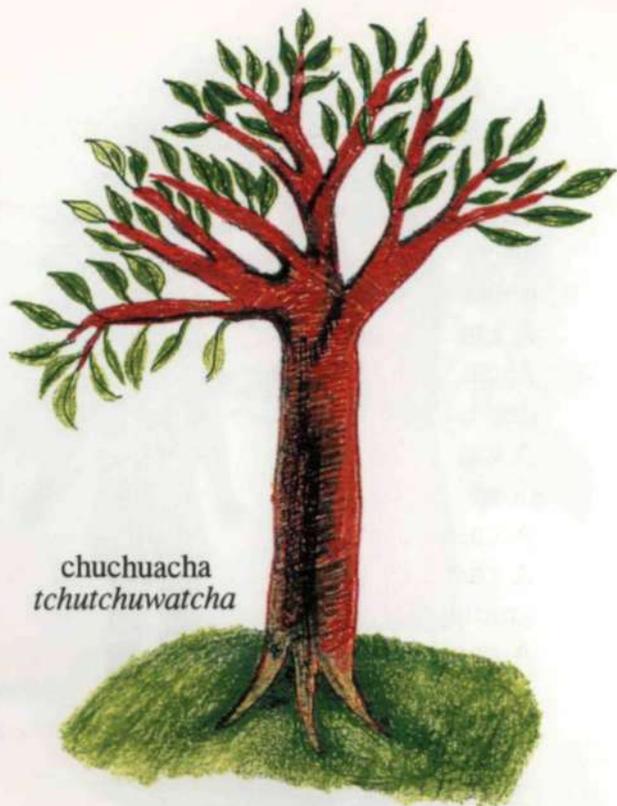
Para picada de aranha, defuma-se o local com **breu** e a dor passa. Defumam-se também as crianças para desentupir o nariz.

O chá da raiz do **açaí** é usado para disenteria, dor no estômago e amebas.

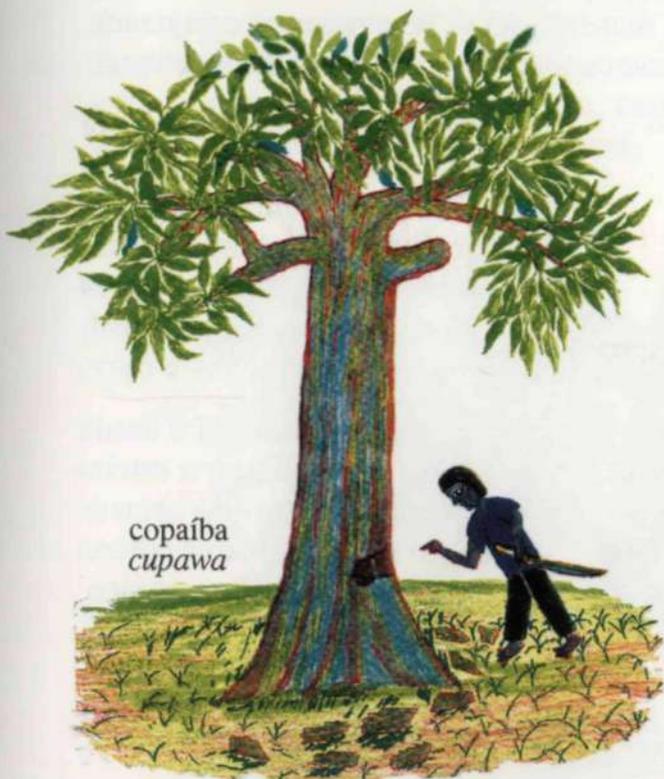




cicantã
tchare



chuchuacha
tchutchuwacha



copaíba
cupawa



acapurana
wocapurana

A FESTA DA MOÇA-NOVA



Quando uma menina fica moça, deve permanecer isolada, no mosquiteiro, em contato apenas com a mãe ou a tia. Enquanto a família prepara as bebidas e os moqueados, a moça aprende a fazer fios de tucum e a tecer bolsas.

Depois de uns meses, quando já está tudo pronto, a festa pode começar. É uma festa sagrada, que *Yo'i* criou e deixou no mundo para o povo Ticuna nunca esquecer suas tradições.

A cerimônia dura três dias e é muito bonita.

Tem danças e cantos.

Tem o som das flautas.

Tem a apresentação das máscaras.

Tem caçuma e pajauru.

Tem muita alegria.

Os braços do buriti servem para construir o *turi*: lugar onde a moça fica isolada durante a festa.

O *turi* é pintado com tintas tiradas das plantas, principalmente da açafroa, pacova, pau-brasil, urucu, pupunha e *bure*.

O buriti também é usado para confeccionar a esteira onde a moça fica sentada enquanto as mulheres cortam ou arrancam, pouco a pouco, os seus cabelos.



O taperebá é muito importante na festa. Suas folhas servem para abanar a moça depois da pintura com jenipapo. Assim todos os males afastam-se de seu corpo.

Dentro do *turi*, a moça segura-se num tronco fino de taperebá. Ela deve ficar acordada a noite toda para ouvir a aricana.

Depois que a moça sai do *turi*, ela corre pelo terreiro e atira um tição no tronco do taperebá para ter vida longa, muita sorte e muita fartura de peixe.

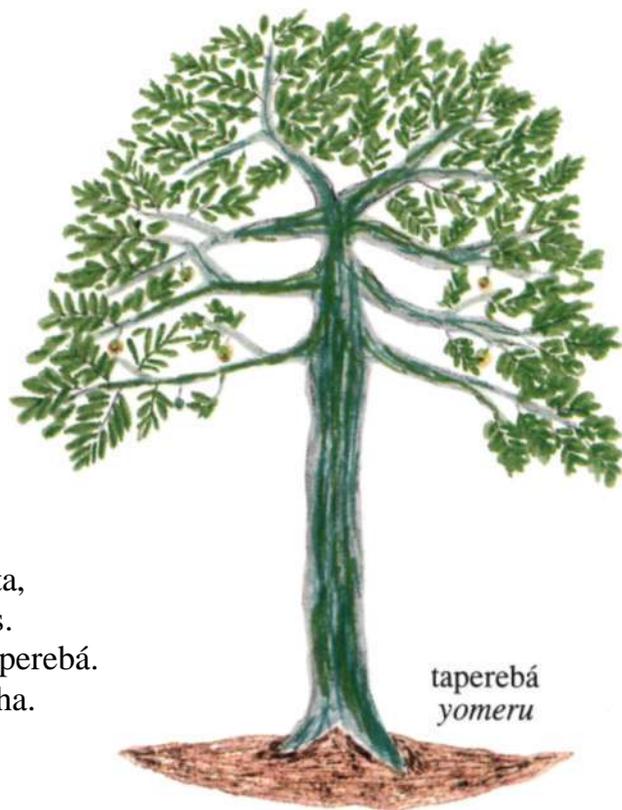
Os avais são amarrados numa vara de taperebá para fazer o chocalho, *aru*. Durante toda a festa, esse chocalho acompanha os cantos e as danças.

O casco do tracajá, *tori*, também é preso no taperebá.

A aricana, *to'cii*, é feita do tronco da paxiubinha.

À noite, a aricana fica num cercado construído com as folhas do buriti ou do caranã.

No mesmo cercado fica a aricana pequena, *iburi*, que acompanha o *to'cii*. Existem dois tipos de *iburi*: um deles fabricamos com o tronco da embaúba; o outro, com a casca de uma árvore chamada *duru*.



Nessa mesma festa, as crianças são pintadas e têm seus cabelos cortados. Quando o sol começa a nascer, os parentes passam o sumo do jenipapo no corpo da moça e das crianças.

Antes de colocar os enfeites, o corpo da moça e das crianças é pintado com uma mistura de urucu e leite da árvore do tururi-vermelho. Sobre essa pintura são colocadas penugens brancas de pássaros.

A armação do cocar, o manto e os enfeites dos braços da moça e das crianças são preparados com entrecasca branca, tirada de uma árvore especial: *naitchi*. Essa entrecasca usamos somente na festa.



As máscaras são fabricadas com a entrecasca de várias árvores. Algumas fornecem o tururi branco, outras o tururi vermelho ou marrom.

Na decoração das máscaras também usamos tintas naturais de diversas plantas. Algumas máscaras têm a cabeça ou a face esculpida em balseira. Outras têm a cabeça trançada em arumã, depois coberta com tururi. E outras ainda têm sobre o tururi uma pintura com breu, como a cabeça da máscara *O'ma*.

Na festa há muitas danças, que trazem alegria e aumentam a superfície da terra.
Na dança com os tamborins, os homens carregam um bastão, *du'pa*, feito de balseira, enfeitado com figuras de animais. No bastão prendem o tamborim, *tu'tu*, feito com o tronco escavado de certas árvores, como urucurana, caneleira, cedro, embaúba e balseira.
Nessa dança, os participantes usam um manto de folhas novas de buriti ou levam sobre o ombro folhas de uma outra palmeira que se chama *para*.
Na dança com os tucuns, feita para as crianças, as pessoas colocam as fibras sobre os ombros.



Na "dança do tracajá", também dedicada às crianças, usamos vários instrumentos: o chocalho de avai, o tamborim, o tambor de casco de tracajá e dois tipos de flautas, *cõiri* e *tchecu*. Essas flautas são fabricadas com uma taboca que se chama *cõiri*.

Com o coco do tucumã-piranga fabricamos colares e pulseiras.

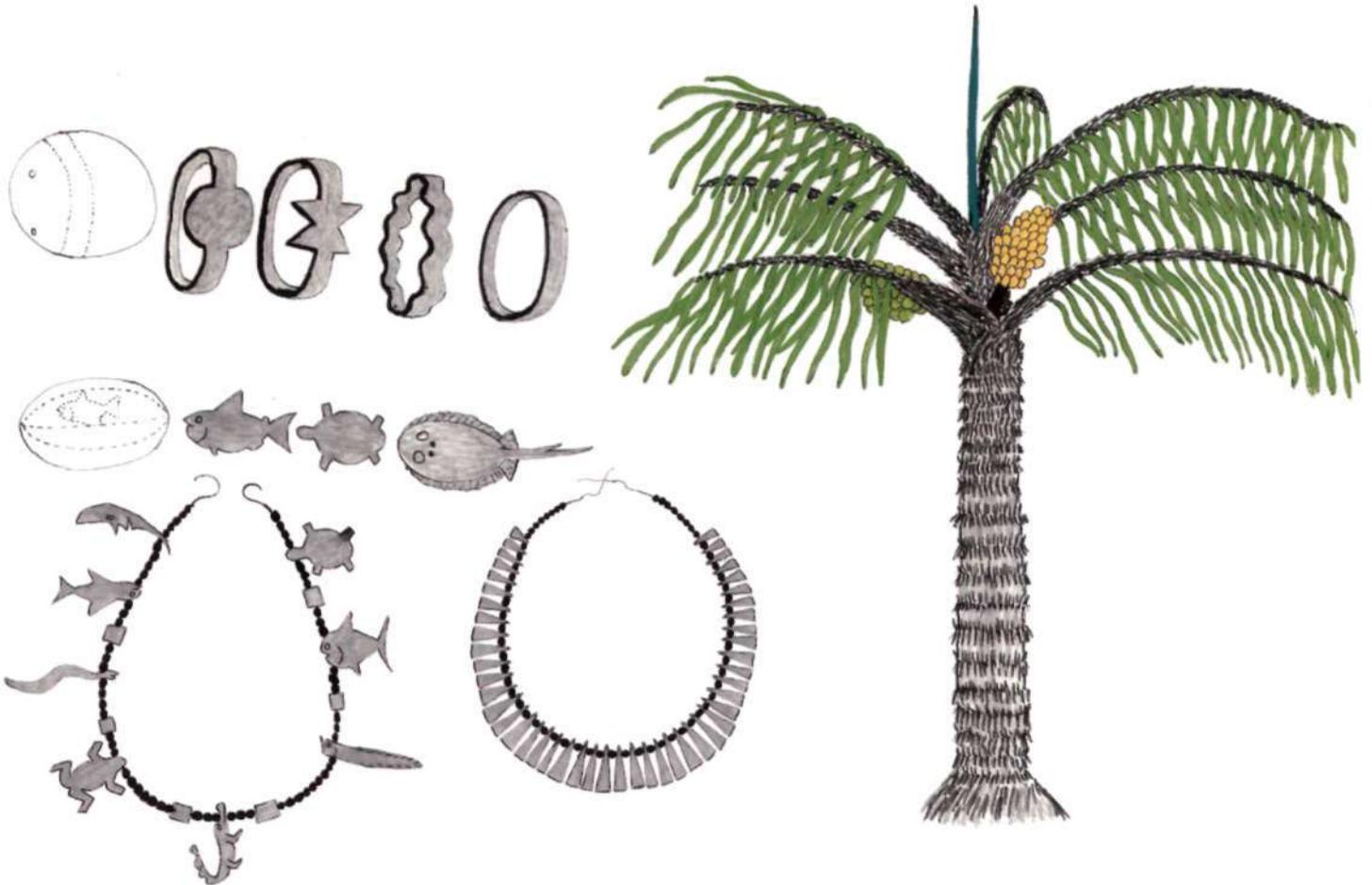
Os colares são formados por pequenas esculturas representando os animais que vivem na floresta e nas águas: sapo, cobra, jabuti, peixe-boi, boto, jacaré, tracajá, vários tipos de pássaros, vários tipos de peixes e os insetos, como borboleta, besouro, aranha, escorpião.

Essas figuras também podem ser esculpidas no coco da palmeira inajá.

Os anéis são feitos do coco do Javari, que é outra palmeira.

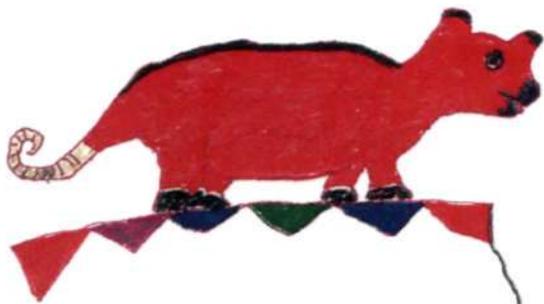
Para lixar as peças, usamos a folha da mapatirana, uma árvore que cresce na terra firme.

No desenho abaixo, o tucumã-piranga, *i'tcha*, e a maneira de cortar o coco para fazer os colares e as pulseiras usadas pelas crianças pequenas.

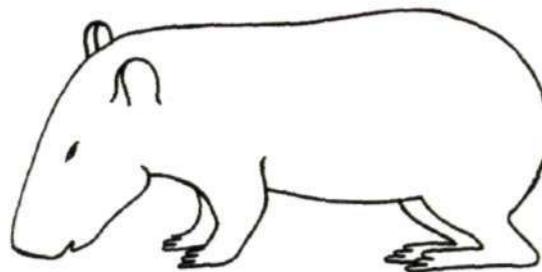
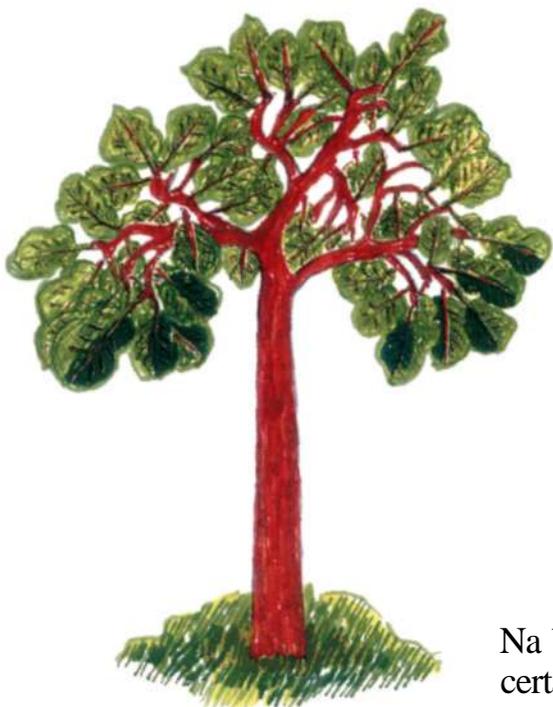
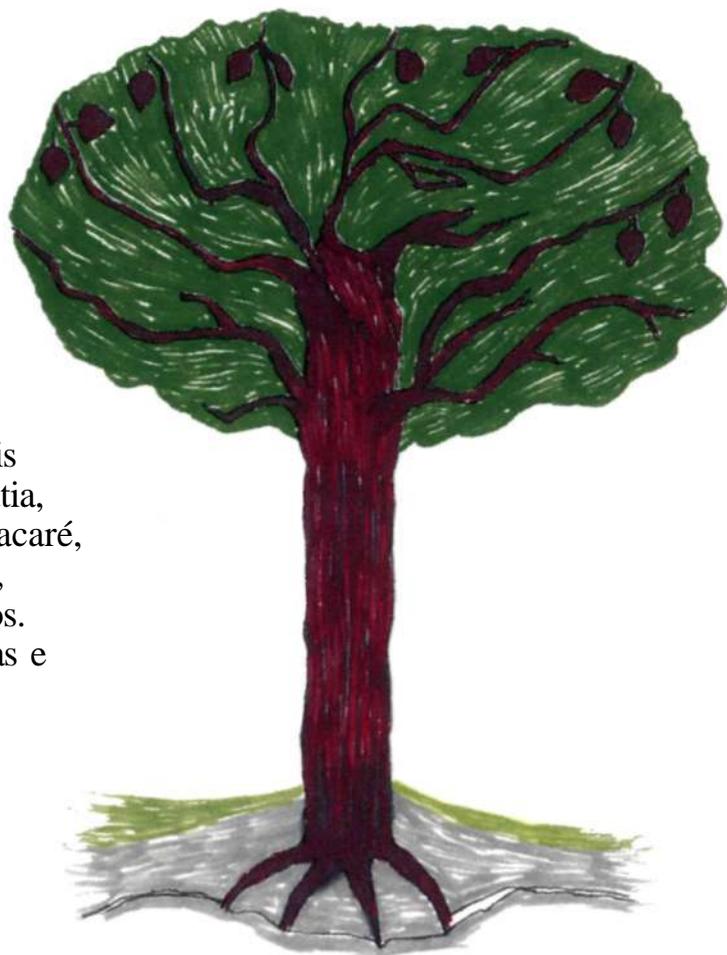


Outros tipos de colares são feitos com sementes.
No desenho abaixo, a árvore de tento, *muruweta*,
que fornece sementes pretas e vermelhas.

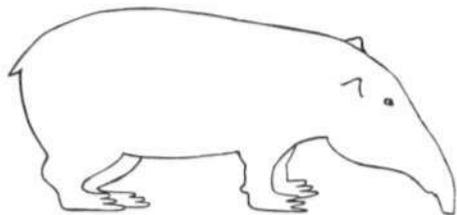
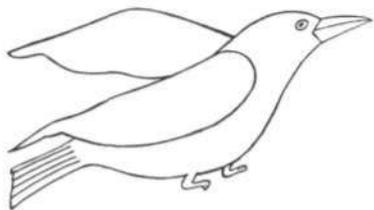




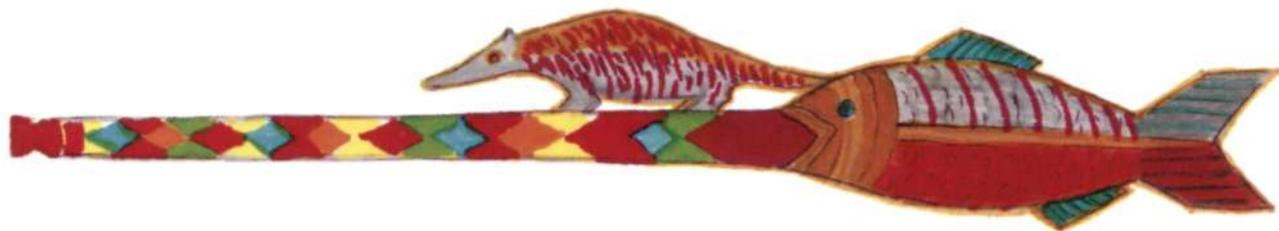
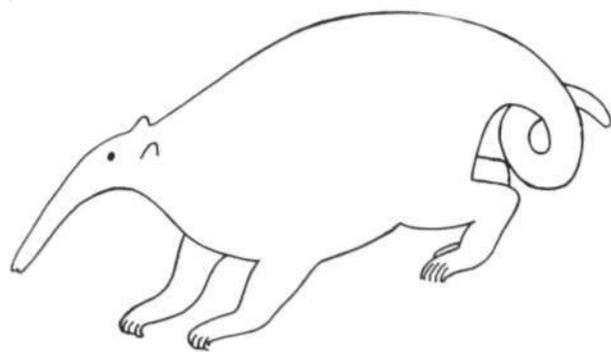
Com a madeira da muirapiranga, *puciire*, fazemos vários tipos de esculturas, onde representamos os animais que vivem na mata e nas águas: paca, cutia, anta, capivara, veado, mambira, cobra, jacaré, jabuti, tam, arraia, peixe-boi, boto, sapo, pássaros, peixes, macacos e muitos outros. Também fazemos figuras de gente, canoas e remos pequenos. Essa arte é produzida principalmente para vender.



Na balseira ou pau-balsa, *pune*, esculpimos a cabeça de certas máscaras e os bastões de dança usados na festa.



Nas plantas encontramos as tintas para pintar as máscaras, os escudos das máscaras, o *turi*, os bastões de dança, os tururis. O amarelo tiramos da raiz da açafroa; o preto ou o azul-escuro, dos frutos da pacova; o azul mais claro, das folhas do *bure*; o vermelho, dos frutos do urucu; o vermelho-claro, da casca do pau-brasil; o verde, das folhas da pupunheira. Nas pinturas também representamos os animais da floresta, os peixes, as plantas e outros motivos que fazem parte do nosso mundo.

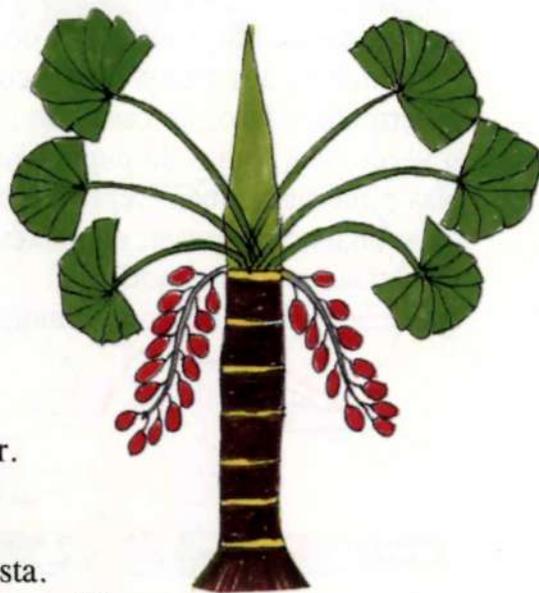


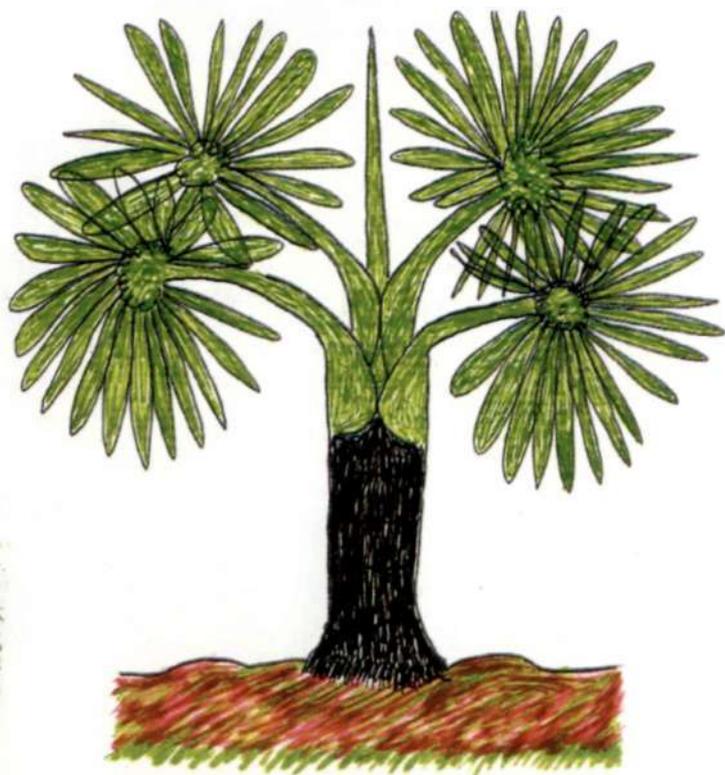
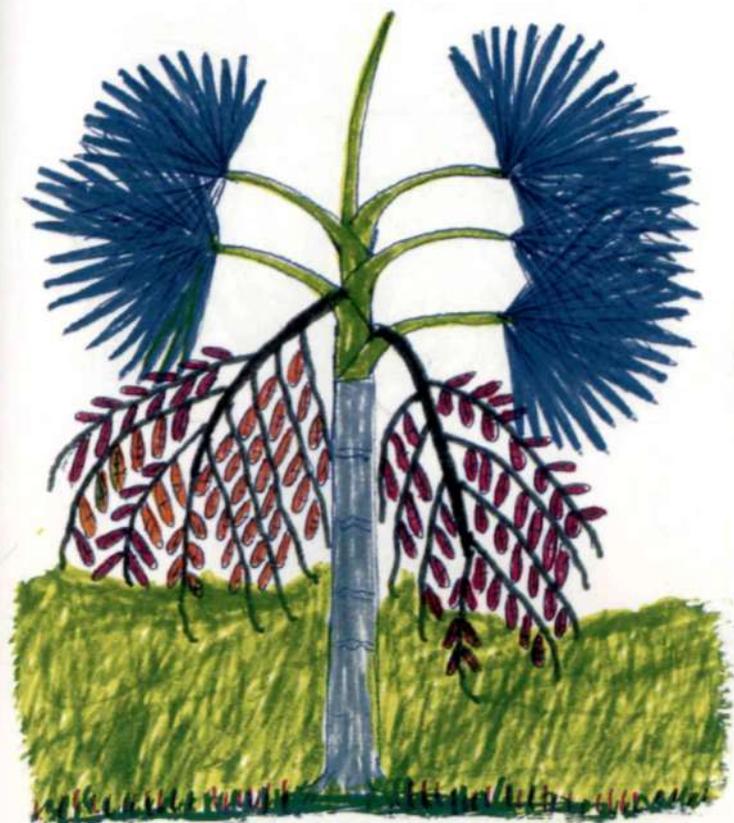
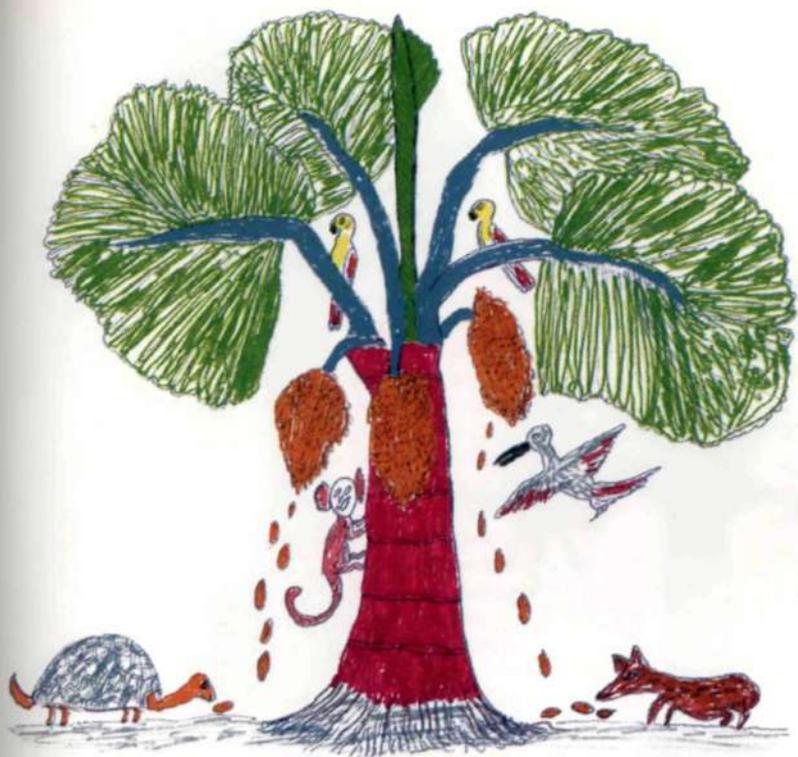
A IMPORTÂNCIA DO BURITI

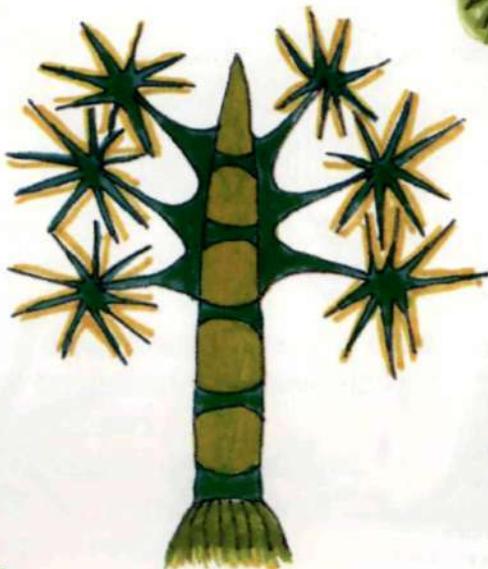
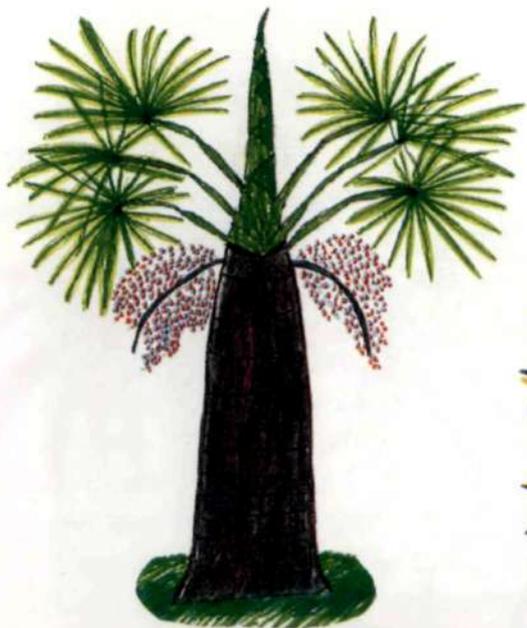
O buriti é uma palmeira grande, das mais bonitas.
Vários buritis formam o buritizal.
O dono do buritizal é o *Wüwürü*.
As frutas do buriti dão em cacho.
Quando amadurecem, ficam escuras e começam a cair.
As pessoas, então, podem tirar as frutas para comer.
Podem preparar o vinho.
E podem vender as frutas na cidade.
As frutas também alimentam os animais.
Com as folhas novas do buriti, os dançarinos da festa se enfeitam.
Com as outras folhas, os homens constroem o cercado do *to'cü*.
Com os braços do buriti, constroem o *turi*.
Com o buriti, as mulheres tecem a esteira da moça-nova.
A máscara *Mawü* carrega talinhos das folhas do buriti.
As crianças fazem brinquedos com o buriti.
As mulheres representam nos pacarás o desenho da casca do buriti.
O buriti serve para dar nome a uma nação.
As araras fazem seus ninhos no tronco velho do buriti.
Depois de muito tempo, o buriti cai.
No tronco caído cresce o muxiuá.
O muxiuá alimenta as pessoas e os animais.

Esse exemplo do buriti é para mostrar
que as árvores têm muitos significados para nós.
Fazem parte da nossa vida, da nossa cultura.
As pessoas estranhas, que vêm de fora,
não entendem esses significados.
Entram na mata e destroem tudo.
As árvores, a floresta, não tem sentido para elas.
Tem apenas o sentido do lucro que a madeira pode dar.

Este livro ajudará a lembrar que cada árvore
tem a sua importância. Que as árvores formam a floresta.
E a floresta é a maior riqueza que deixaremos para nossos filhos.







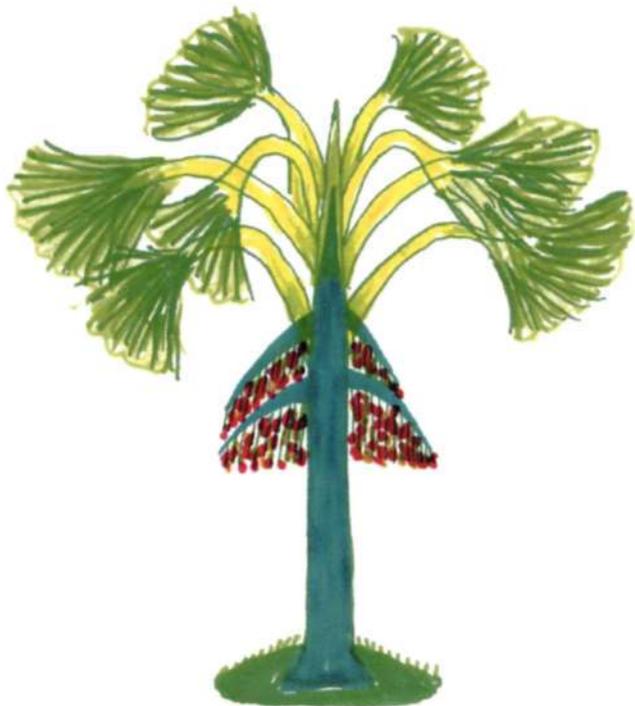
DESENHISTAS

- Pág. 8 - Diócino Sampaio Félix
Pág. 9 - Sansão Ricardo Flores
Pág. 10 - Iracy Fernandes Araújo
Pág. 11 - Geno Maximiano Bruno (mulateiro)
Artaete Pereira Barbosa (coquita)
Betovem Manoel Mário (matamata)
Teles Pedrosa Mariano (castanha-de-macaco)
João Otaviano A. Martins (seringueira)
Aitino da Silva Albino (anauírá)
Pág. 12 - Beatriz da Silva Gomes (envireira)
Lucinda Manoel Santiago (marupá)
Marculino Ramos Fernandes (maçaranduba)
Ézaro Santurnino Santana (taniboca)
Maria Terezinha F. Ataíde (embaúba)
Elias Fidélis Thomás (anani)
Pág. 13 - João Clemente Gaspar (cedrorana)
Deumar André Pereira (sucupira)
Delmiro João Félix (acapu)
Tadeu Jorge Sérgio (louro)
Liverino Haydes Otávio (cedro)
Francisco da Silva (ucuuba)
Pág. 14 - Francisco Gonçalves Ataíde
Pág. 15 - Dino Geraldo Alexandre
Pág. 16 - José Guedes Tenazor (jabuti)
Raimundo Leopardo Ferreira (cutia)
Pág. 17 - Santo Cruz Mariano Clemente (umari)
Reinaldo Otaviano do Carmo (moça)
Pág. 18/19 - Erudes Felipe Castro (jenipapo)
Pág. 19 - Manoel Jerônimo Inácio (homem)
Ronaldo Mariano Tenazor (homem)
Janice Pedro Tomás (mulher)
Pág. 20 - Valdino Moçambique Martins (avaí-verdadeiro)
Bernardo de Souza Agostinho (buriti)
Pág. 21 - Paulino Firmino Pite
Pág. 22 - Ondino Casemiro
Pág. 23 - Valdemir Herculano Jonas
Pág. 24/25 - detalhe de um painel coletivo
Pág. 26 - Manuel Romualdo Farias
Pág. 27 - Laurentino Gaspar Bezerra
Pág. 28 - Arlindo Tertuliano Albino
Pág. 29 - Valgnéia Mariano Tenazor
Pág. 30 - Manuel Abílio Ovídio
Pág. 31 - Carlos Albino Santana
Artêmio Bibiano Muratú
Cidberght Custódio Marques
Wilmar Augusto de Souza
Pág. 32 - Manoel Tenazor
Pág. 33 - Abel Julião Ferreira
Pág. 34 • Rufino Ovídio (*Daiyae*)
Davi Felipe (pê-de-jabuti)
Pág. 35 - Deusdete Parcia Félix
Pág. 36 - Nilson Adelino João
Pág. 37 - Nazareno Belém Marcos
Pág. 38 - Gilberto Alves Tertuliano
Pág. 39 - José da Silva
Pág. 40 - Paulo Felipe M. Olímpio
Pág. 41 - Arsênio Fernandes Torres
Pág. 42 - Diodato Otaviano Aiambo
Pág. 43 - Manduca da Silva
Pág. 44 - João Almeida Vasques
Pág. 45 - Manuel Nery
Pág. 46 - Floriano Marcos Custódio (cedro)
Pág. 47 - Alcides Luciano Araújo
Pág. 48/49 - detalhe de um painel coletivo
Pág. 50 - Francisco Otaviano do Carmo
Pág. 51 - Arindal Castilho Inácio
Pág. 52/53 - Jesus Caetano Fanário
Pág. 54 - Jonas Jorge Irino da Silva (macaco-leão)
Pág. 55 - Limberdes Dionísio Fidélis (camaleão)
José Costódio Marques (quatipuru)
Pág. 56 - Xisto Batista Muratú
Pág. 57 - Artur Cândido Arapasso
Pág. 58 - Paulo Ramos Lopes



- Pág. 59 - Gilberto Alves Tertuliano (capinuri)
 Pág. 60 - Francisco Otaviano do Carmo
 Pág. 61 - Ozino Benedito Pedro
 Pág. 62 - Gilberto Romão Salvador (muruchi)
 Manuel Alfredo Rosindo (flor de sapota)
 Pág. 63 - Florinda Costódio Manoel (piranheira)
 Pág. 64 - Edilson Almeida (cipó-vambé)
 Pág. 65 - Diócino Sampaio Félix (abacaxirana)
 Pág. 66 - Júlio Mariano Luiz
 Pág. 67 - Nilson Adelino João (abiurana)
 Pág. 68 - Manuel Alfredo Rosindo (mapati)
 Carlindo Macário Manduca (Jutaí)
 Luzmarina Honorato Mendes (manixi)
 Zezina Rabelo Luciano (sorva)
 Pág. 69 - Carlindo Pedro Firmino (uixi)
 Nogenei Lima Inácio (araçá)
 Carmelita Pedro Vêu (pamá)
 Orácio Ataíde (araratucupi)
 Adelmo Fernandes (cupuí)
 Nestor Valdeci dos Santos (mulher)
 Pág. 70 - Valdemir Herculano Jonas (aldeia)
 Pág. 71 - Davi Fidélis Macário (casa e açai)
 Miguel Avelino Firmino (paxiúba-barriguda)
 Pág. 72 - Neli Pedro Inácio
 Pág. 73 - Nilson Adelino João (murumuru)
 Evandro Basílio João (patauá)
 Sebastião Augusto Torres (urucuri)
 Nazaré Arcanjo Eleotério (bacaba)
 Pág. 74 - Lauro Mendes Gabriel (mulher com quiricá)
 Fábio Antônio Demétrio (mulher com peneira)
 Jaime Custódio Manuel (cestos)
 Pág. 75 - Anízio Roberto da Silva (tucumã e objetos)
 Ermerindo João Aprício (objetos)
 Pág. 76 - Damião Abílio José (pau-brasil)
 Geraldino Félix Gustavo (pupunha)
 Pág. 77 - Zequinho Firmino Laurentino (caripé)
 Pág. 78 - Osvaldo Alfredo Avelino (itaúba)
 Horácio Ataíde (canoa)
 Pág. 79 - Sildomar Macário Estolando (carapanaúba)
 Enézio Parente Geraldo (remo)
 Pág. 80 - Félix Pinto Gomes (pau-d'arco)
 Jazão Pereira Dorotéio (paracuuba)
 Nogenei Lima Inácio (homem)
 Pág. 81 - Herminia Martins Guedes (menina)
 Paulo Felipe M. Olímpio (brinquedos)
 Pág. 82 - Afonso Batalha Américo (andiroba)
 Pág. 83 - Valdemir Herculano Jonas (cicantã)
 Anízio Guedes Pereira (chuchuacha)
 Anita Fermin Vasques (copaiba)
 Damião Carvalho Neto (acapurana)
 Pág. 84 - Nazareno Pereira Cruz (moça-nova)
 Fausto Alfredo Rosindo (*turi*)
 Pág. 85 - Adélia Luiz Bitencourt (taperebá)
 João Otaviano do Carmo Filho (avaí-comum)
 Saturnino Jesuíno Jumbato (paxiubinha)
 Pág. 86 - Fábio Antônio Demétrio (tururi-vermelho)
 Raulino Juvelino Rabelo (*O'ma*, pai-do-vento)
 Pág. 87 - Teles Pedrosa Mariano (dançarino)
 Hilda Pedro Tomás ("dança do tracajá")
 Pág. 88 - Jonas Jorge Irino da Silva
 Pág. 89 - Eliano Guedes do Carmo
 Pág. 90 - Samuel Ramos (mucura)
 Wilson Dário da Costa (muirapiranga)
 Claudionor Nicanor Augusto (balseira)
 Jaime Custódio Manuel (capivara)
 Pág. 91 - Jaime C. Manuel (pássaro, anta, mambira)
 Jesus Caetano Fanário (escudo de máscara)
 Anízio Guedes Pereira (bastão de dança)
 Pág. 92 - Etevir Horácio Vasques
 Lucinda Manoel Santiago
 Pág. 93 - Darciano Manduca Bibiano
 Rainha Costódio Firmino
 Laurentino Gaspar Bezerra
 José Gabriel de Araújo
 Pág. 94 - Francisco Julião Ferreira
 Alberto Bartolomeu Lito
 Ofir Marculino Aiambo
 Fanito Manduca Ataíde
 Euclides Custódio Rabelo
 Bernardo Marculino Aiambo
 Pág. 95 - Saturnino Jesuíno Jumbato
 Pág. 96 - Tarcílio Tauana Batalha

Fotografias de Jussara Gomes Gruber





A floresta é a maior riqueza
que deixaremos para nossos filhos.



MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E DO DESPORTO

APOIO:
● PNUD
● PROJETO NORDESTE